

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PROPOSTA PELA ECOLOGIA ONÍRICA: UMA
RELEITURA DO AMBIENTE EXTERNO-INTERNO DAS CASAS DA CIDADE DO
RIO GRANDE SOB A PERSPECTIVA POÉTICA.**

Fernanda Turnes Edom

Rio Grande, fevereiro de 2012.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PROPOSTA PELA ECOLOGIA ONÍRICA: UMA
RELEITURA DO AMBIENTE EXTERNO-INTERNO DAS CASAS DA CIDADE DO
RIO GRANDE SOB A PERSPECTIVA POÉTICA.**

Fernanda Turnes Edom

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães
Rodrigues

Colaboradora: Prof^a. Dr^a. Carmem G. Burgert
Schiavon

Rio Grande, fevereiro de 2012.

TERMO DE APROVAÇÃO

Fernanda Turnes Edom

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PROPOSTA PELA ECOLOGIA ONÍRICA: UMA RELEITURA DO AMBIENTE EXTERNO-INTERNO DAS CASAS DA CIDADE DO RIO GRANDE SOB A PERSPECTIVA POÉTICA.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues
Orientador – Instituto de Educação, FURG

Profa. Dra. Carmem G. Burgert Schiavon
Colaboradora – Instituto de Ciências Históricas, FURG

Prof. Dr. Vilmar Pereira
Instituto de Educação, FURG

Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi.
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Pelotas, UFPEL

Rio Grande, fevereiro, 2012.

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a duas pessoas que, mesmo não estando mais aqui, continuam nas minhas lembranças, nos meus sonhos felizes e vivos em meu coração: Vô José e Vó Alva.

Avós zelosos e carinhosos que encantavam a todos da família. Donos de uma grande casa cor de rosa que reunia, abrigava e aconchegava a todos que ali chegavam, ensinando a cada gesto o que é ser família, a importância da família, do respeito e do bem querer. Valores que se eternizarão nas sementes que deixaram.

A minha necessidade de conhecer e estudar sobre casas nasceu desta casa, pois ali conheci um lugar de amor, a casa dos sonhos felizes.

Obrigada...meus amorzinhos (assim eles se chamavam).

Saudades...

AGRADECIMENTOS

Esta Dissertação só se tornou realidade pela colaboração e apoio de muitos. Deste modo, agradeço:

- aos queridos atores da pesquisa, Seu Antônio e esposa, Dona Nicole, Dona Carmem Helena e esposo, Martha e família, Edméia e família, e Rogério e Fabiane por sua generosidade em abrirem as portas de suas casas e, de certo modo, expor sua intimidade em prol do conhecimento científico. Sem vocês, este trabalho não existiria;
- ao querido Prof. Dr. Pablo René Estevez, a quem tenho imensa admiração. Por ensinar-me a Educação Estética Ambiental com tanta beleza, motivando-me a cursar o mestrado; aos secretários do PPGEA, especialmente ao Gilmar, pela paciência, carinho e disposição para ajudar sempre; aos colegas de mestrado, por terem sempre uma palavra, ideia, texto e livro para enriquecer a pesquisa; aos professores do PPGEA, por apresentarem universos antes desconhecidos da Educação Ambiental;
- aos meus queridos e dedicados Prof. Dr. Orientador Victor Hugo Rodrigues e Prof^a. Dr^a. Colaboradora Carmem G. Schiavon (minha eterna coorientadora) por toda a orientação, carinho, paciência e confiança que depositaram em mim neste tema de pesquisa tão inusitado e íntimo. Suas palavras, ensinamentos e paixão foram fundamentais para a pesquisa e para minha vida;
- aos meus amigos, especialmente ao Scooby (Renato), por estar sempre pronto a ouvir meus desabafos e a me ajudar, inclusive com a Dissertação;
- a minha família, minha riqueza, meus pais Eliani e José Francisco e minhas irmãs Lu, Tica e Fran, por todo apoio, carinho e amizade que me fortalecem, fazendo-me seguir adiante; ao meu afilhado Bernardo, minha paixão, pela inspiração que me dá por ser uma linda criança e pela paciência em sempre esperar-me para brincar; aos meus sobrinhos Andressa e Benício pelas alegrias e energia que me recarregavam; ao meu coelho tão amado Cheri, à cadela Gresca ao e meu cão amigo e fiel Shezinho, por ficarem por horas do

meu lado, olhando-me, cuidando-me, dando-me carinho e enchendo o meu dia de alegria, contagiando o meu trabalho;

- a Deus, por dar-me saúde e todos os sentidos necessários para viver, conviver e produzir, bem como presentear-me com tantas pessoas, bichos e casas especiais que norteiam minha vida.

Finalmente, agradeço ao investimento da Bolsa CAPES D-S e CAPES REUNI, fonte de meu sustento e investimento no futuro.

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2. CAPÍTULO I - A CASA COMO GÊNESE: UM DIÁRIO DA INTIMIDADE	28
2.1. O CAMINHO DE CASA ATÉ A PESQUISA	30
2.2. AS MEMÓRIAS DE UMA CASA FELIZ	32
2.3. ENTRE A CASA E A RUA: AS INVENÇÕES DO BRINCAR.....	40
2.4. A CASA ONDE NASCI	46
2.5. AS CASAS QUE MORAM EM MIM.....	56
2.6. A CASA ONDE EU MORO	64
2.7. O ESPÍRITO DA MORADA	72
2.8. ABRINDO A PORTA DE CASA PARA A PESQUISA	74
3. CAPÍTULO II – O HOMEM E O SEU AMBIENTE: A CASA E SEU ESPAÇO FÍSICO	79
3.1 OS CAMINHOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	79
3.2. A EDUCAÇÃO ESTÉTICA AMBIENTAL	83
3.3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL, A ESTÉTICA E O AMBIENTE CONSTRUÍDO	87
3.4. A CASA	91
3.5 A CASA DE ALGUMAS CIVILIZAÇÕES	95
3.6 A CASA DOS MORADORES ENTREVISTADOS.....	101
4. CAPÍTULO III – O HOMEM E O SEU AMBIENTE: A QUALIDADE DE VIDA A PARTIR DA CASA.....	110
4.1 A PSICOLOGIA AMBIENTAL	110
4.2 INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA AMBIENTAL NOS ESPAÇOS CONSTRUÍDOS	113
4.3 A RELAÇÃO HOMEM E O ESPAÇO FÍSICO	115
4.3 AS RESPOSTAS HUMANAS A CASA	121
4.4 PERCEPÇÕES DAS CASAS ENTREVISTADAS	124
5 CAPÍTULO IV – O HOMEM E O SEU AMBIENTE: AS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO COM A CASA	137
5.1. PERCEPÇÕES DAS CASAS DA PESQUISA.....	137

5.1.2	A Casa do Colorado	153
5.1.3	A Casa do Recanto do S. Bento	155
5.1.4	A Casa da Independência	157
5.1.5	A Casa do Sossego	160
5.2.	O DIÁRIO DE BORDO DOS ENCONTROS COM OS MORADORES E SUAS MORADAS.....	162
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	172
7.	FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	186
	ANEXOS	190

RESUMO

O ser humano vive maior parte do seu tempo em contato direto com o ambiente construído, portanto tornou-se fundamental pesquisar as relações de alteridade, qualidade de vida e pertencimento dentro de um espaço específico, a casa. Ressaltando que a casa nesta pesquisa é todo e qualquer lugar de moradia, percebe-se que ela exprime um estilo de vida, ou seja, um modo de viver e conviver, de pensar, de sentir, e de se relacionar com as pessoas e com o espaço. A partir das relações de seis moradores do Município de Rio Grande com suas respectivas casas pudemos conhecer os processos que ali ocorrem e quais são os efeitos deles na vida e atitudes de cada morador dentro e fora da morada. O estudo é fundamentado primordialmente na Educação Ambiental e na Ecologia Onírica. Mais especialmente, na Educação Estética Ambiental e Educação Estética Onírica, porém também dialoga com outras áreas do conhecimento, como a Psicologia Ambiental. Esta avalia e compreende o homem, como ele reage, interpreta e sente os espaços, e conseqüentemente, como ele é constituído através de todas as experiências, vivências, memórias neste meio tão íntimo que é a casa de cada um. O objetivo da pesquisa foi, a partir das relações dos moradores entre si e com o espaço da casa, conhecer qual é o significado desta na vida dos seus moradores, despertar a valorização do espaço/morada e o sentimento de pertencimento a ela, promovendo através dessa consciência uma maior qualidade de vida dentro e fora de casa.

PALAVRAS CHAVES: Educação Estética Ambiental, casa, Ecologia Onírica, pertencimento, qualidade de vida e Psicologia Ambiental.

ABSTRACT

The human beings live most of their lives in direct contact with the built environment, therefore searching the relations of otherness, life quality and membership inside a specific space: the house, became fundamental. Highlighting that the house in this research means all and every place of living, it is noticed that it expresses a life style, i.e. a way of living and connecting, of thinking, of feeling, of relating with people and with space. From six citizens of Rio Grande and their relationships with their respective houses we could know the processes that happen there and the effects they cause in the lives and attitudes of each resident inside and outside their houses. The study is fundamentally based on Environmental Education and Oneiric Ecology. More specially, on Esthetical Environmental Education and on Esthetical Oneiric Education; however it also dialogues with other fields of knowledge such as Environmental Psychology. It evaluates and understands the human beings, how they react, interpret and feel the space, and consequently, how they are made from all the experiences and memories lived in this place that is so intimate: each person's house. The goal of this search was, according to the relationships between the residents with each other and the space of their houses, to establish the meaning of the house in its resident's lives, to awake the valorization of the space/house and the feeling of membership in it, promoting through this consciousness a better life quality inside and outside the house.

KEY WORDS: Esthetical Environmental Education, house, Oneiric Ecology, membership, life quality and Environmental Psychology.

A casa

*Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada*

*Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não tinha chão*

*Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede*

*Ninguém podia fazer pipí
Porque penico não tinha ali*

*Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero*

Vinícius de Moraes

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na vida, encontramos diferentes caminhos a serem escolhidos, e por diversos motivos, um percurso acaba sendo o mais convidativo e atrativo a ser percorrido. De igual forma, hoje estou aqui, pois todos os passos, por vezes até incertos, trouxeram-me para esta direção, sendo assim, dialogarei, neste primeiro momento do presente estudo, a escolha do tema desta pesquisa mais detalhadamente e qual o significado que este tem, e sempre teve, na minha vida.

Ao lembrar-me dos momentos mais felizes de minha vida, percebo que o ambiente que os cercam não é o parque de diversão, uma festa, a escola, uma viagem a alguma bonita região ou qualquer outro lugar que as crianças normalmente amariam ir. Todos os momentos mais felizes da minha vida, momentos os quais eu voltaria no tempo por um minuto se me fosse possível, foi em uma casa, a casa dos meus avós maternos, Alva e José.

Incrível imaginar que a simples casa de um casal de idosos poderia ser o cenário de momentos de extrema felicidade na vida de uma pessoa, mas sim, é possível e, realmente, um fato. Ainda hoje, consigo lembrar-me de cada detalhe daquela casa, como: a cor das paredes, os objetos, a disposição dos móveis, os móveis novos e aqueles que nós crianças podíamos usar sem medo de estragar, os ambientes mais reservados às visitas ou por mera privacidade. O piso, o teto, o som da campainha, o som do sapato da vó Alva ao caminhar no piso de taco, o barulho do vidro da porta de entrada trepidando ao fechá-la ou abri-la, e do vô José em seus afazeres no pátio da casa, sempre ao som de um rádio, ouvindo música. Lembro-me de mim criança e da minha alegria em ir visitá-los todos os dias, fazer desenhos para presenteá-los e brincar com minhas irmãs e meus primos o tempo inteiro enquanto os adultos conversavam entre si.

Cada registro em minha memória daquele espaço reforça o sentimento de pertencimento que eu tinha daquele lugar. Aquele foi o lugar, o primeiro ambiente no qual obtive as mais significativas vivências de viver e conviver, onde experimentei sentimentos diversos. Um lugar que conheci, amei e preservei na minha memória enquanto patrimônio estético particular. Obviamente, o espaço físico em si, especialmente quando eu era criança, não tinha tanto significado como tem hoje ou,

ao menos, eu não possuía tal consciência. Naquele espaço, o mais importante era a presença daquelas duas pessoas, meus avós, que despertavam em mim um amor e admiração imensos e, por quem hoje, tenho indescritível saudade.

A partir de toda a minha alegria baseada e encontrada nas relações mais básicas de afetividade, como as relações familiares e o abrigo físico que as protegia diariamente, fez-me com o tempo desenvolver um sentimento questionador de por que as pessoas não eram tão felizes dentro de casa quanto eu me considerava, por que muitos não gostavam de suas casas, bem como de ficar nelas por longos períodos e por que não gostavam de visitar os avós, entre outros questionamentos.

Fui crescendo, mas sempre com esta inquietação, do motivo de se correr tanto atrás de algo que está logo ali, pertinho, dentro de casa. E assim, a casa dos meus avós, a casa dos meus pais e toda e qualquer casa com seu universo particular que vai desde o físico ao subjetivo rondaram meus pensamentos. Por todos os lugares que viajei como turista, em lugares nos quais morei e por ruas de qualquer cidade por onde passei, sempre observei as residências, sua arquitetura, cores, jardins e as pessoas. Esticava-me para ver além das janelas, espiando e/ou imaginando como eram as peças e a decoração das salas, como seria a vida daquelas pessoas, como elas seriam, quais os seus gostos, se eram felizes e se reconheciam em suas casas um lugar especial, o mais especial de todos os lugares.

Fiz a faculdade de Letras, encontrando-me com a literatura e as influências que a história tinha no modo de pensar e escrever das pessoas de variadas décadas/épocas e na arquitetura de seus espaços, casas, escolas, igrejas, entre outros. Quando fiz a minha especialização em Leitura e Produção Textual, iria teorizar exatamente sobre a Literatura e a Arquitetura, mas a minha inquietação ainda estava em “casa” e, portanto, minha monografia explorou a capacidade de influência da casa no morador e do morador na casa, refletindo como nós interferimos no ambiente no qual estamos inseridos, como também este pode intervir no comportamento humano.

Para completar minha busca, fiz um curso profissional de Decoração de Interiores, aprofundando e provocando-me cada vez mais neste olhar sobre o habitat das pessoas e como elas lidavam na organização e harmonia estética de cada aposento, relacionando diretamente ao seu gosto particular e suas vivências. A partir deste momento, minha curiosidade só crescia, e foi quando passei a cursar, por curiosidade, como aluna especial no mestrado de Educação Ambiental duas

disciplinas que lançaram vôo os meus pensamentos e reflexões, uma que abordava a educação estética especificamente; e a outra, o imaginário.

A disciplina de Educação Estética Ambiental ensinou-me a perceber aquilo que nos rodeia a partir dos sentidos, com maior sensibilidade e subjetividade, expressando a necessidade de fazer com que o homem se tornasse um ser íntegro, de corpo, mente e coração. A disciplina de Ecologia Onírica aguçou minha percepção das imagens que nasciam inicialmente através das nossas impressões sensoriais, livremente associativas, bem como das relações externas a nós, como o mundo em si; outrossim, das relações internas a nós, nossos sentimentos, sonhos e esperanças. Essas duas fontes de conhecimento, forneceram-me subsídios para alimentar-me enquanto pessoa e também meu sonho de pesquisa, o estudo das casas.

Decidida a tentar a seleção do Mestrado e conseguindo a aprovação do mesmo fiquei realizada pelo feliz encontro de minhas inquietudes sobre o mundo com a riqueza da Educação Ambiental e as possibilidades de investigar mais a fundo o espaço residencial e suas relações entre morador e o seu ambiente, num viés socioambiental. Minhas intenções iam, totalmente, ao encontro da proposta do Mestrado de Educação Ambiental, que está caracterizada na citação abaixo.

O Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental: Mestrado, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG tem como meta a formação de docentes-pesquisadores capazes de contribuir para produção de conhecimentos e sua transformação no campo da Educação Ambiental, a partir de um enfoque científico, humanístico e interdisciplinar das questões educacionais, ecológicas e sócioambientais. (PPGEA. www.educacaoambiental.furg.br/)

Deste modo, vi que meu objetivo era ser uma Educadora Ambiental e contribuir através da minha pesquisa, de enfoque humanístico e científico, a abordagem socioambiental do estudo das casas no Município do Rio Grande. Busquei analisar e entender que se as questões ambientais como preservar, conscientizar, pertencer e sensibilizar, por exemplo, estavam diretamente relacionadas ao universo residencial. Ou seja, se os indivíduos viam suas casas como algo de extrema importância na vida deles, das famílias e da sociedade, a partir de todos os valores construídos ali e que transcendem os tijolos e concretos dos espaços físicos.

Para tanto, era preciso identificar-me com uma linha de pesquisa e nesse sentido, houve mais outro feliz encontro com a Educação Ambiental Não Formal, que por sua vez:

Estuda as questões sócio-ecológico-ambientais nos campos não formais e informais de Educação Ambiental. Enfatiza a dimensão ético-estética, a diversidade e alteridade dos grupos sociais, as relações entre a Educação Ambiental, os gêneros, as gerações humanas em todas as suas idades, o desenvolvimento humano e sistêmico, a compreensão da interligação dos espaços ambientais, da saúde coletiva e da qualidade de vida dos sujeitos e das instituições e organizações sociais. Visa o comprometimento dos pesquisadores envolvidos na restituição dos resultados dos trabalhos às comunidades investigadas (princípio e fim das pesquisas), assim como a participação de comunidades integradas nos processos decisórios do manejo de ecossistemas, preferentemente costeiros, em busca da construção coletiva de sociedades sustentáveis e utopias concretizáveis. (PPGEA, http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=473&Itemid=72&lang=pt)

Esta dimensão ético-estética da Educação Ambiental Não Formal é fundamental no presente estudo, pois ela permeia a interligação dos espaços, das pessoas, bem como a qualidade de vida dos sujeitos em prol da educação e da construção de utopia. Dentro do universo do Mestrado em Educação Ambiental, na linha de pesquisa escolhida, cheguei ao NUPPEO, Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Estética Onírica que veio potencializar meus estudos sobre a Educação Estética e despertar os sonhos felizes.

Todos esses momentos de encontro entre as minhas perspectivas de investigação, como o Mestrado, a linha de pesquisa do mesmo e o NUPPEO alicerçaram meu estudo de forma muito especial. E, além disso, possibilitaram maiores reflexões sobre o que realmente é a Educação Ambiental e o que se deseja fazer em nome dela ou ainda enquanto educador ambiental. Sendo assim, vale ressaltar que a Educação Ambiental não é definitiva no que tange a conceitos, visto que dependendo da formação do educador estes variam bastante. A Educação Ambiental é um projeto de educação socioambiental, um olhar diferente para um projeto de vida mais digna, responsável, saudável e feliz. Como podemos ver na fala de Carvalho (2004):

A EA fomenta sensibilidades afetivas e capacidades cognitivas para uma leitura do mundo do ponto de vista ambiental. Dessa forma, estabelece-se como mediação para múltiplas compreensões da experiência do indivíduo e dos coletivos sociais em suas relações com o ambiente. Esse processo de aprendizagem, por via dessa perspectiva de leitura, dá-se particularmente

pela ação do educador como intérprete dos nexos entre sociedade e ambiente e da EA como mediadora na construção social de novas sensibilidades e posturas éticas diante do mundo. (CARVALHO, 2004, p. 54)

A Educação Ambiental busca, a partir de diversos caminhos, melhorias na vida terrestre, atuando em prol de maior qualidade na atmosfera, na água, nas indústrias, nas cidades, entre tantas outras. A Dissertação aqui apresentada volta-se para a educação estética de um olhar mais delicado, mais subjetivo da Educação Ambiental. Esse olhar é focado para onde não vemos tudo com clareza, para onde olhamos todos os dias e muitas vezes não enxergamos o que estamos vendo, para as mensagens subliminares que circundam o homem na sua intimidade. Nosso foco de estudo volta-se para as questões humanas diretamente relacionadas aos espaços onde o homem se insere, o homem e a casa onde mora.

Aqui, a noção de ambiente, tão explorada na Educação Ambiental, emerge de forma mais complexa, num sentido diferenciado de alguns que não davam suporte, teórico-prático, suficientes ao que realmente é a Educação Ambiental e a tudo que ela pode proporcionar em virtude da cidadania, da alteridade de grupos e da qualidade de vida. Esta insuficiência discorre sobre a unilateralidade em que se debatia a Educação Ambiental, na qual o ambiente era apenas enquadrado como recurso natural e de onde o homem era, por várias vezes, excluído. Sendo assim, vamos ao encontro de um ambiente que o homem conhece, vive e se relaciona diariamente, um ambiente construído: a sua própria casa. Este universo íntimo, onde a *natureza* humana vive, revive e sobrevive, cotidianamente, através de seus sentimentos, seus sonhos felizes, suas histórias e memórias, assim como seus objetos, suas relações com o próximo e seu entendimento do que é pertencer a um lugar, é o foco de um novo olhar da Educação Ambiental. Tratamos aqui da Ecologia sim, na etimologia da palavra. Este vocábulo, oriundo do grego, explicita o sentido da pesquisa. Sendo *Oikos*, a casa e *logos*, estudo, nada mais é do que o estudo da casa. Nessa direção, aprofundi os meus estudos na disciplina de Ecologia Onírica¹,

¹ Originalmente minha ideia era trabalhar com a Psicologia Ambiental. Antes de cursar o Mestrado de Educação Ambiental estava operacionalizando minha construção teórica num outro viés, qual seja, da Psicologia Ambiental, como um arcabouço explicativo para a compreensão das casas. Na minha especialização, no Instituto Educar Brasil, em Rio Grande, abordei o tema da casa e sua influência nos moradores, sendo assim, passei a investigar sobre essas relações e conheci a Psicologia Ambiental. Esta veio agregar conhecimento.

cujo sentido originário é o estudo da casa dos sonhos, que tem como sentido estrito pesquisar a casa dos sonhos felizes.

Este estudo, portanto, tem como base os fundamentos da Educação Ambiental, mais especialmente, da Educação Estética Ambiental, e propõe-se como objetivo conhecer qual o significado da casa na vida dos seus moradores, investigando o valor que este ambiente construído tem para aqueles que vivem nele, buscando identificar se esse aspecto interfere na relação do homem com o ambiente, de modo a estabelecer um contraste entre o espaço construído e o natural. Partimos do pressuposto que a educação vem de casa e da casa, pois é nesse espaço que nasce o aprendizado em lidar com o ambiente, com o próprio homem e com os mais diversos espaços.

A pesquisa tem como objetivos específicos: Avaliar as relações de pertencimento do homem/morador com o seu meio/casa através das peças da casa, móveis, cores, adornos, além das vivências e memórias; Buscar, qualidade de vida partindo das relações dos homens entre si e com o meio; Investigar formas de despertar no morador a valorização e o afeto por sua morada, para que este se sinta feliz, protegido e acolhido neste ambiente, como também pertencente a ele. Acredita-se aqui, que da relação do homem com o espaço da sua casa, podemos entender os mais variados comportamentos e atitudes do indivíduo em relação a todo o externo circundante a sua morada. A Educação Ambiental teve um feliz encontro com a Filosofia que tenta compreender o homem inserido em um determinado espaço e analisa como se dá esta relação. Para tanto, a Ecologia Onírica se faz presente nesse processo, possibilitando o despertar de valores e imagens por vezes adormecidas em nós, mas de extrema relevância para nossa qualidade de vida e felicidade. Para maiores esclarecimentos segue, portanto, a ementa da Ecologia Onírica:

Conceito e a importância da ecologia onírica. Conceitos de realidade. Realidade virtual e potencial. Morada dos sonhos. Os quatro elementos imaginários. Metamorfoses do lixo. Doença como saúde. Massificação das imagens e o universo imaginário. Sociedade improdutiva e as razões do ócio criativo. Importância do trabalho onírico na transformação do homem em sonhador. Emergente paradigma onírico e a ruptura da relação sujeito-objeto na pesquisa. Conceitos de vida. Vida imaginária. Educação ético-estética onírica. Experiências imaginárias utópicas concretas na pesquisa dos sonhadores. Formação, o autoconhecimento e o comprometimento dos pesquisadores nos espaços formais de educação. (RODRIGUES, 2011, p.02)

Na tentativa de despertar sonhos felizes lembrei que durante o meu desenvolvimento pessoal fui percebendo que o passar dos anos nunca modificaram certos prazeres e curiosidades em mim, como o prazer de ter e estar em casa, num espaço aconchegante e rodeado de pessoas e animais, minha família e nossos bichos. Assim como o prazer de ir a outras casas, quando não para escola, para casas de amigos, tios e dos avós, aliás, talvez a melhor casa que passe por toda nossa vida.

Como ponto de partida, percebi a minha curiosidade sobre esses espaços onde as pessoas moravam (e investiam a maior parte do lucro financeiro de todo um esforço diário) e que eram sagrados, afinal, o convite de alguém para ir até a sua residência, não é um simples convite, é a existência de uma intenção de vínculo, de conhecimento, de uma possibilidade sólida de constituir um relacionamento afetivo mais íntimo. Mas por quê? O que tem neste espaço de tão sagrado? O que ocorre é que a nossa casa é a extensão do nosso ser. Ali estão nossos gostos, nossa história, nossas frustrações, tudo que tem dentro de nós está dentro da nossa residência de alguma maneira.

Desta forma, a maneira como as pessoas organizavam, enfeitavam, combinavam cores e texturas, materiais naturais ou não a sua própria casa, também imprimiam um valor estético àquele espaço. A casa, a residência, concretizou-se como algo de extrema importância na minha vida.

A partir deste momento, passei a estudar no Mestrado essas relações do homem com o espaço casa. Relembrando, a casa a qual me refiro na pesquisa é todo e qualquer espaço onde um indivíduo habita e que tenha ali guardados todos os seus pertences, memórias e vivências, assim como o espaço onde execute suas necessidades básicas para bem viver; higiene, alimentação, descanso e o sonhar.

Percebendo que a casa, seja ela um apartamento na Argentina, uma mansão em Porto Alegre, um castelo na Escócia, uma casa na Bahia ou um casebre no Rio de Janeiro, como até mesmo a moradia embaixo da ponte, exprime de uma maneira ou de outra um estilo de vida, ou seja, ou modo de ser, viver e conviver, de pensar, de sentir e de se relacionar com as pessoas e como o espaço. Casa é morada em qualquer lugar do mundo.

Com base nestas questões, percebi a necessidade de investigar teoricamente as relações entre o homem e o ambiente onde vive, mostrando que os espaços físicos possuem um significado na vida das pessoas que se relacionam com ele.

Desejei, através desta questão de pesquisa, conhecer a sociedade atual e sua postura em relação aos mais variados ambientes, naturais ou construídos, pois assim conheceremos e entenderemos que homem é este que somos hoje, bem como, ter um perfil, talvez apenas hipotético, de quem serão os homens de amanhã e como eles se relacionarão com os espaços, a partir da sua relação familiar e com o espaço da casa. Partindo desse ponto, que casa é ambiente construído, percebemos que o ambiente não se refere apenas ao natural como jardins, florestas e praias. Segundo Reigota (2006) ambiente se refere às transformações na natureza e na sociedade, ou seja, todos os resultados dos processos culturais, tecnológicos e históricos. Sendo assim, podemos dizer que as cidades, por exemplo, não deixam de ser ambiente, pois são frutos dos processos históricos, culturais e tecnológicos.

Se estas assim podem ser caracterizadas, vale salientar do que uma cidade é formada. Obviamente temos muitas respostas a essa questão, mas focando a resposta para o conceito de ambiente acima citado, poderíamos afirmar que uma cidade é formada de ruas, atualmente repletas de prédios com as mais diversas finalidades. Escolas, hospitais, lojas, igrejas e muitas, muitas casas. Vemos então, que o espaço da casa também é ambiente e, portanto, está dentro do campo de estudo da Educação Ambiental.

Sendo assim, a noção de pertencimento torna-se uma das vertentes do presente estudo. Todos nós procuramos um espaço para nos sentirmos seguros, abrigados, protegidos, não dispersos. Sejam homens, mulheres, lobos, gatos ou mesmo abelhas, todos procuram uma casa para bem viver e conviver. E como se não bastasse, após escolher o espaço da moradia, demarcamos nosso território, cada um a sua maneira; os animais, em grande parte, com resíduos orgânicos; os homens, com enfeites, por exemplo. Seja um vaso de planta ao lado da porta, um capacho ao pé da porta ou ainda dizeres como: “Seja bem vindo”, “ Na casa da vovó tem carinho.”, entre outros dizeres e objetos. O que de fato ocorre é que demarcando nosso território estamos, em parte demonstrando, para o outro e para o *eu* também, que aquele lugar nos pertence.

A casa é toda expressão daquilo que somos. Nada nela é por acaso. Muitas vezes há um projeto bem estruturado de como será aquele espaço e como queremos que a vida funcione ali dentro, ou melhor, como queremos que a vida seja. Supomos que um casal queira comprar uma casa de dois quartos. Assim, eles estão projetando como pretendem que seja a sua vida, provavelmente o segundo

quarto será para um futuro bebê, ou ainda poderá ser um local de estudo, deixando clara a necessidade de se ter privacidade, mesmo que com a pessoa de maior intimidade. Cada casa, consciente ou não, é dotada de um projeto arquitetônico e social também, pois ambos se articulam diretamente.

A Psicologia Ambiental mostra que o meio emana diversas mensagens a todo o momento. Em outras palavras, podemos afirmar que o ambiente incorpora os valores sociais e culturais daqueles que a ele pertence. Com este viés, o qual a pesquisa abrange, é necessário considerar a relação do homem/morador com o meio/casa e os agentes ativos da pesquisa na constituição do próprio sujeito. Para tanto, é preciso analisar as relações interpessoais no meio em que está inserido. Tais relações podem variar de acordo com o espaço específico em que estamos, juntamente com nossas percepções, cognições e, ainda, experiências passadas.

É fato que a casa é a nossa primeira última morada (da mesma forma que um túmulo também é uma casa, por mais deprimente que possa parecer esta imagem), da qual temos acesso às lembranças, às vivências e às memórias que fazem parte da historicidade de cada um. Porém, dentro deste espaço específico, constituímos e somos constituídos a cada momento, a cada troca de experiência. As trocas de experiências podem ser as mais variadas possíveis, dependendo da percepção de cada morador da casa.

Estamos sempre em constante movimento emocional e dentro do ambiente residencial nos permitimos mais, podendo chegar à essência do nosso ser. E esse movimento de autoconhecimento está muito relacionado ao conhecimento do próximo, pois vamos criando parâmetros de personalidade daquilo que somos e que não somos a partir do outro. Nesse sentido as relações interpessoais tornam-se essenciais na constituição do sujeito, e elas acontecem nas trocas de experiências.

Podemos trocar experiências apenas como um olhar, provando paladares, ou seja, de infinitas formas, formas que uma fértil criatividade poderá dar conta. No entanto, a fala, a linguagem é uma das mais significativas maneiras de troca de experiência. Concluimos então, que a casa é primeira morada (a que temos memória) e a família é o primeiro meio social a que temos contato.

Segundo Estevéz (2003), o homem e sua relação com a família é de extrema importância, visto que nela nos desenvolvemos, nos expressamos e adquirimos costumes, parte de nossa personalidade e parte da expansão de nossa afetividade.

Podemos ver que a casa tem muito comprometimento com os sujeitos ou o grupo de sujeitos que se formarão.

Da mesma forma, conhecer a história familiar é conhecer a origem da sua própria história, assim como é constituir e ser constituído a partir das memórias e vivências que as relações interpessoais e os espaços e objetos podem promover. A casa é um lugar de memória onde o coletivo nesse processo tem total importância.

As lembranças e memórias fazem parte de constituição do sujeito. Tendo essa percepção do passado, o autoconhecimento será muito mais eficaz e quanto mais conhecermos sobre nós mesmos e como o processo de constituição do homem ocorre, melhor será a nossa relação com o outro e com os espaços.

A subjetividade, além da memória, identidade, privacidade, afetividade, intimidade, é outro fator significativo na constituição do sujeito dentro do ambiente casa. Os aspectos abstratos e subjetivos nos permitem o autoconhecimento que atua em uma mudança de comportamento e assim, nossas relações com o meio também se modificam. Os relacionamentos interpessoais passam a ter outra figuração, e esta aponta em busca da experimentação coletiva. A partir deste momento, nesse movimento interno/externo da atividade de interação com o outro é perceptível uma evolução da humanidade e até mesmo da qualidade de vida, pois os sentimentos, tão ausentes no nosso cotidiano, passarão a fazer parte dos relacionamentos, deixando-os mais profundos e emocionantes.

O empedramento dos sentimentos acarreta na dificuldade em se obter qualidade nas construções dos relacionamentos humanos, que é a nossa busca. Os códigos, signos e palavras ainda são os mesmos, mas a sensibilidade e os valores éticos do homem em relação ao meio, e especificamente, em relação ao próprio homem, estão fragilizados, pois “os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração” (GUATTARI, 1999).

Ainda sobre subjetividade, Guattari (1999) diz que, é o homem enquanto um ser envolvido e envolvente no meio em que vive e não meramente um objeto neste meio ou pertencente do mesmo. “É a relação da subjetividade com uma exterioridade - seja ela, social, animal, vegetal, cósmica- que se encontra assim, comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva.” (GUATTARI, 1999, p.08).

É visível a relevância de se conhecer a forma como o sujeito se constitui e/ou é constituído a partir da forma como ele se relaciona com as pessoas e com os

espaços para que assim, possamos entender o perfil humano que hoje temos na nossa sociedade, e que por sua vez, é um dos fatores determinantes de grande parte das transformações históricas, sociais, culturais e ambientais.

No que se refere à metodologia, apontamos que esta se constituirá pelo biográfico, Diário de Bordo, pesquisa qualitativa, fenomenologia bachelardiana e associações livres de imagens. Esta metodologia de pesquisa, segundo Godoy (1995) possui características essenciais como, por exemplo: ter o ambiente natural, de maneira direta como fonte de dados e o pesquisador, como instrumento fundamental; ter forma descritiva, criadora e inventora; saber o significado que os atores da pesquisa dão a sua vida e as coisas e, finalmente, ter enfoque indutivo.

Sendo assim, é um método que se utiliza de formas interpretativas a fim de descrever e inventar imaginariamente os fenômenos e/ou realidades, decodificando-as. Desta forma, expressa os sentidos dos acontecimentos sociais, busca, portanto, um estudo de caso, analisando de forma profunda a unidade. Assim, estuda detalhadamente um sujeito, um ambiente ou qualquer outra situação em particular.

A presente pesquisa apresenta algumas fases. Primeiramente realizamos uma investigação teórica extensa. No entanto, no decorrer do processo, houve algumas dificuldades, e a principal delas foi a inexistência de bibliografia sobre o tema no campo da Educação Ambiental. Não há nenhum estudo que trabalhe a importância do ambiente construído, como a nossa casa, e as relações do homem com ela. Afinal este tema é um recorte das relações da sociedade com os ambientes em que ela está inserida. Como podemos entender os processos do mundo e almejar boas relações com os espaços construídos e naturais, qualidade de vida e sentimento de pertencimento² se não olharmos o núcleo de toda a sociedade, que é a casa e as pessoas que nela moram. Tudo começa neste espaço.

Mesmo encontrando dificuldades no caminho, por não haver a bibliografia sobre o tema ou nenhuma publicação no campo da Educação Ambiental; encontrei um prazer imenso, uma motivação incrível por ir descobrindo todas as nuances do assunto a partir, apenas, da minha pesquisa. Cada encontro e desencontro, cada palavra de um morador, cada sentimento, cada casa visitada foram as únicas fontes

² Este vocábulo surgiu no contexto de sala de aula, no início do curso de Mestrado de Educação Ambiental, numa discussão entre colegas, futuros educadores ambientais, que tinham a concepção de que a gente só pode cuidar daquilo que faz parte". Atualmente o sentido de pertencimento parece perdido, porque as pessoas não se sentem no direito de posicionarem-se num lugar em que possam chamar de seu, ou seja, elas são simbolicamente deserdadas do espaço da existência.

de informação que pude obter a partir de um olhar socioambiental das relações dos moradores com suas moradas. Esta riqueza de navegar por mares antes não navegados em busca de um olhar estético e zeloso para o desenvolvimento feliz dos homens num ambiente saudável, e promover o conhecimento das interações indivíduo-ambiente para a valorização destas, assim como a reflexão e a ação para as melhorias necessárias é Educação Ambiental.

Ainda sobre a construção teórica, foi revisada a bibliografia da Psicologia Ambiental, mais próxima do tema, para complementar a pesquisa, e finalmente utilizamo-nos da Ecologia Onírica, para abordar os sonhos felizes de todo esse processo de conhecimento das casas e percepções. Esclarecemos que esses sonhos significam serem as imagens, os devaneios imersos em sentimentos e emoções de cada morador entrevistado criando, portanto, imagens de felicidade, aconchego e entusiasmo.

Posteriormente foram estipulados critérios para que a pesquisa em campo fosse desenvolvida. Consideramos relevante abranger os mais diferentes ambientes para verificar até que ponto estes podem interferir nas relações dentro de casa. Para tanto, foram investigadas residências apenas no Município do Rio Grande, sendo uma ou mais casas por região. As regiões concentraram-se em urbana, rural e balneário, sendo investigadas casas no centro da cidade, bairros adjacentes, Praia do Cassino e Bolaxa. Outro critério da pesquisa foi investigar casas com diferentes tipos de moradores, como pessoas que moravam sozinhas, famílias com filhos e sem filhos.

Após esta incansável busca de referencial teórico e estipulados os critérios, foi produzido um questionário com exatamente trinta e seis questões abrangendo o universo da casa, a partir de perguntas tanto objetivas quanto subjetivas. Este questionário serviu de instrumento para o levantamento de dados e comparações.

A primeira fase. A pesquisa em campo aconteceu com as escolhas involuntárias das casas de cada região e assim, feito o primeiro contato para apresentação da pesquisa, já se entregava o questionário a fim de que, um morador de cada casa respondesse. Neste momento era marcada uma segunda visita a fim de recolher o questionário.

A segunda fase. Foram feitos registros através de vídeos. Tais registros foram filmagens dos moradores nos espaços da casa, apresentando-a de maneira bem informal e pessoal. Puderam, portanto, falar dos objetos, das histórias ali vividas,

das memórias, das pessoas que moraram ali ou dos atuais moradores, dos sonhos felizes, dos medos. Enfim, relatos completamente livres, de acordo com o grau de importância dado pelo entrevistado. Foram também realizadas fotografias como registro para posteriores percepções das imagens da fachada da casa.

O acompanhamento por parte do pesquisador no ambiente pesquisado, analisando o espaço, o ritmo e a relação dos moradores para averiguação de fatos e reflexão se fez necessário, para a compressão das relações propostas pela pesquisa, especialmente por se tratar de espaços de intimidade.

A terceira fase. Foi entregue em DVD a cada residência a filmagem feita na íntegra, de todos os relatos feitos sobre a morada, moradores, entre outros, de modo que fosse assistido, se possível, por todos os moradores, de preferência juntos, já estimulando um encontro.

Por fim, a produção do vídeo foi utilizada como material de pesquisa, buscando identificar se houve a presença de conceitos como identidade, memória, pertencimento, privacidade, cidadania, felicidade, proteção e qualidade de vida e sonhos que compõem o embasamento da Dissertação.

A partir de todas as considerações, apontamos que esta Dissertação encontra-se estruturada em quatro capítulos:

No primeiro, intitulado *A casa como gênese: um diário da intimidade*, procuro descrever o processo inicial de gestação da pesquisa, que começa numa casa, atravessa as memórias de uma casa feliz, o brincar, o nascimento, o morar, o espírito da morada e abre as portas a pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos um panorama simplificado dos caminhos da Educação Ambiental para que possamos tratar de maneira sólida os ambientes construídos dentro desse campo de estudo. No entanto, para que as reflexões acerca dos espaços construídos, ou seja, a casa, sejam abordadas de forma mais complexa, tivemos a contribuição essencial da Educação Estética Ambiental pontuando valores, percepções e significados dados partir da subjetividade. Exporemos a cultura de um pequeno povo africano cujas casas são relacionadas diretamente às partes do corpo humano e recebem o mesmo respeito e cuidados do seu morador, até mesmo em relação à manutenção da saúde. Em contrapartida, mesmo isso sendo presente num outro continente, encontramos aqui no Brasil estudos referentes à Geobiologia que ressalva que uma construção, ou seja, uma casa, possui vida. Assim como a cultura africana aqui exposta, a Geobiologia,

também relaciona as partes da casa com as partes do corpo humano. Ambas demonstram de forma clara como a casa tem relação direta com o nosso ser, corpo, mente e sentimento. Finalizamos o capítulo com a visão dos sujeitos, contribuintes da pesquisa, sobre suas residências, mais especificamente, formando um perfil desse morador como também da sua residência para percepções posteriores mais subjetivas.

O terceiro capítulo, por sua vez, trata da averiguação das relações do homem com sua morada no que se refere à qualidade de vida. Alicerçado pela construção objetiva do perfil dos moradores da morada, partimos para mais profunda de algumas as relações existentes dentro de casa. Para compor o estudo utilizamos os conhecimentos da Psicologia Ambiental e da Filosofia como das suas intervenções nos espaços construídos, para que possamos melhor entender as relações do homem com a sua casa, bem como melhor avaliar, na sequência, a continuação da compreensão dos questionários. A partir desse momento da investigação, o sujeito da pesquisa passa a falar mais do que gosta ou não, daquilo que admira ou não na casa, e desses dados, entre outros, concluímos, mesmo que momentaneamente, de que forma tais aspectos podem interferir na qualidade de vida dos moradores dentro de casa.

No quarto capítulo fazemos a compreensão do último momento do questionário, fortemente baseados nos seus sentimentos de pertencimento dos moradores sobre a morada. Analisamos de forma mais subjetiva, seus sentimentos, imagens e sonhos felizes no contexto da casa, a fim de perceber de que forma isso cria noções e sentidos de pertencimento pelo lugar habitado. Além desta questão, é avaliado se os sentimentos e noções de valores aprendidos em casa refletem ações e atitudes similares na rua, como por exemplo, se um ser que se sente pertencente a sua casa tem maiores chances de sentir-se pertencente aos espaços fora de casa.

Ainda neste capítulo avaliamos os registros visuais da casa e quais as relações deles com as respostas dos questionários, bem como a presença das questões de qualidade de vida, pertencimento e felicidade. Por fim, mostramos um Diário de Bordo sobre os contatos obtidos com os moradores e dos momentos não registrados nos questionários e nas imagens, por acreditar que, mesmo nesses momentos, mais informais e nos bastidores, a pesquisa acontece e tem seus grandes momentos, sendo um deles, minhas percepções das percepções deles.

Casa Arrumada

Casa arrumada é assim:

*Um lugar organizado, limpo, com espaço livre pra circulação e uma boa
entrada de luz.*

*Mas casa, pra mim, tem que ser casa e não um centro cirúrgico, um
cenário de novela.*

*Tem gente que gasta muito tempo limpando, esterilizando, ajeitando os
móveis, afofando as almofadas...*

*Não, eu prefiro viver numa casa onde eu bato o olho e percebo logo:
Aqui tem vida...*

*Casa com vida, pra mim, é aquela em que os livros saem das prateleiras
e os enfeites brincam de trocar de lugar.*

*Casa com vida tem fogão gasto pelo uso, pelo abuso das refeições fartas,
que chamam todo mundo pra mesa da cozinha.*

Sofá sem mancha?

Tapete sem fio puxado?

Mesa sem marca de copo?

Tá na cara que é casa sem festa.

E se o piso não tem arranhão, é porque ali ninguém dança.

*Casa com vida, pra mim, tem banheiro com vapor perfumado no meio da
tarde.*

*Tem gaveta de entulho, daquelas que a gente guarda barbante,
passaporte e vela de aniversário, tudo junto...*

Casa com vida é aquela em que a gente entra e se sente bem-vinda.

A que está sempre pronta pros amigos, filhos...

Netos, pros vizinhos...

*E nos quartos, se possível, tem lençóis revirados por gente que brinca
ou namora a qualquer hora do dia.*

Casa com vida é aquela que a gente arruma pra ficar com a cara da gente.

Arrume a sua casa todos os dias...

Mas arrume de um jeito que lhe sobre tempo pra viver nela...

E reconhecer nela o seu lugar.

Carlos Drummond de Andrade

2. CAPÍTULO I - A CASA COMO GÊNESE: UM DIÁRIO DA INTIMIDADE

Tudo começa em casa. Dentre tantos assuntos que despertavam minha curiosidade ao longo de minha vida, um sempre foi o mais duradouro, as pessoas e suas relações com as suas próprias casas. Num primeiro momento, minha curiosidade apenas pairava no imaginário daqueles lugares, desde como era a estrutura da casa e sua decoração, como as pessoas que ali moravam se comportavam e o que faziam, até quais eram os segredos e histórias guardadas entre aquelas paredes. Num segundo momento, este olhar imaginário sobre a casa transformou-se em um projeto de pesquisa cheio de sentimento e delicadeza, buscando conhecer e analisar as relações dos moradores de uma mesma residência entre si, mas especialmente sua relação com o seu próprio meio, sua casa.

A finalidade é possibilitar que o morador, ator da pesquisa, a partir do sentimento de pertence de seu ambiente e da qualidade de suas relações neste espaço, reconheça a sua casa como um patrimônio cultural e estético, um lugar de inestimável valor material e imaterial, senão o melhor lugar do mundo, e faça as transformações necessárias para fazer disto a sua realidade diária. Além desta finalidade, a pesquisa espera despertar em cada leitor deste projeto este mesmo olhar para sua residência, um olhar cuidadoso; porém, aberto a mudanças para melhoria do espaço e das relações ali presentes. Provocando-o até o último momento a olhar a sua casa para além do que os olhos podem ver, ou seja, para a infinita riqueza de sentimentos, memórias, subjetividade, sensibilidade e alegria que o seu lar pode lhe oferecer, se você permitir.

Para que este projeto possa acontecer de forma completa e verdadeira, se faz necessária a imersão nos ambientes residenciais, ou seja, deixar de imaginar os espaços para adentrá-los, olhá-los, ouvi-los, senti-los, cheirá-los, tocá-los e percebê-los de forma intensa e sensível juntamente ao processo de conhecimento dos seus moradores, e a partir deste momento, perceber toda a relação dinâmica entre homem e ambiente.

Nesta investigação tão singular e particular, por se tratar de ambientes pessoais e de intimidade, alguns conceitos foram precisos para fundamentar e compreender a pesquisa, como sentimento de pertencimento do ambiente, representação social, estética, comportamento, subjetividade, privacidade, intimidade, memória, cultura e patrimônio. Para tanto, os estudos de Reigota (1997), Lee (1977), Guattari (1999) e Bachelard (2008), e se fazem presentes para fundamentar toda a pesquisa.

A escolha de uma metodologia a princípio foi um passo custoso. Durante o curso do mestrado de Educação Ambiental houve uma disciplina específica para esta abordagem e diversos tipos de metodologias foram apresentadas e, cada uma, com seu encanto. Estudei a metodologia Hermenêutica, Etnográfica, Dialética e Complexidade, Pesquisa-ação até a Sócio-Poética. No entanto, não conseguia definir qual utilizar, e assim passei muito tempo, tentando definir aquela que seria ideal para o objetivo da pesquisa.

Parando então, para quase uma autoanálise, percebi que sou avessa à metodologia, por isso é tão difícil achar uma que será a definitiva em todo o corpo do trabalho de pesquisa. Para exemplificar de forma mais clara, para que o leitor possa compreender minha posição, faço um paralelo com minha rotina diária. Na minha casa, existem vários eletroeletrônicos que compõem o visual e o conforto do lar, e cada um deles vem com um manual de instrução. Desta forma, por saber que os manuais são muito úteis, assim que coloco minhas mãos neles os guardo em uma pastinha específica para os manuais, para que um dia eu possa lê-los. A leitura desses normalmente acontece quando eles estragam e percebo que fiz exatamente o que não devia ter feito, porém não dá para ser de outra forma. Cada um sabe das manias que tem.

Fazendo esta relação com a pesquisa, percebo que uma casa não tem manual. Não posso ir à casa de alguém com um manual pronto, pois não sei o que me espera, nada é previsível. Sendo assim, foi necessário avaliar várias metodologias para firmar a minha escolha na fenomenologia do imaginário criador de Gaston Bachelard contida na Poética do Espaço.

Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética, é preciso chegar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imaginação emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade. (BACHELARD, 2008, p.02)

Para dar mais cor e cientificidade a esse estudo de Educação Ambiental, foi preciso visitar casas e seus moradores, identificar e conhecer a família, o perfil de cada indivíduo, seus comportamentos, suas vontades, gostos e desgostos, sonhos, crises, sua situação financeira, seus pertences, seu sentimento de pertencimento daquela casa, rua, bairro, o quanto o ambiente foi capaz de influenciar no seu comportamento e vice e versa e, se ele, sentia-se feliz de viver naquele espaço e com aquelas pessoas. Uma prática minuciosa, delicada e íntima e, portanto, tão bela. É um estudo da sociedade com o meio ambiente em um recorte qualitativo do homem com seu próprio espaço residencial, sua casa, seu canto sagrado.

Devido às nuances da pesquisa houve o diálogo constante com algumas áreas além da Educação Ambiental, como a Psicologia Ambiental, Educação Patrimonial, Geobiologia, Filosofia e Antropologia, exatamente por se tratar de um tema de extrema riqueza de detalhes, emoções e constantes descobertas.

Durante este projeto explanarei sobre a minha trajetória até a escolha por este tema como também os meus despertares teóricos e práticos fundamentados em estudos científicos dos autores anteriormente citados, na busca de uma Educação Ambiental que desperta olhares adormecidos por falta de valorização do eu e do sentimento de pertence daquilo que é seu, como a relação dos moradores entre si e com a sua própria residência. Como tudo começa em casa, foi em casa que meu olhar observador, curioso e questionador começou, e é com o olhar voltado para este espaço que a presente pesquisa acontece.

2.1. O caminho de casa até a pesquisa

O caminho de casa até a pesquisa levou muito anos, mas incrivelmente, ainda adolescente, queria escrever, falar sobre meus avós, sobre aqueles sentimentos, como o amor, do qual tinha tanto orgulho e era tão grata a Deus e à vida por tê-los. E a casa deles, do vô José e vó Alva, era o cenário principal de todas as minhas ideias. De certa maneira, o tema da pesquisa já estava em mim há muito tempo, porém adormecido. Como já evidenciado nas considerações iniciais, tinha

em mim um paixão por casas como ainda hoje tenho, e de forma integral. Imaginava, com a palavra casa, uma casa bonita, bem pintada, bem decorada, com móveis bonitos, cheiro de limpa e com um aroma doce ou até cítrico. Mesmo sabendo que a realidade “das casas” por muitas vezes é bem diferente, mas quando eu era criança e adolescente pensava no sonho feliz, no ideal que acreditava. Ao mesmo tempo, pensava nas pessoas, quem seriam os sujeitos que morariam na casa, jovens, adultos, mulheres, crianças, do que elas gostavam, do que fariam questão que estivesse na sala, na cozinha, no quarto por exemplo. E pensava também como essas pessoas se sentiriam na casa, se seriam felizes, se fariam muita bagunça, se teriam algum momento de silêncio, se teria música, se teria dança, se teria choro, se teria voz.

Pensava nela por inteiro e foi no meu curso de Pós- Graduação em Leitura e Produção de Textual que vi a oportunidade de escrever e refletir sobre estas questões de forma mais acadêmica. Logo, ao ser selecionada como aluna especial para o Mestrado de Educação Ambiental e conhecer o inspirador Professor Pablo René Estevez, vi a possibilidade de trazer toda a subjetividade vivida até então para a academia, completamente apoiada nos embasamentos teóricos da Educação Estética Ambiental. Já como mestranda fui enriquecendo-me, mas também angustiando-me com o tema, pois vemos, lemos e ouvimos sobre tantas possibilidades que, para quem gosta de possibilidades, isso pode fazer uma confusão intelectual e afetiva.

Porém, ao tornar-me bolsita do Programa de Educação Patrimonial e conhecer a encantadora Professora Carmem Schiavon, meus desejos e certezas foram se aclarando novamente e enxerguei, através de oficinas ministradas sobre o meu tema de pesquisa, que as pessoas gostavam de ouvir sobre moradas, queriam saber mais e até se emocionavam. Naquele momento senti que tudo fazia sentido e que estava no caminho certo em ousar e pesquisar sobre o assunto *Casa*. E a Pro^a Carmem esteve sempre ao lado me ensinando e, posteriormente coorientando. Mas mesmo com todas as certezas, as incertezas insistiam em acompanhar-me.

Nesse sentido, mais tarde, com a orientação do entusiasmado Professor e orientador Victor Hugo Rodrigues percebi que essas angústias eram parte do processo de ser pesquisador, bem como parte da pesquisa. E que seria preciso percorrer com detalhes e sensibilidade um caminho interior para poder fazer uma pesquisa verdadeira. Nesse processo de percorrer o caminho interior, tive,

inevitavelmente, que trazer a minha vida íntima para adentrar na intimidade do outro. E assim, foi preciso passar por várias moradas, “reais” ou imaginárias, vividas ou sonhadas, para que eu pudesse passar pelas moradas de outras pessoas e vê-las com o olhar da fenomenologia de Gaston Bachelard.

2.2. As memórias de uma casa feliz

A casa dos meus avós, sem dúvida, é a memória mais forte de casa feliz que tenho. Isso não significa dizer que a casa dos meus pais, onde cresci, não tenha sido, pois foi e muito. Mas era na casa do vô e da vó que as coisas mais divertidas aconteciam; era o local de encontro, do sonho, da criatividade, da alegria e de muito carinho. Quando minha mãe dizia: Vamos lá tua avó? Era uma emoção, pois ficava imaginado o que iria acontecer, qual brincadeira iria brincar, tinha que definir em breves minutos quais os brinquedos iria levar e imaginar qual primo/a iria encontrar lá. Muitas vezes, quando ia para casa deles já ligava antes para minhas primas para avisar que estava indo até o vô e combinar qual boneca levaria, para assim brincarmos juntas, sem faltar nada.

Fora essa adrenalina sentida a cada pronunciamento de visita, vinha junto outro sentimento, o de liberdade, uma vez que a casa era grande, com um imenso quintal, no qual nós, as crianças soltas, nos perdíamos nas ilusões das brincadeiras. Os adultos por sua vez, não interferiam, pois estavam em outro universo, o universo deles, em roda, conversando em alguma parte da casa. Esta residência era muito especial, mas não apenas para mim, e sim, para a família inteira. No entanto, para que o leitor possa imaginar como ela era e como funcionava a sua movimentação, a fim de melhor compreender este espaço e de todos os seus significados, faz-se necessário descrever “a casa feliz” na sua distribuição arquitetônica, sua decoração e as atividades, que por vezes ou sempre, ocorriam nela. Desta forma, a descrição pode contribuir para atentá-lo às residências que você conhece ou frequenta e, principalmente, a sua própria casa.

Para começar, a casa feliz encontrava-se numa rua larga, onde havia um canteiro com árvores de grandes copas no meio, como se fosse uma avenida; mas

não era, era apenas uma simples rua, com uma vizinhança tranquila. A casa dos meus avós era senão a maior, uma das maiores da quadra e chamava a atenção por ser toda cor de rosa. Um tom de rosa antigo, com as aberturas brancas. Tinha um jardim com lajotas na frente e uma pequena ilha de terra, com uma árvore alta que certa época do ano perfumava toda a frente da casa com um doce aroma de baunilha, e quando dezembro, era enfeitada com lâmpadas coloridas pelo vô, sempre supervisionado pela vó, claro.

A fachada da casa era composta pela porta principal, com um grande vidro trabalhado, pelo qual se podia enxergar quem vinha abri-la, e ao fechar, fazia um barulho próprio, talvez do vidro trepidando. A cada lado da porta havia uma grande janela com grades, as quais já rendiam brincadeiras até um tanto perigosas, como tentar passar a cabeça por entre os espaços das grades e depois conseguir tirá-las. Felizmente, sempre deu certo e ninguém ficou entalado. Ao lado de uma das janelas havia um portão que dava para a garagem da residência, este espaço era o responsável por grande parte das brincadeiras, visto que era enorme e tinha muitos objetos para serem explorados, desde duas caminhonetes *Rural Willys*, que serviram para nos guiar por muitos lugares sem sair do lugar, transportar alunos, ser casa móvel, perseguir bandidos, enfim, tudo o que nossa imaginação permitia, fora os carros e motos dos meus tios, que serviam para as mesmas funções. Neste mesmo espaço ficava o balcão de ferramentas do vô, com as quais ele construía brinquedos e arrumava os quebrados, além de fazer suas atividades de rotina.

O quintal da casa tinha muito mais, tinha parte da história da família; como o guarda-roupa belíssimo que minha mãe ganhou aos 15 anos de idade e outro que era da minha bisavó Laura, mãe da vó Alva, e ambos eram cheios de objetos de recordação como os livros e cadernos de quando meus tios eram crianças, documentos, brinquedos e cartas dos meus antecedentes da Espanha endereçadas a minha bisavó Generosa, uma espanhola que bailava flamenco, e meu bisavó Ramão, também espanhol que trabalhava com comércio e que veio morar no Brasil após seu casamento com Generosa. Estas cartas eram relíquias para o meu avô, ninguém sequer podia tocá-las, ao menos as crianças, e hoje se encontram todas com minha mãe como registro de um tempo bem distante. Ao lado desta garagem, havia outra garagem bem pequena por sua vez, porém era mais misteriosa, dificilmente íamos ali, até porque o vô dificultava o acesso. Apesar da nossa curiosidade sobre o lugar, não havia nada de mais, apenas uma moto que acredito

que nem funcionava e um carro, pifado também. O teto desta era cheio de coisas, material de praia, entre outras. Talvez por esta razão, a proibição àquela garagem, simplesmente por precaução, a fim de evitar acidentes, como o desabamento daquele teto sobrecarregado.

Por toda a extensão externa da casa, até a primeira garagem, havia um muro baixinho de material até uma parte e logo acima um desenhado de ferro. Como tudo na casa era ingrediente para criação de novas brincadeiras, este mesmo murinho servia para desenvolver o nosso equilíbrio corporal, ou seja, brincávamos de caminhar por cima da grade, equilibrando-se e indo de ponta a ponta. Certa vez, caí e bati com o abdômen no ferro e fiquei apavorada, pois não conseguia respirar. Corri para dentro de casa e sentei-me perto de minha avó, sem nada dizer, apenas para me sentir segura e sentir que minha respiração funcionava. No murinho havia um portãozinho de grade na reta da porta principal e um maior na reta da garagem. Tais portões eram os nossos “vai-e-vem”, todos os netos subiam neles para balançar e, este espaço entre o muro até a fachada da casa servia para minha avó sentar e cumprimentar a vizinhança enquanto nós crianças brincávamos na calçada, andávamos de bicicleta ou procurávamos por florzinhas para oferecer à vó. Faço questão desta descrição desde a frente da casa, pois todo este espaço externo era explorado pelos meus avós, faziam parte da casa tanto quanto a parte interna, e para mim, não só este espaço, mas toda a quadra era como se fosse dos meus avós.

Falaremos então sobre o interior da residência. Ao abrir a porta principal, aquela de vidro e barulhenta, nos deparávamos com um longo tapete vermelho que praticamente atravessava a casa inteira, tapete por onde muitas princesas e príncipes passaram, modelos desfilaram e alguns casamentos eram feitos. Neste pequeno corredor de cor azul, havia um console de ferro, o qual hoje esta na minha casa, e em frente a ele um cabide também de ferro no formato de uma partitura de música, já denunciando o apreço dos moradores por esta arte. No corredor então, havia duas portas, uma em frente à outra. A porta da direita era o local mesmo visitado, pois era o quarto dos meus avós. Vó Alva tinha muito zelo por ele, na verdade, só entrávamos ali acompanhados por um dos dois e sempre por uma razão específica, como nos apresentar sua santinha ou alguma joia de família, porém o quarto ficava com a porta aberta, nada era trancado, não entrávamos porque sabíamos que não devíamos. Este era um ambiente bem simples, cama no centro

sempre com uma bonita colcha, longas cortinas brancas, guarda-roupa e penteadeira com os pertences da vó.

Na porta da esquerda era a peça predileta das crianças, a chamada sala de música. Ela era uma sala rosa, também com longas cortinas brancas, um sofá e uma grande poltrona de couro marrom. Ali tinha uma estante com muitos livros, discos e um aparelho de som que tocava os vinis deles. O vô José gostava muito de música e assim, comprava todos os discos infantis que lançavam e os colocava no aparelho deixando o volume do som bem alto, enquanto nós, os netos, adorávamos e passávamos muito tempo ali, cantando e criando coreografias. Quando chegava o natal, o vô então colocava os discos com os clássicos natalinos, e ficávamos ouvindo as belas canções de amor, de sonho e de esperança, aguçando nosso encantamento por aquela noite, na espera do bom velhinho. Um clima mágico, maravilhoso.

Seguindo a descrição da casa, após o pequeno corredor da entrada, havia uma porta à direita onde ficava a chamada sala da televisão. Esta era verde, com sofá e poltronas fazendo todo o contorno do espaço, bem receptiva a todos que chegassem. Talvez, essa tenha sido a peça da casa mais frequentada por minha avó, ali era onde ficávamos conversando com ela, vendo historinhas e filmes como também o lugar onde dormíamos quando passávamos a noite na casa da vó. Por curiosidade, esta peça foi o dormitório de minha mãe até casar com meu pai. O espaço era decorado por quadros, na janela que dava para o jardim de inverno havia longas cortinas brancas e muitas almofadas ao longo dos estofados. Aliás, as almofadas eram confeccionadas pela vó Alva, pois ela gostava de costurar, pintar, enfim, era prendada, como se diz aqui no sul, sobre uma mulher com muitas habilidades.

Em frente à porta da sala da televisão, estava a maior peça da casa, chamada apenas de sala. Neste ambiente havia um sofá e algumas poltronas, assim como a mesinha do telefone, uma bela e grande arca de madeira, quadros e enfeites, e um bar grande de madeira, desenhado por minha avó com dois bancos altos. Este bar foi cenário de muitas brincadeiras, muitos clientes passaram por ali solicitando pratos e bebidas extraordinárias. A peça era rosa e o teto era de madeira, criando o formato de um losângulo em dois níveis, idealizado e feito pelas próprias mãos do vô. Nesta sala, a vó fazia as festas, em dezembro ficava a nossa árvore de Natal com os presentes após a meia noite, e ainda era o espaço de

receber as visitas, por isso o sofá cinza novinho se encontrava ali. Sofá o qual ela pedia que passássemos longe para não estragar. Esta sala dava acesso ao jardim de inverno, onde a vó cultivava suas plantinhas e nós adorávamos ajudá-la nesta tarefa. Aliás, nós adorávamos tudo, qualquer coisa que eles fizessem nos chamava a atenção e queríamos estar junto, e isso não era um ou outro neto, eram todos os nove netos.

Na sala principal, havia outra porta de vidro, de duas folhas, como a do jardim de inverno, porém esta dava acesso à sala de jantar. Uma sala simples, com uma grande mesa de madeira clara e cadeiras fazendo o conjunto. Havia também uma estante onde eles guardavam as louças mais especiais entre outras coisas. Nessa peça era onde comemorávamos os aniversários, dia das mães, dos pais, ceia de natal, de ano novo e qualquer outra data significativa, ou ainda quando havia uma superlotação para o café, algo sagrado na minha família, e não tinha espaço suficiente na cozinha.

Algumas vezes, nós, os netos, ficávamos desenhando na sala de jantar. O vô fornecia as folhas e canetas e nós, a arte. Certa vez, após desenharmos muito, resolvemos decorar a sala colando todos os desenhos na parede de cor verdinha. Não lembro que tipo de fita colante usamos, mas quando descolamos os desenhos, veio junto a tinta da parede. Foi um momento tenso, especialmente por imaginar a reação da vó, ver a parede da casa toda falhada, descascada em função a colagem dos desenhos, porém seguido de grandes risadas, o vô deu um jeitinho e tudo finalizou na paz, como de costume.

Havia na sala de jantar, outra porta de vidro, de duas folhas, ligando a peça ao pátio da casa, o cenário de grandes aventuras. Aliás, lembro-me ainda hoje do sol que entrava na casa por esta porta e, especialmente ali, bem na porta e de frente para o sol que eu recebia a benção da vó. Por volta dos seis anos, desenvolvi uma doença inexplicável nos olhos. Eu tinha muita aflição e eles sangravam e, por mais médicos que meus pais me levassem na cidade e em Porto Alegre, a resposta era sempre a mesma: não sabemos o que é. Nos primeiros raios de sol da manhã, naquela porta, frente ao sol a vó me benzia; com os olhos fechados, ela fazia o sinal da cruz com pedrinhas de sal grosso sobre eles, enquanto eu sentia uma leve e agradável “cosquinha” sobre as pálpebras, e a vó continuava a benção falando algo que não lembro mais, provavelmente uma oração, visto que era uma senhora extremamente católica e mística. Na mesma época, por tal motivo, a vó me levou

para passear no centro da cidade em busca de um santinho específico para mim e me presenteou com a imagem do Menino Jesus de Praga, para me ajudar, o qual se encontra hoje em meu quarto. Curiosamente da mesma maneira que a doença apareceu, do nada ela desapareceu, algum tempo depois.

Mas sigamos a descrição da casa. À direita da sala de jantar, havia um corredor bem pequeno, com a porta da cozinha à esquerda, a do banheiro à direita e no fundo do corredor, também à esquerda. Havia também uma porta que dava para um quarto, chamado o quartinho, onde havia de tudo um pouco. A cozinha da casa era bem pequena, toda de azulejos, no tom de amarelo. Mesa de abrir de madeira clara e banquinhos, fogão, geladeira, armários e um relógio de parede, o qual serviu para que eu aprendesse a ver as horas, ensinada pelo vô José. Havia uma grande janela acima da pia que dava para o pátio, e atrás dessa janela ficava o tanque de lavar roupas. Havia também na cozinha outra porta com janela que dava acesso à área externa. Na verdade, o que mais tinha na cozinha era conversa, como na grande maioria das casas, este ambiente era ponto de encontro, conversas, entendimento e desentendimentos. Ali se ficava horas e horas, igualmente como hoje ocorre na casa dos meus pais. Além de conversas, também tínhamos saborosas refeições, sempre acompanhadas de sopa, exigência diária do vô. Mas não era apenas a vó que cozinhava, o vô também fazia um peixinho frito, carnes, xixo e fazia muita, mas muita pipoca para a alegria da meninada.

Na porta enfrente estava o banheiro. Esse tinha as louças brancas e uma banheira de mármore. O piso e paredes eram em tons de verde, e o lustre, que era um mimo, era verde também. Acima da pia havia um armarinho simples com porta de espelho e atrás da porta do banheiro havia um espelho que tinha sido da bisavó Laura. Todos da casa, especialmente as mulheres, adoravam tais espelhos, pois um ficava um em frente ao outro (o do armarinho e o da porta) e era possível se olhar de frente e ao mesmo tempo ver as costas. Apesar das boas lembranças ali, dos banhos de banheira, de usar os cremes deles, de lavar as mãos imundas de tanto brincar, uma triste lembrança fica; foi nesse banheiro que vó Alva passou mal e acabou falecendo.

No último quartinho da casa, havia muita coisa, mas principalmente a máquina de costura da vó e um guarda-roupa velho do vô. Na máquina de costura ninguém mexia, apenas a vó e os adultos. Como já comentado antes, vó Alva era uma senhora cheia de habilidades e a costura era uma delas. Ela costurou muitos

vestidos para minha mãe quando criança e adolescente e a maior parte das almofadas da casa foram feitas por ela. Uma vez a vó resolveu me dar uma aula de costura e como resultado confeccionou para a minha boneca Barbie um lindo vestido de gala, dourado, que tenho guardado numa caixinha entre outras lembranças dela. No guarda-roupa do vô, o que menos tinha eram roupas, pois a finalidade do móvel era outra, ali ele guardava papéis, documentos, algumas ferramentas e tinha muitas anotações, dele e do meu tio, feitas diretamente nas portas.

Nós, os netos, achávamos aquele armário o máximo, primeiro porque encima dele o vô deixava ou um pacote de pirulitos ou um de balas para de vez em quando nos mimar; segundo, porque ali ficavam as folhas de ofício, algo que a gente adorava, pois gostávamos muito de desenhar e escrever mensagens de carinho para a vó e a vô, e; finalmente, porque ele tinha vários lembretes escritos no lado interno das portas, como por exemplo as datas de aniversário, além das frases filosóficas de um dos meus tios, o Gilberto Ramão, e por isso, tínhamos liberdade de escrever também. Onde se poderia achar uma casa na qual fosse permitido escrever nas portas do armário? Certamente, poucos lugares, mas na casa do vô e da vó podia, e então escrevíamos nossos aniversários e declarações de amor, além de prender, nos vários pregos martelados pelo vô nas portas, nossos desenhos mais bonitos.

Em cada espaço da casa estão guardados, porém ainda vivos na memória, vários momentos que me constituíram enquanto pessoa e mulher, momentos e aprendizagens que desenvolveram em mim um sentido e uma observação estética mais apurada, talvez por ser valorizada a cada expressão de afeto. Nenhum desenho ou cartinha feito pelas crianças passava despercebido, todos eram vistos, lidos e elogiados, e nisso, um sentimento de satisfação e alegria iam incentivando novos desenhos, novas manifestações de amor, novos momentos. Fora estas questões de afetividade nas relações interpessoais, havia uma relação de respeito e apreço pelo ambiente, pela casa ali presente. Tínhamos, enquanto crianças brincando pela casa inteira, todo um cuidado com os móveis e objetos da vó, isso não significa que acidentes não aconteciam ou até mesmo alguma “arte”, mas o cuidado em preservar o que era deles era verdadeiro. Não queríamos estragar nada, porque não desejávamos ver o vô e a vó brabos, ou pior, imaginar que poderiam ficar tristes conosco, e fora isso, aquilo que seria estragado ou quebrado não estaria mais presente no cenário das nossas brincadeiras.

Lembro-me da vez que havia me machucado e resolvi passar no meu corte um remédio chamado *meriolate*, que ardia muito. Num ato de coragem, sozinha, decidi usá-lo e sentei-me na sala principal no sofá cinza da vó, aquele anteriormente comentado que era novinho e só sentavam as visitas. Ao passar o remédio no corte e sentir a ardência, tremi e deixei um pingo daquele líquido laranja cair bem sobre o sofá novo. Foi quase um momento de pavor. Não poderia ser verdade, sujar o sofá novo da casa da vó, e logo com *meriolate*, que manchava e sendo laranja contrastava mais ainda com a cor do estofado. Bem, reduzi com muito esforço, e numa velocidade máxima para não ser pega no flagra, o tamanho da mancha, e ela felizmente nunca foi notada, não deixando ninguém brabo, triste ou tirando o encanto do móvel novo. E tempos depois, tiramos uma das fotos que mais adoro, quase todos os netos sentados no sofá cinza novo ao lado da vizinha.

Mesmo com a perda das pessoas, do tio Gilberto Ramão, do dindo Luis José, da vó Alva e por fim em 2000 do vô José, e claro, alguns anos depois a venda da casa, muito deles e da casa continuam vivos. A lembrança e o amor é algo pessoal e não acaba nunca, a menos que desejado. Mas o sentimento que existia na casa dos meus avós, ou ao menos o que eu percebia e acreditava que recebia, está nos meus pais, nas minhas irmãs, em mim, e hoje é passado para outra geração. Naturalmente, como qualquer família, há problemas de diversas naturezas, pois todos somos únicos e diferentes dos demais, porém algo mais forte do que qualquer outra coisa nos une, nos fortifica, e isso eu chamo de patrimônio estético pessoal; todo o sentimento e afeto preservado e passado de geração em geração. Não somente como o subjetivo- sentimentos e valores-, os objetos também são passados de geração em geração, como patrimônio material. Tenho três irmãs, e ao visitar a casa de cada uma delas, é possível perceber a presença material de um ou mais objetos que fez parte da casa dos nossos avós. Com a cultura que se desenvolveu na minha família, tais objetos ainda percorrerão algumas novas gerações, levando consigo os momentos que compõem a nossa historicidade familiar.

Como exemplo, tomemos o último dia das mães. Como acontece na maioria das famílias, nos reunimos para comemorar a data num belo almoço. Nele estava a minha mãe, pai, minhas irmãs já mães e as crianças. Conversando com minha mãe, lembramos muito da vó Alva, e além da lembrança dela, usamos a louça de jantar da minha bisavó, louça que ela já usava nos dias festivos. A vó Alva continuou a usar e minha mãe está usando. Depois, ainda fizemos uma sessão cinema das

filmagens da família, para que os meus sobrinhos vissem alguns momentos especiais, e entre esses momentos, tínhamos filmagem do vô José. Vendo ele ali, contávamos para as crianças como ele era, e que certamente eles teriam adoração pelo vô como nós, as netas, tínhamos.

Nessa casa, nasceram minha mãe e meu dois tios, como era de costume na época fazer os partos em casa. Do mesmo modo, tinha-se o costume de velar os falecidos também em casa, e assim, minha bisavó Laura, minha tia avó Angélica, uma moça de vinte e poucos anos, e minha bisavó Generosa foram ali veladas, onde na minha época era a sala de música. Por isso, como não dizer do significado de uma casa na história de uma família, quantos fatos ali aconteceram, quantos risos, lágrimas, segredos e sonhos preenchiam cada canto daquele espaço. Hoje, a relação que se tem com as próprias residências é um pouco diferente. Não se velam mais os entes queridos dentro de casa, mas a cultura do parto nos espaços domiciliares está voltando. Mas, deixando esses dois aspectos de fora, nascimento e falecimentos. No nosso dia-a-dia, quantos outros eventos estão presentes em cada lar e como tais eventos são avaliados? Quanto de importância se tem dado a eles? Como você, querido leitor, percebe o seu lar? Qual é a história que seu lar tem para contar? Ou qual história você está construindo?

Apesar de todo o tempo passado, de não entrar mais na casa dos meus avós e nem saber quem mora ali, lembro de cada detalhe e acredito que alguma coisa muito boa, talvez uma energia, possa acolher os novos moradores. Mesmo tendo sido modificada, vendida em dois terrenos, ainda vejo uma única casa, a casa feliz.

2.3. Entre a casa e a rua: as invenções do brincar

O universo da casa não se situa apenas no espaço físico, nos conjuntos de paredes, na sua arquitetura e decoração. A rua, a quadra, a frente da casa também possuem um significado estético ambiental, um valor cultural e patrimonial, pois está relacionado com as atividades práticas e imaginárias do indivíduo, muitas vezes repetidas de geração em geração. Em outras palavras, não é apenas na casa que estão guardadas as memórias do brincar, por exemplo, essas memórias correm para fora assim que abrimos a porta.

Na infância da minha geração, a quadra ou a rua tinham muita importância no imaginário criativo e na relação de pertencimento àquele ambiente específico. Tanto era que as pessoas eram identificadas pela expressão “quadra”, por exemplo: as meninas da quadra, os meninos da quadra de trás, ou ainda, a gurizada da outra rua. Grupos eram formados nas ruas sem a conotação que se tem hoje, não éramos gangs e nem meninos e meninas de ruas, apenas crianças que brincavam dentro e fora de casa. Felizmente e, diferentemente de hoje, tínhamos esse imenso espaço da rua, além do interior das casas para as invenções do brincar.

Minha infância foi rodeada de muita brincadeira. Minha mãe dizia que eu era especial para o brincar, pois passava o dia inteiro brincando, parava mesmo só para dormir. Além disso, brincava com qualquer coisa. Qualquer caixinha, potinho, canetinha, até vidro de esmalte ganhava vida nas minhas mãos e, sendo assim, sempre fui considerada criativa para as brincadeiras com as amigas. Minha melhor amiga dizia adorar brincar de boneca Barbie comigo, pois eu criava histórias emocionantes, aventuras e muitos romances. E realmente era assim mesmo que funcionava, pois eu imergia naquela imaginação. Aliás, aquela criança presente em mim, que brincava o dia inteiro e só parava para dormir, ainda existe fortemente no meu ser. Obviamente, não vou atrás da imaginação das brincadeiras, mas sim da imaginação da vida, do pensamento positivo, da esperança, do sonho de uma vida a cada dia melhor, de uma realidade justa e feliz para mim e para os outros. Talvez esses sejam resquícios de uma infância repleta de sonhos e de espaço para a imaginação.

As invenções do brincar eram diversas. Elas iam desde a brincadeira mais calma ou romântica até uma mais emocionante. Como havia comentado anteriormente, brincava bastante na rua, porém não era uma menina solta. Minha mãe só permitia que minhas irmãs e eu brincássemos na rua após as dezesseis horas da tarde, pois antes disso seríamos consideradas “rueiras”. Era uma verdadeira tortura esperar as horas passarem até o horário permitido para brincar na rua, especialmente quando já ouvíamos as vozes e o barulho das crianças na calçada brincando. Algumas vezes ficava acompanhando a brincadeira pela sacada mesmo, quieta imaginando como seria bom estar lá fora. Porém, quando às dezesseis horas da tarde chegava, eu saía em disparada e pronto, fazia uma viagem, entrava em outro universo cheio de vozes, imagens, velocidade e emoções.

Como qualquer grupo de crianças, brincávamos com as brincadeiras mais clássicas como amarelinha, pular corda, passa-passará, lobo o que estás fazendo, as brincadeiras de roda, brincar de esconder e de pegar. Porém criávamos várias outras e, esta parte da criação era muito interessante. Muitas vezes a brincadeira em si não era a melhor, mas sim o significado que ela tinha. Por exemplo, eu costumava brincar de detetive, aliás, gostava muito de tudo que envolvesse esse tipo de atividade. Bem, a brincadeira de detetive que criei e muito brinquei era anotar em um caderninho todos os carros estacionados na quadra ou aqueles que passavam e que eram possíveis de se enxergar. Era necessário ter um caderninho e anotar o modelo do carro, a marca, a cor, quem estava dirigindo, ou seja, se era homem ou mulher, a placa e mais alguma curiosidade percebida. Tudo isso para caso houvesse algum crime, teria as informações de que tal dia, dentre tal e tal hora, um carro com tais características passou por ali. Na verdade, para quem brincava era emocionante, pois tínhamos que anotar discretamente, ninguém podia perceber nossa atuação e tínhamos que ser ligeiras, pois a maioria dos carros estava em movimento. Fazíamos também muitos acampamentos na quadra e shows de circo, com a garagem aberta para trás, cadeiras para que o público se acomodasse e alguns truques para agradar o mesmo. Também fazíamos comércio, com uma mesinha na rua, muitas quinquilharias sobre ela e preços para quem quisesse comprar. Outra brincadeira que fazíamos era de polícia, na qual determinávamos no grupo quem era quem, quais as funções de cada um e prendíamos e soltávamos os amigos dentro de uma história, de um jogo de imaginação. Aqueles pedestres que passavam pela calçada onde estávamos, onde era a delegacia, eram abordados para pagar uma multa, um pedágio. Na verdade, não lembro mais se alguma vez tivemos algum pedágio pago, mas isso definitivamente não era o mais importante; e sim, o fato de brincar e acreditar que realmente éramos policiais, viver a emoção.

Nessas brincadeiras de rua, quem chegava ia sendo agregado, pois quanto mais pessoas participassem, melhor era. Quando estávamos num grupo de quatro para mais, gostávamos muito de andar de bicicleta, dando voltas e mais voltas sempre na mesma quadra, afinal, não podíamos atravessar o meio da rua. E durante essas voltas, não podíamos parar de cantar. Era muito bom, cantávamos muito. Hoje lembrando, penso que devia ser interessante para quem morava na quadra e ouvia aquela cantoria de repente se aproximando e logo se distanciando, e dali a poucos minutos se aproximando novamente, e assim continuamente.

À medida que íamos crescendo, o espaço na rua crescia também. Tínhamos a liberdade de atravessar a rua, brincar no meio da rua, especialmente de bola. Muito jogo de vôlei joguei com as gurias da quadra no meio da rua. Hoje essas gurias da quadra são algumas de minhas melhores amigas, cada uma mora em uma cidade diferente e assim, viajamos para nos ver e conversamos muito sobre o presente, o futuro e com certeza sobre o nosso passado. O brincar na rua teve muita importância no meu crescimento e nas relações desenvolvidas entre as pessoas e o meio. Era uma atividade muito saudável e feliz. E o fato de criar as brincadeiras, do se permitir imaginar e sentir, me ajuda hoje, com certeza, em muitas questões da vida adulta; no ver alternativas para as coisas, ter facilidade e criatividade para chegar a boas soluções, entre outros aspectos.

O leitor, à medida que lê, deve estar se identificando com algum momento aqui narrado. De acordo com sua faixa etária, deve ter até experiências mais interessantes das brincadeiras de rua. Digo isso pela conversa com meus pais, pois as brincadeiras deles eram bem diferentes e mais criativas que muitas das minhas, até porque não havia essa quantidade de brinquedos prontos que hoje se tem. Diferente da geração de minha sobrinha de oito anos, que praticamente, nunca brinca na rua e quando vai para rua não existe outra criança ali para brincar. Na verdade, a geração contemporânea de crianças brinca mesmo é dentro de casa, a sua grande maioria com brinquedos prontos ou computadores e, geralmente, sozinhos.

Eu, como a maioria das meninas, brincava muito de bonecas, desde as pequenas como as Barbies, na qual eu não existia na brincadeira; como as grandes, na qual eu existia, sendo a mãe delas. Nos Natais, sempre pedia na minha cartinha para o Papai Noel alguma boneca, mas a minha exigência era sempre a mesma: que a boneca não falasse, caminhasse ou coisa do gênero. Achava incoerente a fabricação de bonecas de aparência de seis meses ou até menos dizendo: Mamãe, estou com fome! Diferentemente de minhas irmãs, que tinham bonecas que falavam, cantavam, engatinhavam, andavam de bicicleta, davam cambota, entre outras coisas; eu gostava de minhas bonecas mudas, pois assim criava os sons que queria, os choros, os risos ou qualquer movimento desejado.

Essas eram uma das brincadeiras mais criativas. E nelas a casa já estava presente. Gostava muito de criar o cenário e fazia, por exemplo, a casa da Barbie com tolhas de rosto enroladas de uma forma que viravam sofá, cama e poltronas

aliadas a algumas mobílias já que tinha. Também fazia bonitos vestidos, justos; porém elegantes, para as mesmas bonecas com as meias do meu pai; aquelas usadas com sapato social. Isso acontecia mesmo tendo muitas roupinhas para as bonecas, mas muito da graça na brincadeira era o criar, não só as histórias, mas os objetos também. Era muito interessante o quanto nós usávamos a criatividade para ter objetos para as bonecas, especialmente as Barbies.

Antigamente, os pães de formas vinham num pacote plástico preso por um metalzinho diferente do arame forrado de hoje. Era um metal que tinha uma bolinha chapada, uma tirinha, mais uma bolinha chapada e assim por diante. Esse ferrinho nós guardávamos porque eram os óculos de sol das Barbies e Bobs, seus namorados. Os envelopes do sache de chá, nós usávamos como as pastas de faculdade das bonecas e, ainda, recortávamos alguns papéis e dobrávamos outros a fim de fazermos de conta que eram folhas e livros. As caixinhas de chicletes, aquelas que vêm duas unidades, eram utilizadas como caixinhas de biscoitos. Esses são alguns dos diversos exemplos de utilização que fazíamos de qualquer material existente em casa para as brincadeiras.

Por tanto gostar de brincar de boneca e das suas respectivas casas e mobílias, vó Alva acabou dando-me em um natal um conjunto de mobílias de madeira lindo, com sofás e poltronas de estofado aveludado vermelho, sala de jantar e quarto com penteadeira com espelho de verdade. Essa mobília é uma relíquia para mim, tenho-a guardada e novinha até hoje, e a libero, de vez em quando, para que minha sobrinha brinque. Lembro-me perfeitamente daquela noite de Natal, na qual minha avó indicou que aquela grande caixa era para mim. Lembro-me de estar agachada no chão, abrindo-a e deliciando-me por estar recebendo tamanho presente.

Invenções nunca faltaram. Minhas irmãs também eram criativas e juntando-nos com os primos e primas, criávamos muito coisa. Na casa dos meus avós brincávamos muito de “As panteras”. Existia um seriado que consistia em três detetives desvendando mistérios e prendendo criminosos, num universo feminino, cheio de charme e emoção. Minhas primas e eu escolhíamos quem seria cada uma delas e partíamos para o ataque. Nossas armas eram os prendedores de roupas, de madeira, da vó. Nossos transportes eram as motos dos meus tios, os carros pifados do meu avô, como as Rurais Willys. As casas dos bandidos poderiam ser qualquer espaço da garagem do vô, que por sua vez era repleta de objetos e papéis, enfim, muita coisa que poderia servir de pistas para desvendar os crimes. Nós, as

panteras, nos comunicávamos por radinhos imaginários e pedíamos ajuda uma as outras quando o criminoso chegava em casa no momento em que uma estava fazendo uma vistoria. Lutávamos com os bandidos ou fugíamos dali com nossas motos e carros velozes.

Também gostávamos de brincar com moda. Não sei por qual motivo meu avô guardava tanto jornal, mas o fato era que ele tinha pilhas e mais pilhas de jornal velho. Com tanta matéria-prima disponível, minhas primas, irmãs e eu fazíamos um atelier de moda. Desenhávamos os “modelitos”; saias, blusas, vestido e até shorts e depois, de prontos os desenhos recortávamos no jornal em tamanho real, colávamos com fita adesiva, vestíamos as roupas de jornal e desfilávamos.

Minha irmã Francine e eu brincávamos muito juntas. Ela também era muito criativa e inventávamos muitas brincadeiras. Uma delas era de escritório de arquitetura. Como minha casa era sobrado, minha irmã ficava no andar de cima, na escrivaninha de trabalho do pai, sendo ali o escritório dela; e eu, ficava no andar de baixo, na garagem onde havia a escrivaninha de todos, sendo ali o meu escritório. A brincadeira era então desenhar a planta de casas, criar os ambientes e fazer algumas negociações para venda. As duas “arquitetas”, ela e eu, nos comunicávamos por telefone para uma dar ideias a outra, e assim, fazer um ótimo trabalho. Obviamente, não nos ligávamos de verdade pelo telefone, visto que em casa havia apenas uma única linha. Nós apenas tirávamos os telefones do gancho e ficávamos berrando uma para outra, de um andar para o outro, fazendo todas as sugestões e negociações necessárias.

Se analisarmos, a imaginação, a invenção tem um poder imenso sendo capaz de trazer muita emoção, sentimento para aquele que está imaginando. Muitos estudiosos dizem que nosso cérebro não distingue o que é realmente a realidade daquilo que imaginamos, desta forma, podemos ter momentos de forte emoção e significado partindo apenas da imaginação. Enquanto professora, tia e dinda permito-me demais à brincadeira e ao mundo lúdico. Enquanto pesquisadora permito-me o permitir, o experimentar, o conhecer, o sentir, e por tal razão a Educação Estética Ambiental é tão fortemente enraizada em meu discurso.

2.4. A casa onde nasci

A casa onde nascemos e crescemos tem um grande papel na formação da nossa personalidade, nos conceitos que criamos e nos valores que adquirimos em boa parte de nossa vida. Por esta razão, não haveria como não falar da casa onde nasci e cresci e da sua importância na minha construção emocional, psicológica e social. A partir dos espaços compartilhados, da família e dos laços afetivos que encontrei em casa, posso refletir e entender parte do por que as coisas hoje, são como são.

Apesar de referir-me sobre a casa onde nasci, confesso não ter nascido em casa alguma, e sim, num hospital. O leitor pode estar estranhando minhas palavras neste momento, mas explico que casa, ao menos no contexto desta pesquisa, é o lugar onde guarda em si uma história, vivência pessoal, as pessoas importantes na nossa vida, objetos pessoais, animais de estimação, ou seja, o lugar onde se vive. Um hospital pode até ser considerado uma casa, mas de morada pública e passageira, ao menos assim esperamos. Num hospital, não moram conosco nossos parentes, não encontramos nele nossos pertences, não temos aquela comum rotina de chegar e sair, pois não temos liberdade. Já a casa de que eu falo tem, ou teoricamente deveria ter.

Obviamente sabemos que muitas pessoas, infelizmente, vivem mais em hospitais, dormindo e acordando, do que em suas próprias residências. Nestes casos, o hospital passa a ser mais próximo do conceito de casa que abordo na pesquisa, mas o leitor a de convir que se perguntássemos para qualquer inferno hospitalizado seu maior desejo, a grande maioria diria que seria se curar ou voltar para casa. E é desta casa a que a me refiro.

Sendo assim, continuo a dizer que não nasci em uma casa, nasci no hospital Beneficência de Rio Grande, um grande prédio antigo e muito bonito. Sua grande fachada externa é patrimônio da cidade, não podendo ser modificada. A Beneficência situa-se no centro da cidade de Rio Grande, em frente à Praça Tamandaré e hoje, está desativada devido a várias dívidas, na espera de um comprador. O interessante é que o hospital possui em seu interior uma belíssima capela, e esta sim, ainda hoje é utilizada e cuidada pela população.

Quando nasci, minha mãe mostrou-me pela janela da Beneficência para minhas três irmãs, que eram crianças e não deviam entrar em hospitais. As três meninas

acompanhadas pelo meu tio, o irmão mais novo de minha mãe, ficaram na Praça Tamandaré, em frente ao hospital, abanando para mim e matando suas curiosidades sobre a pequena nova integrante da família. Ao sair do hospital, fui para casa, ou seja, um apartamento onde minha mãe, pai e irmãs moravam, mas eu não me lembro dele, de absolutamente nada, apenas sei que ele existiu e vejo suas fotos. Não me lembro de nada, porque quando completei seis meses de vida, meus pais compraram uma casa, um sobrado, e esta sim, é a que considero a casa onde nasci.

Esta casa tinha um ritmo agitado, pois eram seis pessoas que ali moravam, sendo que quatro delas eram crianças. A depender das palavras dos meus pais, só eu já bastava para o agito, pois segundo eles eu era terrível. No entanto, como conta minha mãe, eu não era mal educada ou coisa do gênero, mas arteira. Com seis meses de idade, subia e descia as escadas do sobrado engatinhando, inclusive tenho até foto registrando um desses momentos.

Apesar de nossa casa ser um sobrado, ela é enxuta. Tem um bom número de peças, porém todas pequenas. No andar de baixo, fica uma sala, que até hoje é a de visita, conjugada com a sala de jantar. Quando eu era criança não existia porta separando um espaço do outro, hoje já tem. Na verdade, por interferência de nós, as filhas, minha mãe mudou o estilo de decoração da casa. Hoje, ao meu ver, a casa é bem mais alegre, moderna e aconchegante. Quando eu era criança e adolescente a casa era muito mais clássica e fria.

Esta sala de visita, a primeira peça de quem entra na casa pela porta principal, sem ser pela garagem, sempre foi muito preservada por meus pais. Mais especialmente pela minha mãe, pois meu pai não interferia muito nas coisas de casa, a não ser na exigência das coisas limpas e organizadas. Por ser a peça destinada a receber visitas, minha mãe caprichava na decoração, colocando sobre a mesa de centro da sala uma coleção de cristal e algumas porcelanas. Eram taçinhas, pratinhos, bombonieres, potinhos, tudo bem distribuído sobre o tampo de vidro. Se tivesse etiqueta nos objetos se poderia jurar que era um bazar, mas minha mãe adorava.

A sala de visita tinha um clima um pouco tenso, no sentido que era um perigo se passar por ali, pois tinha muita coisa para quebrar. Pode-se dizer que era um grande desafio cruzar a sala, porque ela não era grande. Havia pouco espaço de circulação e o espaço que tinha era em torno da mesa de vidro dos cristais, ou seja, toda a concentração era necessária para não bater na mesa. Muito cuidado ao cruzar por

ela com um casado sobre o braço e não ir derrubando os cristaizinhos, bem como ao cruzar as pernas e não acertar os adornos, e também, para não deslocar o tapete da sala e assim sacudir a mesa e os cristais, enfim, todo o cuidado era pouco.

Logo atrás desta sala era a sala de jantar, que também pouco usamos quando crianças. Essas duas salas eram as peças mais especiais para os meus pais, e até por isso nunca entrávamos em casa pela sala da frente, e sim, sempre pela garagem. Além disso, a porta principal da casa nunca abria muito bem, dependendo da umidade do ar ela emperrava. Mais fácil mesmo era acessarmos a casa pela garagem. Mas voltando a sala de jantar, esta era o cenário principal dos aniversários. Na mesa de madeira escura era colocada uma bela toalha, o bonito bolo no centro e os demais enfeites em torno. Na minha família, aniversário é coisa sagrada, sempre há festa com, no mínimo, bolo, velas e presentes. E mesmo que não convidássemos ninguém, nós tomávamos banho, nos perfumávamos, colocávamos uma roupa bonita e ficávamos só nós, esperando o parabéns. Obviamente isso acontece mais hoje em dia, pois quando éramos crianças e adolescentes sempre fazíamos questão de convidar os amigos. Com o passar do tempo, ficamos mais entre a família e aqueles amigos que, lembrando da data, quiserem aparecer, são bem vindos.

O leitor pode estar pensando que esta família é meio estranha, com um certo desvio de comportamento padrão, não tendo atitudes normais, como se arrumar e esperar o parabéns não tendo convidado algum. Mas nós somos assim mesmos, adoramos fazer festas, comemorações para nós mesmos. Quando meu pai comprou a casa na praia do Cassino, passou a reformar alguns ambientes, e para cada coisa arrumada fazíamos uma festa para comemorar. Por exemplo, quando chegou a pedra do balcão da churrasqueira, fizemos um churrasco para comemorar; quando chegou a porta da garagem, outro churrasco, e assim nós íamos.

Continuando a descrição da casa onde nasci, atrás da sala de jantar é a cozinha, onde sempre fazíamos nossas refeições e tínhamos muitas conversas. Nós éramos nada a mais, nada a menos do que cinco mulheres na casa, sendo assim, assunto não faltava. Nós costumávamos tomar um café no fim de tarde com toda a família reunida, logo após o café o pai já subia as escadas para ir assistir à televisão e nós, as mulheres, esquecíamos do tempo conversando sobre tudo, ou quase tudo. Atrás da cozinha fica a lavanderia, antigamente chamada de quartinho, onde tinha de tudo

um pouco, e mais uma enorme caixa cheia de brinquedos, os quais eu passei minha infância inteira envolvida.

Ao lado da cozinha e do quartinho fica o pátio todo de tijoletas. Ali muitos churrasquinhos aconteceram e muito brinquei. Inclusive, foi ali que rachei o meu nariz, ao pegar escondido os patins de uma de minhas irmãs. Entediada por andar neles fazendo o contorno do quintal e apoiando-me nas paredes por várias vezes, resolvi ousar, andando no meio do pátio, quando me apoiei na corda de roupas que, por sua vez, arreventou e fez com que eu batesse com o rosto, mais especificamente, com o nariz direto no chão. Esse episódio se desdobrou de uma maneira, que a médica que me atendeu queria me operar com urgência, pois com a lesão que tive no nariz poderia ficar mongolóide. Segundo ela, uma farpa do osso do meu nariz poderia se locomover e acertar no meu cérebro, comprometendo minha saúde mental. Minha mãe ficou em pânico, sua filha caçula, de apenas seis anos a beira de um retardo mental era demais para ela. Mas por sorte, meu pai muito mais ponderado, decidiu procurar outro médico que na mesma hora nos atendeu em sua própria casa, desmentindo todo e qualquer diagnóstico daquela médica. Como ironia do destino, meu pai, uns vinte e dois anos depois deste episódio foi contratado como advogado para uma ação contra esta mesma médica que continuava querendo operar pessoas com seus diagnósticos malucos, em busca de dinheiro.

Voltando para o interior da casa, ao lado da sala de visita fica a garagem, onde minhas irmãs, amigos, vizinhos e eu muito brincávamos. Nela havia uma escrivaninha com uma estante acoplada onde guardávamos nossos livros, estudávamos e deixávamos nossas mochilas ao chegarmos do colégio. Eu gostava de fazer uma brincadeira na garagem. Sobre a estante da escrivaninha havia uma abertura na parede, como se fosse uma janela, porém era totalmente aberta, sem vidros, sem nada. Através dessa abertura era possível avistar as escadas da casa. Então, minha brincadeira era subir as escadas, parar em frente a esta abertura de dava para a garagem e me atirar por de cima da estante de livro. A altura que pulava devia ser um metro e setenta ou mais. Isso já maior, com sete, oito anos. Quando bebê, a única coisa que fazia era empurrar, abertura a baixo, os vasos de flores que a mãe ali colocava para enfeitar. Na garagem tem uma porta que dá para o lavado da residência e a outra porta dá para a sala de jantar. Na sala de jantar tem as escadas dando acesso ao piso superior da casa onde fica um banheiro, dois quartos, uma sala íntima com lareira, terraço e sacada. Hoje, como havia comentado

anteriormente, a casa mudou o seu estilo e muitos materiais de revestimento também. Quando eu era criança, o piso do andar inferior era todo de taco, enquanto que as escadas e o piso superior, incluindo os quartos, era forração. E era nela que eu já praticava as minhas “artes”. Meus pais dizem que eu adorava pegar sabonete e raspá-lo um pouquinho com a unha e este pouquinho eu apenas dispensava na forração, ou seja, como era muito pouco, quase ninguém enxergava até pisar sobre ele e prensá-lo de vez, sendo de difícil remoção e deixando a carpete todo marcado. Fora isso, gostava muito de talco, mas não exatamente para o uso indicado no seu rótulo, e sim para sacudi-lo com vontade, batendo com sua base no chão ou apenas no ar, formando uma grande nuvem branca e perfumada que suavemente ia se depositando por todo o carpete. Obviamente minha “arte” ia muito além disso, como: despejar todo o conteúdo encontrado na caixa sabão em pó dentro de baldes aleatoriamente e os xampus no ralo do box.

Falando em xampu, lembro-me do banheiro. Esse era todo no tom de lilás e vivia ocupado, afinal éramos seis pessoas para um banheiro, digo isso em função do chuveiro, pois o outro era lavabo. Dessas seis pessoas, cinco eram mulheres, e todos sabem que as mulheres necessitam de um pouco mais de tempo embaixo do chuveiro em relação aos homens. Em certo momento, chegou a ser quatro adolescentes meninas na casa. Isso significa muitas horas de banho, ainda mais que três de nós tínhamos longos cabelos cacheados, ou seja, muitas horas de banheiro ocupado. Toda menina precisa de tempo e de um lugar específico para colocar em prática as dicas que as revistas dão para ficar mais bonitinha, como banhos de creme para os cabelos, penteados, entre outros importantes detalhes.

Para estimular nossa vaidade, a mãe fez a assinatura de uma revista para o público adolescente chamada Capricho, ela falava sobre comportamento, cosmético, moda, e tudo que interessava o público feminino e juvenil. Quando nós ouvíamos o carteiro colocando as correspondências por debaixo da porta junto com a revista, era uma correria dentro de casa; tinha adolescente saindo dos quatro cantos na esperança de conseguir pegar a revista e ser a primeira a ler. Era uma emoção só.

De modo geral, minhas irmãs e eu nos dávamos muito bem. Obviamente que teve aquela fase das brigas, mas nos saímos bem delas e hoje somos muito amigas. Sempre fomos muito próximas, isso porque meus pais incentivavam esta relação familiar, mas também, porque o espaço da casa era pequeno mesmo, e não tínhamos como ficar muito distantes umas das outras. Nós as quatro dormíamos

num mesmo quarto, cujo espaço era mínimo e tinha que funcionar com harmonia e ordem. Ao entrar no quarto havia à direita um beliche, onde dormiam duas de nós, e na sequência um roupeiro de três portas. À esquerda de quem entrava havia uma bicama onde dormia a minha irmã mais velha na cama de cima e eu, na de baixo, e na sequência uma porta de roupeiro e sobre toda a extensão da cama, um armário aéreo. Quando a bicama era aberta, a cama de baixo ocupava todo espaço de circulação do quarto, ou seja, era uma superlotação, mas que funcionou. De forma natural, aprendemos a dividir com respeito este e outros espaços. O quarto ao lado do nosso era o dos meus pais. Os dois quartos dão para a sacada, com vista para a rua, e saindo deles entramos na sala íntima, onde ali a família se reunia para ver televisão, conversar e fazer qualquer coisa.

A casa era, de forma geral, agitada, pois tinha um fluxo de gente entrando e saindo, subindo e descendo as escadas, o tempo inteiro. Quando tiraram o carpete e colocaram o piso de madeira, inclusive nas escadas, meu pai vivia brigando conosco para que não fizéssemos tanto barulho ao subi-la, pois na verdade era quase um trote de cavalo. Meu pai é um homem muito inteligente, estudioso, trabalhador, mas, além disso, quando éramos criança, ele era bastante brabo.

Logo ao subir as escadas, havia uma grande estante cheia de livros, praticamente todos do meu pai. Quase enfrente a ela, deslocando-se mais para esquerda havia uma grande escrivaninha, de madeira escura igual a estante, e sobre ela tinha porta lápis, risque-rabisque, telefone, enfim, tudo o que meu pai utilizava. Ele costumava ficar ali, sentado à escrivaninha trabalhando e estudando. Quando ele não estava, era tudo tranquilo, subíamos a escada correndo e passávamos pela escrivaninha na mesma velocidade; porém, quando ele estava, a situação era bem diferente.

Ao sentar à escrivaninha, a cadeira se aproximava muito da estante de livros, dificultando em muito a passagem de qualquer pessoa. Desta forma, era uma grande aventura subir a trote as escadas e frear ao chegar à estante. Naquele momento tínhamos que fazer um cálculo de matemática espacial de modo que nosso corpo conseguisse passar por entre o espaço, mínimo, da estante e da cadeira, porém sem encostar-se à cadeira ou nele. Era um tal de encolher a barriga, prender a respiração e se esticar, tudo para não receber aquele olhar desaprovador que só o meu pai sabe dar. Infelizmente, a matemática nunca foi o meu forte, portanto, recebi muito desses olhares.

O pai trabalhava oito horas por dia como advogado na Refinaria de Petróleo Ipiranga, onde trabalhou por mais de trinta anos. Quando chegava em casa, continuava trabalhando, atendendo alguns clientes na sala de visita e, após abrir seu próprio escritório de advocacia, estendendo seu horário por lá. Fora isso, comprava muitos livros e estava sempre lendo e estudando, realmente um grande exemplo.

Como pessoa era um pouco calado, ainda é. Por vezes parecia não saber como se aproximar da gente, especialmente quando maiores, pois quando crianças ele era muito participativo e paciente. No entanto, meu pai só falava uma vez para que entendêssemos seu recado, isso quando falava, pois bastava um olhar dele para que nós desistíssemos de qualquer manha, birra ou desobediência. Ele não era um homem de grandes sorrisos ou carinhoso, acredito que seguia o feitio de sua criação. Na verdade, era bastante sério e até minha melhor amiga há alguns anos confessou-me que quando era criança tinha medo dele. O pai representou e ainda representa para todas nós, as filhas e mãe também, muita confiança e segurança. Nunca, até hoje, tive dúvidas ou motivos para não admirá-lo. É um homem íntegro, religioso e totalmente voltado para a família. Tanto é que qualquer problema que temos recorremos a ele com certeza de que ele resolverá tudo. Um herói.

Minha mãe teve outra criação, talvez por isso era mais carinhosa e muito presente em nossa vida. Ela é o tipo mãezona que gosta de todos até hoje na sua volta. Sempre cuidou muito da gente, para que ficássemos limpinhas, arrumadinhas e bonitinhas. Ela mesmo era, e ainda é, uma mulher muito vaidosa, tanto com a casa quanto com ela mesma. Eu, quando criança, já percebia isso, e quando solicitada na escola para escrever um texto sobre o que ou quem eu gostava, decidi fazer sobre minha mãe, e escrevi que ela para caminhar, rebojava mais do que a “chacrete do chacrinha”, redação aliás que ela ainda tem guardada. Esse exemplo de mulher dedicada à família e muito feminina ficou impresso em todas as filhas.

A mãe, diferente do meu pai, ria à toa. Ela tinha um jeito muito leve de ser; alegre, divertida e participativa. Todo e qualquer projeto que se fazia de trabalho na escola, gincana ou qualquer outra coisa que, especialmente fosse necessário utilizar a criatividade, ela participava. Até hoje, eu conto muito com ela, inclusive como fonte para o desenvolvimento dessa pesquisa. Minha mãe trabalhou a vida toda como professora, primeiramente alfabetizando e, após cursar a faculdade de Educação Artística, lecionando a disciplina de artes na escola. Também trabalhou como

professora por mais de trinta anos e boa parte desta trajetória na escola Nossa Senhora Medianeira, onde também foi diretora.

Minha mãe tem um grande talento artístico, para mim, é uma grande artista, porém, ela se critica dizendo que nada que ela faz é certinho e organizado. Talvez esse seja o grande charme da arte da mãe. Eu sou uma grande fã de sua produção criativa e tenho em minha casa algumas coisas feitas por ela. Obviamente que não apenas eu, minhas irmãs também. É minha mãe que faz as lembranças de nascimento, batizados entre outras coisas para os netos e família. É como que tudo que ela tocasse virasse ouro, pois tudo fica muito bonito.

Meus pais se conheceram quando ela tinha doze anos e ele quinze, hoje eles tem quarenta e três anos de casamento sólido e estável. São dois vitoriosos, trabalharam duro, com muitas responsabilidades, pois ela com trinta anos e ele com trinta e três, já tinham as quatro filhas para criar. Nunca faltou nada para a gente, mas o dinheiro era cuidado, para que tudo desse certo, como deu. A relação deles é muito boa. São interessantes, pois eles têm um jeito de ser e pensar muito diferente; e outro, muito igual. Várias vezes me faz pensar que realmente nasceram um para o outro, pois se completam, tanto nos defeitos como nas qualidades. De modo geral, é um casal apaixonado e possuem uma longa e bonita história de amor.

Meus pais eram muito presentes, exigentes e cuidadosos. Estavam sempre conosco, nos levavam para passear e viajar. Todas as nossas refeições eram feitas junto com eles. No almoço, por exemplo, o pai, em função do serviço, era o último a chegar em casa, e mesmo que estivéssemos morrendo de fome, aguardávamos a sua chegada para fazer a refeição. Só saíamos da mesa quando a última pessoa terminasse de comer. Alí na mesa mesmo é que tivemos grandes momentos de aprendizagem de como nos portar nos espaços, o tom de voz a usar, esperar a vez para se servir, sentar direito na cadeira, entre outros ensinamentos.

Meu pai, por exemplo, não deixava a gente usar o moletom amarrado na cintura, como foi moda em um momento da minha adolescência, e vivia dizendo: senta direito e fecha as pernas. Minha mãe exigia organização no quarto e no roupeiro. Para exemplificar, tivemos por muitos anos uma doméstica/babá, que até hoje convidamos para os aniversários de toda a família e às vezes até trabalha como babá da minha sobrinha. Ela é uma pessoa muito querida e confiável e aos vinte anos foi trabalhar lá em casa, logo que nasci, e ficou conosco por dez anos. Mesmo tendo a Beth, para organizar e limpar a casa, minha mãe proibia que ela

fizesse a nossa cama ou dobrasse as nossas roupas. Segundo a mãe, isso era responsabilidade nossa. Nem minhas irmãs e nem eu compactuávamos muito com esta ideia, mas lá na casa onde nasci criança não opinava, apenas confiava nos pais e os obedecia.

Quando criança, muitas vezes não entendia a postura dos meus pais, até me chateava, como, por exemplo, quando mostrávamos uma nota oito na prova e eles diziam: por que não o dez? Mas com o tempo fui me acostumando, amadurecendo e percebendo que só queriam o melhor de nós. Em contra partida da exigência, eles também valorizavam pequenas ações, e assim, tudo ia contrabalanceando, resumindo-se em uma vivência feliz e equilibrada.

Ao fechar os olhos e pensar na casa onde nasci, a sensação que tenho é de alegria, vivacidade e proteção. Proteção mais pelos meus pais, que eram e são meu porto seguro. Já a alegria e a vivacidade são pelas minhas irmãs, pois adorava tê-las, e se pudesse, teria irmãos também. Como eu era a mais nova, eu as admirava muito, especialmente quando elas entraram na fase de ser mais mocinha. Eu ficava encantada com as roupas, os sapatos, os brincos, o batom, tudo o que eu não podia usar, pois ainda era muito criança.

Por ser a mais nova, com uma diferença de idades em relação a elas de quatro, cinco e nove anos, queria ser como elas. Então, continuei com as minhas artes. Aos onze anos, mais ou menos, me preocupava em ir mais bonitinha para o colégio, mas tudo que era mais bonito, pensava eu, era para as meninas mais velhas, como as minhas irmãs. Elas eram um showroom de tudo que existia de mais legal para uma menina, mas que eu não podia usar. Indignada, passei a pegar coisas escondidas para vestir no colégio. Uma hora era um brinco um pouco maior, outra um anel, outra um broche, um lenço e assim fui indo. Usava e antes de chegar em casa tirava e colocava sem ninguém ver de onde eu havia pego. Algumas vezes eu era descoberta, então havia muita discussão e quando tudo se acalmava, eu pegava alguma coisa “emprestado” novamente. Obviamente, eu não pegava emprestado todos os dias, era esporadicamente, ou por fases, mas quando descoberta dava muito incomodação para as gurias e para a mãe. Até que um dia, minha mãe viu em uma loja de moda jovem uma mochila super bonita e moderna, e melhor ainda, transparente. Bem, como tudo que eu levava escondido para escola ia dentro da mochila, o fato de ela ser transparente, dificultou minha ação ilegal. Foi

uma ótima estratégia da minha mãe, mas confesso que mesmo assim, ainda consegui levar algumas coisas escondidas para o colégio.

A casa onde eu nasci e cresci, acompanhou-me em todos os momentos. Ali vivi dos seis meses de idade até os vinte sete anos, e ainda hoje ela acompanha-me em muitos momentos e em muitas lembranças. Meus pais ainda moram nela, e aquele sobrado enxuto já não parece tão enxuto, quase chega a ser grande sem as filhas dentro. O ritmo da casa hoje é muito mais calmo, apenas moram ali meus pais, dois cachorros e alguns passarinhos.

Na minha adolescência, além das minhas irmãs, havia a presença de uma figura muito importante na casa, a Danka. Uma linda cadela, branca, desobediente e muito assanhada que faleceu ano passado e que viveu conosco por 16 anos. Apesar dos meus pais não gostarem de cachorro dentro de casa, não foi possível controlar isso quando se tem quatro filhas. A Danka era a dona da casa e logo quem menos a queria, foi quem ela escolheu como dono, meu pai. É interessante salientar que meu pai passou por uma transformação após a chegada da Danka. Costumávamos dizer que havia um pai anterior à Danka e um pós Danka, e este último era muito melhor, mais alegre, mais leve mesmo. Quando Danka fez quatro anos, pegamos outro cachorro, um pequeno poodle cor champagne chamado Sherlock Holmes. Na verdade, ele foi abandonado em uma clínica veterinária todo judiado e quando lemos no jornal o anuncio da clínica vendendo-o, minha mãe decidiu comprar para fazer companhia para meu avô José, que estava morando sozinho.

Como nenhum gostou do outro, levamos para a nossa casa e ele me escolheu como dona. Este cão é um dos amores de minha vida, nunca conheci um animal tão companheiro, guardião e fiel como ele. Ele me cuida quando durmo, não deixando ninguém me acordar; não deixa ninguém levantar a mão para mim, mesmo de brincadeira, pois ataca; me espera na porta do banheiro quando tomo banho e, no ano que saí de casa e fui morar em Florianópolis, ele entrava na minha mala.

Logo depois do Sherlock, após várias fugidinhas da Danka para namorar, ficamos com um filhote de sua ninhada, a Gresca, uma cadela magrela, comprida, branca de orelhas marrons e olhos verdes. Então, em certo momento, além das filhas, havia mais três cachorros para acelerar o ritmo da casa. E hoje, o Sherlock; treze anos, e a Gresca; dez anos, são verdadeiros companheiros dos meus pais.

Haveria muito mais para falar da casa que vivi vinte sete anos da minha vida e ainda hoje convivo. São os mesmo espaços, as mesmas pessoas e uma vida

diferente. As meninas do sobrado, como éramos chamadas por alguns vizinhos, já são mulheres, algumas mães, e meus pais já estão mais tranquilos, aproveitando uma nova fase da vida, junto aos netos. Muita coisa daquela casa ficou no tempo, em algum lugar muito especial dentro de mim e que me permite acessá-la quando eu tenho vontade. Mais do que qualquer coisa, o que mais lembra a casa onde nasci são as vozes, os risos, as cantorias, os sons e o movimento das pessoas que mais amo compartilhando o mesmo espaço.

2.5. As casas que moram em mim

Quem nunca sonhou como seria a sua casa, em que lugar ela ficaria, que pessoas morariam nela e como seria o dia-a-dia nesse espaço. Na verdade, desde crianças temos as imagens de como seria a casa ideal. Normalmente, as meninas sonham morar em castelos, com lindos quartos, jardins e grandes festas no salão onde elas possam vestir seus lindos vestidos e encantar belos príncipes. Já os meninos, imaginam casas também com torres, porém não castelos encantados, e sim fortes, cheio de armas e armadilhas para pegar os bandidos ou ainda casas como a “bat caverna” do herói Batman, com velozes automóveis para perseguição do mal estacionados na garagem.

Os sonhos da minha infância não foram muito diferentes do da maioria das meninas; no entanto, esse castelo encantado, da forma descrita antes, não reside mais em mim. Ele se transformou assim como eu, amadureceu um pouco, não precisando mais ser rebuscado como um castelo de princesa. De qualquer maneira, ainda existe uma magia em cada casa que imagino, mais na vida que eu levo dentro delas do que exatamente no tipo de construção de casa, mesmo sabendo que a arquitetura, cores, entre outros aspectos podem influenciar nossa postura, atitudes e relações dentro do espaço domiciliar.

Dentro de cada um de nós existe um cantinho particular, não duvide. Sabemos que muito do que temos no nosso interior, dividimos, compartilhamos com as pessoas que gostamos ou apenas falamos sobre, como realmente deve ser, de forma natural. No entanto, existem algumas coisas que ficam guardadas no nosso cantinho particular, aquelas que nunca ou pouco são reveladas aos outros. Estas,

muitas vezes são lembranças, outras frustrações, mas na sua maioria são sonhos, imagens, desejos de diversas naturezas.

É nesse cantinho particular que gostaria que você leitor, nesse exato momento, focasse sua atenção. Certamente temos um sonho, um registro de uma imagem vista, um flash tímido que seja, de como é a casa em que gostaríamos de viver, aquela que mora dentro da gente e que quase ninguém sabe da existência dela. Incrivelmente, até nós mesmos podemos desconhecê-la. Talvez tais situações ocorram porque ela mora num lugar do nosso inconsciente ou porque não nos damos tempo para pensar nelas, ou ainda, por ser algo tão particular e íntimo parece nunca haver contexto para explicitá-la. Mas o fato é que dentro de cada um de nós existe uma ou mais casas, pois os sentimentos, os desejos e a imaginação são infinitos, imensuráveis. E buscar conhecer e interpretar aquilo que nos preenche, visto que somos seres aptos a criar imagens e emoções, pode contribuir construtivamente para alicerçar o que hoje temos ou entendemos enquanto realidade. Em outras palavras, conhecer as casas que nos residem pode ajudar no conhecimento e entendimento da casa que hoje residimos.

Começarei então a apresentá-los as minhas casas. Sim, não tenho apenas uma, mas três casas que moram em mim, são elas: a casa do campo, a casa da praia e a casa da cidade. Estas três residências permeiam desde muito tempo meus pensamentos e tenho imagens prontas de cada uma delas, desde a sua estrutura, se é grande ou pequena até a rotina vivida nelas, rodeada de pessoas e das coisas que gosto.

Manter contato com a natureza é uma questão que faço como ideal de vida, não diferente disto, as casas que moram em mim mantêm esse contato com o universo natural. Por isso, mora em mim uma casa na praia, mas não é qualquer praia, é praticamente uma praia deserta, um lugar onde não tenha pessoas para lá e para cá, trânsito e barulho, a não ser o do mar.

A casa não é grande, é bem simples, buscando uma decoração com toques tropicais, mas sem ser caricata, ou seja, sem ser exagerada, como ter adornos de peixes por todos os lados. Ela é apenas uma casa simples, visualmente limpa, ou seja, sem muitos adornos, sendo prática na sua manutenção e na locomoção dos moradores. Ela tem grandes janelas, e um avarandado onde fica a rede para balançar, umas poltronas, uma mesinha com velas sobre, e o cachorro sobre o capacho em frente à porta. Através das janelas, dos dois pisos da casa, pode-se ver

o mar e as aves que dele gostam, e esse sentimento de paz, de bem-estar e de liberdade do lado de fora invade diariamente o interior da casa, fazendo as relações entre os que ali vivem equilibradas e harmônicas. Uso o plural quando falo dos que vivem na casa porque nunca estou sozinha, tem sempre um companheiro comigo, ou vários amigos ou ainda animais de estimação.

Na frente da casa, frente a este avarandado citado, tem muitas plantas, bananeiras e as bicicletas, que ficam junto das pranchas de surf, sim, porque na casa de praia que mora em mim eu sei surfar. Nesta varanda, um espaço que gosto de estar para ouvir meu companheiro tocar violão ou para ler e pensar na vida tem um anunciador dos ventos. Este é um objeto que penduramos e deixamos que ele anuncie o vento emitindo o som suave de seus pingentes se tocando. Posso sentir nesse momento em que narro o balanço do meu corpo na rede enquanto ouço o vento se anunciando e se misturando ao som do violão.

Esta casa possui dois pisos. No piso superior fica um grande mezanino onde é o quarto do casal e junto um banheiro. Todo este andar é rodeado por janelas que permitem que vejamos todo o terreno ao redor da casa tendo, ainda, uma sacada de frente para o mar. No andar de baixo fica uma sala bem ampla de estar à esquerda de quem entra na casa, e à direita uma sala de jantar sem paredes dividindo, apenas com uma cozinha pequena, estilo americano, ligado à sala de jantar.

Atrás da sala de estar tem uma porta de vidro de duas folhas que dão para um jardim rico em flores e folhagens, com um sofá de madeira de demolição e almofadas coloridas. E nele outra porta de vidro dando acesso a outra peça que pode ser para estudar, meditar ou para os hóspedes, visto que tem um confortável sofá cama. Além da porta de vidro que esta peça tem para dar acesso ao jardim, ela tem outra de madeira que dá acesso ao corredor da casa. Frente a esta porta fica o banheiro, todo clarinho e com um box bem espaçoso. Ao lado do banheiro tem uma pequena lavanderia.

No lado esquerdo e externo da casa, distante alguns metros da mesma, fica uma peça ampla, envidraçada, onde tem uma churrasqueira e um forno de pizza para receber os amigos com almoços e jantares. Há também uma grande mesa e cadeiras, um sofá e um aparelho de som, visto que música não pode faltar nesta casa. O carro fica do lado direito da residência, em uma garagem aberta, mais para o fundo da casa.

A vida que se vive nesta casa é muito alegre e tranquila, não há problemas de comunicação ou estresse duradouro; o amor, cumplicidade e cooperação são as palavras chave. Não trocaria esta casa e esta vida por casa ou vida nenhuma, não trocaria o meu companheiro, amor de minha vida, por homem nenhum, nem mesmos os amigos ou os bichos que são fundamentais na morada, pois amo esta vida. E cada vez que saio desta casa para trabalhar ou viajar, sinto muita saudade, pois esta casa é o lugar mais especial do mundo inteiro, é o lugar que eu construí com as pessoas que eu escolhi.

A outra casa que mora em mim é a casa do campo. Esta é uma delícia, como toda casa de campo é. Ela fica numa região muito bonita, num terreno com relevos e com muitas árvores e vegetação, contemplando-nos com variadas nuances de verde, de amarelo e vermelho, especialmente no outono. Digo contemplando-nos porque não moro sozinha.

A rotina em casa é muito calma, a não ser quando os amigos vêm nos visitar e perdemos a noção do tempo, passando horas conversando, comendo e bebendo. E a visita deles é relativamente frequente. Também nos damos bem com os vizinhos, pessoas simples e trabalhadoras, que fazem questão de cumprimentos e abanos, algo que considero muito bonito, pois a meu ver e de acordo com minha criação, é sinal de educação.

A casa do campo que mora em mim é cheia de flores na volta e tem muitos animais, cachorros, coelhos, ovelhas, cavalos, vacas, ao menos uma par de cada. E todos estes são merecedores de carinho e de respeito, suas vidas são totalmente preservadas. Infelizmente não cabem dentro da casa, pois se coubessem não os deixaria passar uma noite sequer ao relento. Gosto muito de animais, de coração, e os acho muito fiéis e puros, o que me encanta. Mas como a casa não é grande, todos os animais ficam soltos no lado de fora, só podendo dormir em casa os cachorros, gatos e coelhos, mas em lugar específicos para eles.

A casa tem bastantes janelas, permitindo admirar a paisagem quando no interior da residência, e uma porta central, bem grande de duas folhas na entrada. Em toda a volta da casa tem avarandado, onde é possível até fazer algumas refeições, visto que tem uma pequena mesinha redonda e duas cadeirinhas. É também na varanda que meu amor e eu gostamos de dançar algumas músicas, com passos lentos e com muito carinho, ao mesmo tempo que vemos o céu se

transformar do azul claro até o escurecer de vez, ficando apenas o brilho da lua, das estrelas e dos vaga-lumes.

A casinha é muito aconchegando, tem sofá e poltronas bem fofas e muitas almofadas. Já na sala de estar tem uma bela lareira, sempre acessa nas noites frias. Nessa sala há uma abertura para a lateral da casa, dando sequencia a um pequeno ambiente inteiramente envidraçado onde fica um sofazinho, uma pequena mesinha e algumas plantas. Neste recanto bate um sol maravilhoso, sendo ótimo para leitura de um bom livro ou apenas para relaxar, afinal, é como se você estivesse em pleno campo, com toda a sensação de liberdade, porém protegida de frio, vento e chuva.

Atrás da sala de estar tem a sala de jantar com uma grande mesa de madeira, cadeiras em torno e uma fruteira no centro. Ali são feitas as refeições. A alimentação é bem saudável, pois muitos legumes e temperos são plantados no entorno da residência ou ainda comprados daqueles vizinhos que plantam. O mesmo acontece com as frutas. Mesmo terminada a refeição, ficamos ali sentados à mesa em longas conversas e muitos risos, acompanhadas de vinho, de preferência gaúcho. Quanto mais vinho, mais risos.

Da sala de jantar passamos para a cozinha, separadas por uma simples porta de madeira. Cozinha simples, porém toda bonitinha, com cortininhas em todas as janelas, enfeites e muitas mensagens escritas na geladeira. Tem também um fogão à lenha, pilotado mais por meu companheiro. Eu já utilizo mais o fogão convencional, pois fazer fogo não é uma habilidade minha, nem mesmo na lareira. Então, quando cozinho, gosto de preparar vários tipos de legumes e sopas, mas minha preferência é preparar os doces, bolos e biscoitos, sim, sempre acompanhados de café. É muito gostoso entrar em casa e sentir o aroma do café e do bolo no forno.

Do lado direito de quem entra na casa é um quarto pequeno para estudo, um tipo de escritório, com armários com livros, computadores, impressora, telefone, os cds, dvds e o violão. A mesa de trabalho fica em frente à janela que dá para frente da casa, sendo possível avistar quem chega e quem sai, os animais soltos e toda a beleza do espaço. Como sempre tenho bastante coisa para escrever, passo boa parte no escritório, recendo várias visitas, como as dos cachorros, gatos e coelhos, e quando canso gosto de dar uma caminhada para abanar para os vizinhos ou vou a cavalo, algo que amo.

Para trás do escritório tem dois quartos, o meu e do meu amor e o de hóspede. O meu quarto é muito iluminado e bem amplo e sua decoração é para o tom de amarelo, suave e floral. O quarto de hospedes é bem pequeno, assim como o escritório, e tem duas camas de solteiros com colchas azuis claras. Nos fundos da casa tem um espaço coberto para a churrasqueira e outra mesa bem grande que carregamos para frente da casa, de baixo de uma grande árvore, quando fazemos almoços para convidados. Eu particularmente adoro por uma mesa, capricho nos detalhes, bonitas toalhas, arranjos florais, velas, enfim, dou aquele ar de revista de decoração de interior europeia.

Na frente da casa tem essa grande árvore que é o meu xodó. Adoro olhá-la do avarandado e ver como é bonita e a forma que suas folhas se movem com o vento. Muitas vezes estendo uma colcha embaixo dela e ali fico, sentada ou deitada, curtindo a leveza e a paz que sinto. A vida que se tem nesta residência é muito alegre, cheia de vitalidade, pois tem muita energia que vem da terra, das plantas e dos animais. As relações dentro da mesma são verdadeiras e cheias de amor e cuidado.

Não trocária esta casa e esta vida por casa ou vida nenhuma, não trocária o meu companheiro, amor de minha vida, por homem nenhum, nem mesmos os amigos ou os bichos que são fundamentais na morada, pois amo esta vida. E cada vez que saio desta casa para trabalhar ou viajar, sinto muita saudade, pois esta casa é o lugar mais especial do mundo inteiro, é o lugar que eu construí com as pessoas que eu escolhi.

A última casa que mora em mim é a da cidade. Tive muita sorte com ela, pois não é como a maioria das casas, ela tem um terreno bem grande e da calçada você quase não enxerga a residência, pois plantei várias plantas para trazer um ar mais natural e calmo, fugindo do ritmo e paisagem urbana. Na verdade, moro na cidade porque é mais prático para chegar do trabalho, e depois com os filhos que virão e função de escola, morar fora do centro urbano dificultaria.

A casa fica num bairro bem calmo, a vizinhança nos cumprimenta, porém não temos grandes contatos. A casa é muito boa e bonita. É um sobrado relativamente grande. No andar superior fica a suíte, dois quartos e um banheiro. Um dos quartos fica para trabalhar e o outro para os hóspedes. O bonito é que os quartos têm sacada para trás da casa e é lá que ficam algumas árvores frutíferas, uma mini horta, enfim, algumas plantinhas que gosto de cuidar. Para mim, a parte de trás da

residência é o atrativo dela, pois tem muito verde, cor e uma pequena piscina. Há paredes coloridas com arandelas, móveis de demolição, almofadas, luminárias, dando um ar alegre e elegante ao ambiente. No andar de baixo ficam as salas de jantar, estar, cozinha e um lavabo. O piso do andar de baixo é todo em desnível, que além de trazer charme à residência, traz vida e movimento.

A porta de entrada é grande, de duas folhas e com vidro, e acima da porta, uma parte envidraçada, trazendo mais iluminação para o interior da casa. Ao entrar temos o hall enfeitado com espelho ao fundo, o lavabo e as escadas para o andar de cima. Ao lado direito da porta principal, descendo no desnível do piso de madeira claro é a sala de estar com televisão e tudo que uma sala tem direito, dvd, ótimo aparelho de som, enfim, equipada para uma boa sessão de cinema, para receber visitas ou apenas estar com as pessoas. Ao fundo da sala, como se fossemos nos dirigir aos fundos da casa, subindo um nível no piso, tem uma grande porta de correr em vidro fosco dando acesso a outra sala de estar, porém mais descontraída, alternativa com móveis mais rústicos e muitas luminárias, criando um clima mais intimista. Fechando esta porta de vidro, é possível isolar a sala de estar com a televisão da outra sala de estar mais “zem”. Nesta sala, a última peça do lado direito da casa tem também uma porta grande de vidro que dá acesso ao jardim e piscina. Quando esta grande porta, também de correr e de vidro, fica aberta, um ambiente fica integrado ao outro. Esse espaço é ótimo para receber os amigos, tocar violão, tomar um cafezinho, entre outras coisas.

Do lado esquerdo do hall, tem uma garagem e um corredor que dá para a sala de jantar e cozinha. A sala de jantar também é a última peça do lado esquerdo, tem uma grande janela de vidro dando vista para o jardim da casa. Tem também uma bela mesa de tampo de vidro e cadeiras estofadas, num tom cru. A cozinha fica entre a garagem e a sala de jantar e tem um estilo moderno. Dela, sai bastantes experiências gastronômicas, feitas por mim, pelo meu companheiro e pelos amigos também.

Há muitas plantas distribuídas dentro e fora da casa, também há cachorros e muita música. Os amigos quando podem vêm nos visitar e sentem-se bem ficando nesta casa. Todos acham a residência bonita e aconchegante, e realmente ela é. Os lustres da residência são todos bonitos e grandes, chamando a atenção no espaço e requintando o ambiente. Gosto de fazer o diálogo dos objetos modernos com os

antigos e toda a casa tem essa influência na sua decoração. Somos muito felizes nesta casa.

Aproveito cada detalhe e recanto que a morada oferece. Ela é quente no inverno, pois o sol faz questão de visitá-la; e no verão, pode-se abrir a porta de vidro da sala “zem” para que o frescor e a sensualidade desta estação se irradie por todas as peças. Nas noites muito quentes, acendemos as arandelas da rua e a luz da piscina e mergulhamos, e ali ficamos um bom tempo, conversando, dançando, cantando, saboreando a companhia um do outro. Nas noites muito frias, ficamos na sala de estar na frente da lareira também aproveitando a companhia um do outro e as companhias dos cachorros, claro, que estão sempre onde estamos.

Não trocaria esta casa e esta vida por casa ou vida nenhuma, não trocaria o meu companheiro, amor de minha vida, por homem nenhum, nem mesmos os amigos ou os bichos que são fundamentais na morada, pois amo esta vida. E cada vez que saio desta casa para trabalhar ou viajar, sinto muita saudade, pois esta casa é o lugar mais especial do mundo inteiro, é o lugar que eu construí com as pessoas que eu escolhi.

Apesar de falar de três casas que moram em mim, todas possuem grandes afinidades mesmo que ainda não citadas. Apesar dessas casas se encontrarem em um cantinho particular dentro de mim há muito tempo, hoje elas têm um elemento novo, o Cheri, meu coelho. A partir de agora ele está onde eu estou e onde minha imaginação for.

Outro detalhe é que todos os quartos de hóspedes serão dos filhos que virão, pois eles fazem parte das casas que moram em mim. Aliás, não só eles, mas também os amigos deles. Gosto de imaginar a agitação da casa com crianças e adolescentes felizes e saudáveis. Curiosamente, tem uma cena que me acompanha há anos e que eu adoro. Na cena sou eu no quarto, acordando pela manhã e me dirigindo a sacada que dá para o jardim que fica nos fundos da casa. Ao olhar pela sacada, vejo o homem que eu amo agachado no chão, mexendo na terra, talvez plantando algo e ao lado meu filho, por volta dos quatro cinco anos, atento, conversando e ajudando o pai na sua tarefa. Eu observo por alguns minutos aquela cena, sorrindo e feliz, com um sentimento de serenidade, paz e amor, quando meu marido percebe minha presença na sacada. Ele me abana e diz: filho, olha a mamãe! E então, o menino me abana todo faceiro. Talvez isso sintetize o

significado de felicidade de vida para mim, diretamente ligado às casas que moram dentro de mim e à família.

2.6. A casa onde eu moro

Na maior parte da minha vida morei com meus pais e minhas irmãs. Por ser a mais nova das quatro filhas, e entre outras razões, fui a última a sair de casa e a morar sozinha. Minha primeira residência foi um apartamento bem pequenino em Florianópolis. Depois voltei para Rio Grande e morei num prédio bem pequeno, mas em um apartamento grande e antigo, no coração da cidade em pleno Largo Dr. Pio, tendo uma vista privilegiada; a da catedral São Pedro. Hoje, ainda moro no centro, num prédio bem grande, num apartamento bem pequeno. Por ser no nono andar, também possuo uma vista privilegiada; a igreja de Nossa Senhora do Carmo, todo o porto e parte de São José do Norte e a cidade, vista de cima.

Olhando do corredor do meu andar, a porta de minha casa já é identificada, isso segundo amigos, pois tem um enfeite de madeira cheio de florzinhas dizendo “Bem vindo”, mostrando que a moradora é mulher e cheia de frescurinha. Mas é nesse clima que faço questão de chegar na minha própria casa, sentindo-me bem vinda, e gostaria que os outros, ao chegarem, se sentissem da mesma forma. Ao abrir a porta do apartamento, já é possível ver até onde ele vai, afinal, ele realmente é muito pequeno. Mas isso, não é problema; e sim, uma solução, pois buscava um espaço menor, mais aconchegante do que meu apartamento anterior, que tinha peças amplas.

O leitor nesse momento pode estar pensando qual é o sentido de eu falar sobre a casa que eu moro. Explico dizendo que não seria justo, ou ao menos verdadeiro de minha parte, se no decorrer da pesquisa eu expusesse a casa de outras pessoas, sem antes expor a minha; que eu analisasse e refletisse sobre outras casas e moradores sem antes fazer este mesmo exercício comigo e com o espaço em que vivo. Por esta razão, trarei a realidade do meu lar como um instrumento de pesquisa para os demais lares e moradores. Por esta razão: Seja bem vindo a minha casa!

Entrando no apartamento, estamos no que talvez fosse o espaço para uma sala de jantar, ao menos vi que a vizinha fez assim, numa das vezes que me

estiquei para olhar sua sala quando ela deixou a porta aberta. Na casa que eu moro, não tem sala de jantar pronta, eu a monto quando necessário trazendo minha simples mesa de abrir da cozinha para este espaço, e assim, o jantar fica garantido. No entanto, a dita sala de jantar não é vazia, apesar de ter apenas três móveis, estes são mais antigos que eu e, com certeza, fizeram parte de cenários cheios de história e significados.

Logo à esquerda da porta de entrada, tem uma namoradeira, mas que ninguém ali namora. Ela é de madeira escura e palhinha no assento, acima, duas almofadas, não definitivas, pois destoam um pouco na cor do que eu queria para o móvel. Fazendo o contorno da peça, na parede do fundo, tem um lindo móvel, de duas portas, de madeira jacarandá. A parte superior das portas, como a parte superior das laterais é de vidro verde todo trabalhado com flores e arabescos. Nas portas do móvel, também tem um trabalhado de madeira, na madeira.

Tanto a namoradeira, quanto o móvel de jacarandá foram presentes da vó Irene, mãe do meu pai, e estavam descansando na peça dos fundos da casa dela até que alguém os chamasse a atuar de alguma forma novamente. Em uma visita que fiz, ao comentar que eu precisava de um armário de livros, minha tia que mora com ela ofereceu-me o móvel, dizendo que estava um pouco velho, precisando de uma restauração, mas se eu aceitasse, era meu. Bem, eu realmente precisava de um lugar para organizar meus livros e o fato de ele ser antigo foi o que me fez aceitar na hora. Quando então o vi, me apaixonei. Na verdade, acredito que ele seja originalmente um guarda-louça, mas na casa da minha vó foi guarda-roupa e hoje, lá em casa, é guarda-livros.

Ainda contornando a peça, chegamos na parede em frente à namoradeira, e nela encontra-se um móvel muito especial, um console de ferro, pequeno mas bem gracioso, que ficava no corredor de entrada da casa dos meus avós maternos Alva e José. Talvez esse seja um dos móveis mais marcantes da casa dos meus avós, pois todos que fossem visitá-los, obrigatoriamente, tinham de passar por ele ou ficar bem próximo. Além disso, ele tem um espelho, e poucos são os que resistem àquela olhadinha no espelho. Por todo carinho que tenho pelo vô e pela vó, como também pela ternura que sinto ao lembrar-me da casa deles, sinto-me muito feliz por ter o console ali, constituindo o meu espaço.

À direita de quando entramos no apartamento, tem a porta da cozinha. Esta é pequena, com azulejos com folhagens amarelinhas e móveis brancos. Na parede

em frente à porta, está o fogão; na parede à direita, a geladeira, um armário e a máquina de lavar. Enfrente a esta parede, está a pia, em toda a extensão da parede, e sobre a pia e um dos armários, tenho alguns adornos para enfeitar em tom de vermelho, trazendo um pouco de vibração ao ambiente. Acima da pia tem uma janela estreita e comprida que através dela só é possível ver o céu, afinal, estou longe do chão, mas felizmente quando chega a noite, a lua fica bem enfrente a ela e acompanha-me na preparação das refeições noturnas.

Saindo da cozinha, estamos na dita sala de jantar novamente, e da sala de jantar já estamos na sala estar. Não há portas dividindo, mas a arquitetura do apartamento, através de um tipo de arca, permite que a divisão entre estes dois ambientes seja feita. Sendo assim, para lá do arco é a sala de estar. Na parede da esquerda fica o sofá cama marrom e acima dele um quadro pintado por minha mãe, o qual eu adoro muito.

O quadro tem um estilo mais moderno e mostra parte da cabeça de mulher, que provavelmente está pensando e segura em sua mão, com unhas pintadas de rosa, um lápis. A sensação que se tem ao olhar o quadro é de que a mulher está gostando daquilo em que está pensando, e toda a sua imagem sugere um movimento, como os olhos fechados ou olhando para baixo, alguns fios de cabelo desalinhados e a mão, para cima, segurando o lápis que deve descer a qualquer momento para o registro da ideia no papel. Poderia jurar que ela tem um leve sorriso nos lábios, mas sua boca não aparece na pintura, cabe à imaginação de cada um.

Acredito que exista uma identificação ente mim e o quadro, pois me vejo um pouco na figura daquela mulher, não apenas pelo cabelo com fios desalinhados, mas pelo movimento, pelo sorriso que ali vejo, pelo significado mais amplo que pode ter um lápis na mão, e, finalmente, pelo fato de ela estar pensando. Na verdade, não sei quem pensa mais nesta casa, ela ou eu.

Na parede em frente ao sofá e o quadro tem um móvel cheio de gavetas estilo provençal, pintado pela minha mãe e por mim, porém ainda não terminado, pois faltam algumas flores e cantoneiras de resina para deixar o móvel com aspecto mais antigo. Aproveitando o momento, explico que o Provençal, que algumas vezes comento na minha narrativa é um estilo de pintura de móveis que realmente adoro. Ele é originário no sul da França nos séculos XVII e XVIII, feito pelos camponeses a fim de imitar os móveis da realeza. Como não tinham condições de ter móveis tão rebuscados e enfeitados de dourados, mas com o imenso desejo de deixar suas

casas mais bonitas e próximas à beleza da realeza, os camponeses faziam com muita criatividade um estilo de pátina, um desgastado, na madeira nas cores branca, amarela e verde clara, por exemplo, disfarçando as imperfeições dos móveis.

Na minha casa, o provençal é sempre branco, acho-o simples e muito charmoso. Na verdade, este estilo se complementa com tecidos coloridos e especialmente os florais, resgatando os campos de Provença. Obviamente o provençal não nos remete à modernidade, ele dá um toque mais antigo, romântico e rústico, porém combinados com elementos mais requintados torna o ambiente bem sofisticado.

Como se pode perceber, tenho fascinação por coisas antigas. Tudo que não for da minha época e quanto mais distante for dela, mais me encantarei. Um programa que adoro fazer, por exemplo, é visitar museus, ir a antiquários e biques. E por muito tempo visitei asilos, pois as pessoas antigas também me encantam. Desta forma, se encontro algo antigo, como um objeto, logo quero enfeitar minha casa com ele, para depois fazer uma movimentação com objetos mais contemporâneos.

Não sei exatamente porque esta apreciação e atração por coisas antigas, mas enquanto não tenho as respostas, arrisco-me em algumas explicações que acredito ter como raiz a minha criação. Minha mãe veio de uma família que prezava muito valores familiares; no almoço todos tinham que estar presentes à mesa e só poderiam sair dela depois que o todos já tivessem terminado a refeição, entre outros exemplos. Além disso, eles valorizavam muito a história familiar, o ouvir os mais velhos e preservar o que era deles para que assim a história não acabasse. Não que isso fora dito com todas as letras; pois não era, simplesmente acontecia naturalmente. Desta forma, cada pertence da família trazia consigo um significado e sentimento que iam construindo a história da família.

Certamente, minha bisavó Laura foi criada assim, pois a vó Alva criou minha mãe assim e esta por sua vez, criou minhas irmãs e eu da mesma forma. O mais interessante é que a família do meu avô José também conservava tais valores. Talvez eu não tenha tido como fugir desta realidade, porém mesmo crescida, podendo fazer minhas próprias escolhas, nunca quis fugir.

Como citei num outro momento, ainda usamos o aparelho de jantar que foi de minha bisavó Laura, mas apenas em datas especiais, com todo o cuidado para não lascar ou quebrar. Tenho muitos exemplos de antigos pertences e histórias sobre eles e poderia discorrer um capítulo inteiro contando cada lembrança. Talvez venha

a aprofundá-los mais adiante, por hora, darei apenas alguns exemplos como: uma belíssima toalha de mesa bordada à mão, com motivos orientais, pela tia da minha mãe chamada Angélica, que morreu aos vinte anos de idade vítima de tétano por espetar-se com um espinho de uma rosa; as pedras que o pai do meu bisavô Ramão pegou em um navio, provavelmente por voltas da Espanha, e deu a ele. Logo, quando Ramão faleceu, as pedras ficaram com o meu avô José. Talvez uma mera recordação, visto que ele ficara órfão de pai aos dez anos. Depois de muito ver o vidrinho com dessas pedras escondido na gaveta de um guarda roupa antigo, que ficava no quintal casa do vô, juntamente com outros pertences, como as intocáveis cartas vindas de parentes da Espanha, as pedrinhas acabaram ficando comigo. Vô José as me deu uma vez que mostrei interesse por elas, já próximo dos seus últimos anos de vida. Tem também as castanholas de dança flamenca que era da mãe do vô José, uma espanhola braba, segundo ele mesmo dizia. A bisavó Generosa dançava flamenco, logo sua filha Emília, irmã do vô José também passou a dançar e utilizava as castanholas da mãe, além das suas próprias. Hoje as castanholas de Generosa estão com uma prima que também dança flamenco e as da tia avó Emília, que estavam com uma das minhas irmãs, hoje estão comigo, visto que também dançamos um pouco o flamenco.

Minha mãe ainda tem guardado alguns brinquedos de sua infância, seu primeiro bafeiro, capa do carrinho de bebê, seu vestido de casamento e muito mais. Ainda temos a capa do batismo que vó Alva usou, bordada à mão vinda de Portugal, e hoje ela é utilizada no batizado de cada criança que nasce na família. Ainda tem a história da medalha de Honra ao Mérito que vó Alva ganhou ao nascer, por salvar o incêndio em um estaleiro na cidade, tem também o leão que hoje se encontra exposto no museu da cidade que foi mandando fazer pelo bisavô Ramão, na Espanha, por ser símbolo de sua terra natal e ficava enfeitando no alto de sua casa. Aliás, eram dois leões, mas após a venda da residência, só sabemos que o novo morador destinou um leão ao museu da cidade, o outro não se tem informação.

Toda e qualquer família tem diversos acontecimentos, lembranças, curiosidades emocionantes, tristes e divertidas. Toda e qualquer família tem roupas, objetos, joias, fotos ou qualquer pertence cheio de simbolismos e significados que constituem a história familiar de cada um. Minha família, não tem mais ou menos lembranças, o que ela tem, que é passado de geração em geração, é este olhar especial e investigador para cada evento e objeto que aparece dentro de casa.

Talvez por toda essa criação que tive, que valoriza e traz sentimento a cada lembrança existente, é que tenha desenvolvido em mim o gosto e a curiosidade por coisas e pessoas antigas. Aos objetos antigos que pertenceram à família ou aos que compro, gosto de imaginar em que momentos eram usados, quem os usou e imaginar que aquilo deve ter sido importante de alguma maneira para alguém em algum momento, e que hoje os preservo, assim como sua história com todo carinho.

Mas, voltemos da viagem no tempo que acabamos de fazer para dentro da casa que moro, especificamente da sala de estar. Sobre este móvel provençal tem um vaso branco com rosas brancas, a cabeça de um deus hindu também em branco e um castiçal branco com preto. Aproveito a oportunidade para dizer que a cor predominante em minha casa é o branco. As paredes são brancas, o lustre estilo japonês é branco com um cristal incolor pendurado, a poltrona e um dos pufes da sala é branco, e meu quarto é branco também. O chão da casa é estilo madeira bem clarinho e em harmonia com as paredes claras deixa a casa um aspecto leve, ao menos no meu ponto de vista.

Ao lado do móvel provençal está uma mesinha de madeira escura com a televisão e, ao lado, no encontro das duas paredes, uma poltrona branquinha com o pufe de mesma cor. Ainda contornando a peça, ao lado da poltrona, fica uma mesinha de madeira, com um vaso de plantas, um vasinho só para decorar num tom rosado, um casal de passarinhos que são dois castiçais e um potinho de porcelana que estava na casa da avó Alva, um porta-joias de época. Para quebrar o aspecto monocromático da sala, entre o sofá e o móvel provençal fica um tapete de pelego roxo, harmonizando com a cor do vaso de plantas que é rosa, um vasinho rosado e uma luminária indiana de mesmo tom. Enquanto que em cima do sofá tem uma almofada branca tigrada de preto, harmonizando com o castiçal preto e branco encima do móvel provençal, um pufe preto à esquerda do mesmo móvel e um adesivo preto na parede ao lado da porta da cozinha, simulando uma pequena gaiola pendurada com um passarinho solto, voando (mais movimento), acima dela. Vale lembrar que atrás da televisão, tem uma grande janela pela qual se pode ver a Igreja do Carmo e o porto.

Na parede onde está a poltrona branca e a mesinha com o vaso de planta, está também a porta do quarto. Em frente a ela, está a porta do banheiro e com se formasse um distribuidor, na parede do fundo está a pia, fora do banheiro. Sim, o apartamento é muito pequeno e não cabe a pia do banheiro dentro dele; porém, esta

estrutura de casa fora do padrão convencional traz um charme especial. O banheiro é de azulejo com folhagens amarelas e louça caramelo. Do lado de fora, a pia também é caramelo e acima tem um grande armário com espelho. Tenho um vaso de planta perto desta pia e mais adesivos pretos de passarinhos e arabescos sobre a porta do banheiro.

Como última peça da casa, porém não menos importante, está o quarto. Em frente à porta está um espelho bisotê que achei no lixo, numa praia de Florianópolis, e pedi para que meu namorado o pegasse para mim. Acredito que a maioria dos namorados diria que era besteira e não iria querer pegar um espelho grande e velho do lixo. No entanto, comigo foi bem ao contrário, no que comentei do espelho, cheia da vontade de tê-lo, ele perguntou na mesma hora se queria que o pegasse. Realmente, em muitas coisas combinamos, especialmente em algumas esquisitices.

Ao lado do espelho está um grande baú que comprei num brique e que minha irmã mais velha o pintou de Bauernmalerei (um tipo de pintura campestre originária na Alemanha), deixando-o numa peça linda. Na sequencia está a cama, de solteiro, com colcha branca e almofadas no tom de lilás. Contornando o quarto, na próxima parede tem a janela com uma bela vista, ainda melhor do que a da sala, e embaixo dela um criado-mudo também de brique, num estilo mais antigo, onde fica um abajur de vela, um santinho que ganhei quando criança da vó Alva, livros entre outras coisinhas.

Já na próxima parede, fica a mesa de trabalho, estilizada. Um pé de máquina de costura, também de brique, com um tampo de vidro e sobre ela está o laptop, livros canetas e tudo o que se precisa para estudar. Acima da mesa de vidro está um quadro bem colorido de um gato indiano pintado por minha mãe. Ao lado da mesa de trabalho tem um armário de porta de vidro e sobre ele uma pequena televisão, impressora e um aparelho de cd.

Tenho apreço pela casa, gosto de ver o lugar que estou limpo, decorado e sentir o cheirinho doce que deixo por ela. São pequenas coisas que me fazem bem e me fazem querer estar em casa. Aliás, agora tenho um motivo a mais, pois comprei um coelhinho lindo para me fazer companhia. O nome dele é Cheri, tem um mês e três semanas. Parece uma bola de pelo cinza e branco pulando pela casa. Ele tem as orelhas mais curtas que o de normal, mais pelo do que normalmente se vê e tem um olho cinza claro e outro azulado. Por comer demais, uma necessidade dessa espécie, pois precisa estar sempre roendo, corro com ele pelo o corredor do

meu andar e aos poucos ele vai conhecendo a vizinhança e encantando-a por sua beleza e tranquilidade. Apesar do desafio que é educar qualquer filhote de animal a fazer suas necessidades no lugar certo, a casa está sempre organizada, limpa e perfumada. O Cheri também, mesmo não podendo tomar banho, é um bichinho bem cheiroso.

Fora a constante presença de Cheri e eu na casa, muitos vem nos visitar, amigos e especialmente minha família, mãe, pai, irmãs e sobrinhos. Lá ficamos horas conversando, geralmente em torno da mesa. Apesar da casa ser extremamente pequena, e às vezes ficando meio apertado, gosto de receber as pessoas, de oferecer jantares, um café com bolinho, criar programas para estar em casa com boa companhia.

E assim encerra-se a descrição da casa que eu moro. Uma casa pequena, clara, com bastantes toques femininos em adornos e cores, com um filhote de coelho passeando por ela, muito vento quando as janelas estão abertas, com cheiro docinho de morango e, em determinadas horas, com o som dos sinos da igreja badalando. Sinceramente, esta é parte da descrição da casa que eu moro, porque uma casa não é composta só de objetos e de pessoas ou animais; muito pelo contrário, uma casa é composta de marcas pessoais, vivências, opiniões, sonhos, estresses, afetos, frustrações, interpretações, risos, choro, vozes, silêncio e a minha tem muito de tudo isso.

Tenho a casa como algo muito precioso na minha vida. Realmente ela é o meu canto, minha parte no mundo, meu abrigo, o meu refúgio nas horas mais complicadas. Lugar onde paro e penso em mim e na minha vida, onde observo que tipo de vida eu tenho, as coisas que tenho e o que elas dizem de mim, ou ainda, o que elas podem dizer sobre o futuro. A casa da gente tem o poder de nos lembrar das escolhas que fizemos, se foram certas ou erradas, se estamos nos encaminhando na vida positivamente ou se estamos estagnados.

Nossas atitudes em casa podem denunciar o tipo de cidadão que somos na sociedade. Mesmo que não percebamos, o lugar onde moramos diz quem somos. Não é à toa que quando vamos à casa de alguém, é como se algo, parte da personalidade daquela pessoa, se clareasse frente aos nossos olhos, a partir de cada detalhe do ambiente, assim como da postura do sujeito com você e com a casa. Por isso, a importância de se desenvolver um olhar especial e atento para a nossa residência, buscando melhor nos conhecer e nos entender e, igualmente aos

que dividem o mesmo espaço conosco, a fim de que vivamos e convivamos em um ambiente saudável e feliz.

2.7. O espírito da morada

Indiferente de qualquer casa que entremos, todas possuem um espírito próprio. Um algo a mais que muitas vezes não sabemos explicar com palavras, apenas sentimos, percebemos. O espírito da casa talvez seja aquela energia que circula pela mesma e a faz ser alegre, triste, aconchegante, misteriosa e receptiva, por exemplo.

Muitos aspectos podem interferir no que aqui chamamos de espírito da casa. A localidade, ou seja, a vista que se tem ao olharmos pela janela, a iluminação natural, a iluminação artificial, os cheiros, as cores, a organização, a decoração, a presença de animais e plantas, os materiais de revestimento, e por fim, as pessoas que a habitam. Muitas moradas fazem com que as pessoas se sintam a vontade; enquanto outras, não. Existem casas onde a conversa flui espontaneamente, onde as pessoas se aproximam mais, se tocam mais, se olham mais, se ouvem mais, até mesmo se entendem mais, enfim, casas que parecem nos enfeitiçar, mantendo-nos ali, por horas.

Algumas vezes, nessas mesmas casas, aparentemente encantadas, até as refeições parecem ser mais gostosas e, por essas e outras razões, passam a ser o ponto de encontro da família e dos amigos. Outras casas, por sua vez, são diferentes, não parecem ter esse encantamento todo, pois são frias. Frias, não no aspecto de temperatura, apesar deste também influenciar no bem-estar dos sujeitos; mas frias no sentido de pouca emoção, de pouco aconchego. Às vezes são claras demais ou escuras demais; às vezes têm muitos enfeites e móveis ou são muito vazias; outras vezes tem pessoas demais ou quase ninguém.

O que se deseja aqui salientar é que não existe uma regra para deixar uma casa com o espírito acolhedor, porque isso está num nível subjetivo, no nível da percepção e emoção. Obviamente não podemos negar que existem estratégias que contribuem para a beleza e aconchego de uma casa. O uso de determinadas combinações de cores, tapetes, almofadas, iluminação difusa, indiscutivelmente estas contribuem para o bem-estar de quem frequenta aquele lugar, deixando-o

mais acolhedor. Porém, mesmo em muitas residências projetadas por profissionais de decoração de interiores e da própria arquitetura não se consegue transformar tais espaços em lugares agradáveis, apenas em ambientes bonitos e organizados.

A razão para que tal fenômeno ocorra ainda é desconhecida, ao menos por mim. Acredito que seja uma combinação quase que química entre o morador com suas características pessoais, suas experiências dentro daquele espaço, suas ideias, sua forma de expressá-las juntamente a sua casa, com suas características arquitetônicas, decorativas, ou seja, com seus efeitos visuais, olfativos, táteis e paladar. Essa combinação entre as características do morador e as da casa, entrando em harmonia com aqueles que a visitam, talvez resultem nesse encantamento e bem-estar, no espírito acolhedor de algumas casas.

O espírito da minha casa é ótimo, ao menos na minha percepção. Sinto minha casa acolhedora, alegre, leve e dinâmica. Sinto nela uma sensação positiva, vida e delicadeza ao mesmo tempo. Sinto-me protegida, não tendo medo ou insegurança por estar sozinha, e em total privacidade. Realmente ela é o meu canto, o meu refúgio, o lugar que escolho estar sempre que tenho um tempo livre para me divertir; o lugar que escolho para me concentrar quando tenho muito trabalho; o lugar que escolho para refletir quando as perguntas invadem minha mente, é o lugar que escolho para viver, bem e feliz.

É interessante salientar que a casa onde eu morava anteriormente, apesar de ter exatamente os mesmos móveis, os mesmo enfeites e cores, e a mesma moradora, eu não me sentia tão bem quanto me sinto nessa. Teoricamente, isso não deveria acontecer, pois nada mudou: sou eu, minhas coisas e o dia-a-dia. Sim, o leitor deve estar pensando que alguma coisa tem que ter mudado para a diferença de sensação de acolhimento entre a casa antiga e a atual. Com certeza, algumas coisas mudaram, como por exemplo: o Cheri. Meu pequeno coelho não existia naquela época, porém existiam passarinhos por um período; o cheiro também, que hoje é de morango e antes de melancia; e a paisagem, que hoje dá para as torres da igreja do Carmo e o porto e antes dava diretamente para a Catedral São Pedro e o Largo Dr. Pio, que dizia ser o meu quintal.

Racionalmente, eu deveria sentir-me muito melhor no antigo apartamento. Ele tinha sacada para o Largo, eu assistia a rodas de capoeira nas manhãs de sábado e a casamentos à noite. Tinha área de serviço, pia dentro do banheiro, box grande, um quarto enorme, sala relativamente ampla, um toque antigo que é algo que gosto e

uma boa vizinhança, mas, algo ali não ficava em harmonia completamente. Coisas de magia, quem sabe.

Em relação aos outros, como eles se sentem na minha casa, percebo que gostam das duas moradas, da antiga e da nova; mas a família, que se pronuncia mais espontaneamente que os amigos, gosta mais do espírito da casa atual. As pessoas gostam de vir aqui. Todos quando entram elogiam o apartamento, apesar de ele ser extremamente simples. Existem certas coisas que não sabemos explicar, é como se fosse a simpatia que temos em relação a uma pessoa que vemos pela primeira vez. Muitas vezes só de olhá-la, nos sentimos bem, temos uma sensação boa, algo que não explicamos, só sentimos. É como se fosse química. Com a casa da gente acontece a mesma coisa. Não sabemos explicar o que é, mas muitas vezes ela passa uma sensação boa, acolhedora para aquele que nela adentra; da mesma forma o contrário. Não vou aqui afirmar que a casa tem vida própria, pois precisava pensar mais sobre o assunto, mas que toda casa tem um espírito, isso tem.

2.8. Abrindo a porta de casa para a pesquisa

Em busca da minha pesquisa de Educação Ambiental sobre a relação dos moradores com suas próprias residências, um novo caminho apareceu de repente, uma bolsa de trabalho, para atuar como pesquisadora ambiental no campo de conhecimento da Educação Patrimonial. O grupo de pesquisadores do PEP (Projeto de Educação Patrimonial) desenvolve um projeto com três escolas do município de Rio Grande, uma no bairro Saco da Mangueira e as outras duas na Ilha dos Marinheiros. Certa manhã, o PEP se reuniu para darmos inícios às atividades nas escolas, e então fomos até a Ilha dos Marinheiros conhecê-las, explorar os espaços e conversar com professores e diretores explicando melhor o nosso trabalho.

Após a exploração do espaço escolar, a professora responsável pelo projeto pediu que esperássemos por ela, enquanto acertava em particular os últimos detalhes com a diretora da escola, e que tínhamos a liberdade de caminhar um pouco ao redor do prédio a fim de imaginar quais atividades poderiam ser feitas com os alunos para que se desenvolvessem os conceitos de pertencimento do local no

viés da Educação Patrimonial. Sendo assim, o grupo aproveitou a linda manhã para caminhar no entorno da escola e observar o que tinha.

A escola a qual estávamos visitando era muito pequena, composta apenas de cinco salas e dois banheiros. O que mais podia ser explorado ali era a área externa. Bem ao lado do colégio havia uma igreja, bem cuidada, com a pintura nova e flores enfeitando a sua volta e passado alguns metros da igreja, se podia ver uma casa. Não resisti e aproximei-me para observá-la melhor.

Uma casa simples, azul forte e que de longe se podia notar seu capricho, até porque havia pedras pintadas de branco delimitando um caminho até a entrada da casa. Fui me aproximando mais, vendo as flores enfeitando a casa e uma senhora que andava para lá e para cá enquanto um grande cachorro latia. Quando estava na reta da casa, a senhora me olhou dos fundos de sua residência e me abanou, retribuí abanando e sorrindo e fui convidada a me aproximar, entrar no avarandado da casa.

Prontamente expliquei que a casa havia chamado minha atenção pelo capricho e que como era pesquisadora da universidade e minha pesquisa era sobre casa e moradores, pedi por uns minutinhos de conversa. Prontamente ela puxou uma cadeira, limpou-a com a mão e pediu que eu sentasse. Então, sentamos de frente uma para outra e começamos a nos apresentar. Ela se chama dona Nereida, dona de casa e comunicativa; ele, seu esposo, se chama seu Hugo, pescador e que estava todo o tempo no avarandado, ouvindo toda a conversa e fazendo alguns comentários, enquanto trabalhava em sua rede de pesca.

Comecei elogiando a residência, as flores e logo perguntei se eram da cidade e da própria Ilha dos Marinheiros. Então, dona Nereida, disse que tanto os pais de seu Hugo como os dela moravam na Ilha, e sendo assim, eles cresceram lá e nunca tiveram vontade alguma de sair daquela região. Ao perguntar sobre a casa, o que ela gostava ou não e como eram as relações na mesma, dona Nereida responde que a casa era boa, metade paga pelo casal e a outra parte pelo governo. Gostariam de trocar o piso do avarandado, mas de resto estava bom para eles. Sobre as relações disse que eles, às vezes, brigavam, mas coisa pouca e normal, como quando ela fazia a limpeza da casa e ele entrava com os pés cheios de areia. Seu Hugo nesse momento passa a rir, comenta e confirma o que a esposa falou. Ela diz também que são casados há mais de 40 anos e que brigas acontecem, mas que eles são um caso raro, visto que os casamentos hoje não duram quase nada.

Sobre sua rotina disse que passava a manhã em casa, organizando e limpando tudo e que durante a tarde ia para casa de sua mãe, também na Ilha, para cuidá-la, pois estava doente. Logo ela fala do cachorro que estava latindo para mim quando me aproximei da residência e por isso ela havia o prendido. Em seguida, convidou-me para olhar os bichos que tinha em casa. Mostrou-me um galinheiro cheio de pintinhos, e ela mesma derretia-se por eles, pela fofura dos filhotes. Já na mesma hora comentou que tinha um porco lindo e que estava enorme. Estiquei-me para ver se o via em algum lugar, mas ela disse que ele já não estava mais ali. Fiquei apreensiva, imaginando o destino do pobre porquinho.

Na sequência, a senhora mostrou-me um galinheiro cheio de galinhas e disse que houve uma festa na igreja pelo dia das mães e, como o bispo foi almoçar na casa deles, seu Hugo matou uma galinha para que ela fizesse uma canja, que segundo ela ficou maravilhosa. Tive que sorrir, mesmo morrendo de pena dos bichos, mas a realidade deles é outra e eu tinha que me acostumar que a relação que eles mantinham com os animais da casa era completamente diferente das minhas relações.

Terminado a exposição dos animais feita por dona Nereida, começou a das plantas. Foi muito interessante estar com uma pessoa que nunca tinha visto e que só conhecia há poucos minutos numa conversa tão à vontade e descontraída. Dona Nereida tem muitas plantas e ervas e as mostra cheia de orgulho. Pude perceber, nos poucos minutos em sua companhia, que ela realmente gosta de morar onde mora, pertence àquele ambiente, os seus pais já moravam e ela segue a tradição. Fora isso, a senhora destaca aspectos positivos na Ilha que a zona urbana não tem, como a segurança e a relação com os vizinhos.

Sobre a segurança, dona Nereida comenta de um dia ter corrido para pegar o ônibus que havia se antecipado, pegando-a de surpresa, e não teve tempo sequer de fechar e trancar a porta. Ela então passou a tarde na cidade e seu Hugo na pesca. Quando ambos retornaram para casa, verificaram que tudo estava no seu devido lugar, ou seja, que ninguém havia entrado ou furtado algo deles. Logo comparou, dizendo que se o ocorrido fosse na cidade, ela deixaria de pegar o ônibus, mesmo ele passando apenas duas vezes ao dia, mas não deixaria sua casa de porta aberta, pois provavelmente não encontraria mais nada dentro.

Quando perguntado sobre as relações com a vizinhança, a senhora respondeu que a relação é boa, porém não tem o costume de ir visitá-los. Seu Hugo e ela

costumam passar mais tempo em casa, mas que a casa está aberta para quem quiser vê-los. Comentou que essa relação de vizinhança também é um pouco diferente das relações da cidade, exemplificando que se ao fazer alguma receita falta algum ingrediente, ela vai até a casa de um vizinho e pede um pouco do ingrediente emprestado.

A partir destas duas colocações sobre a segurança e as relações de vizinhança e cooperação na Ilha dos Marinheiros, é perceptível que dona Nereida está reforçando seu sentimento de pertencimento àquele lugar, identificando aquilo que ela admira, que a faz sentir bem e segura, e que, pelas impressões que tive da primeira conversa, não trocaria por nenhum outro lugar.

A pesquisa de campo nesse primeiro momento não foi bem como esperava. Primeiro porque o tempo era incerto, visto que o grupo PEP poderia partir a qualquer momento deixando-me presa na Ilha, e sendo assim, não pude aprofundar mais as minhas perguntas. Segundo, porque eu me senti despreparada para a entrevista, pois a visita à Ilha era para outro fim, e eu, num ato espontâneo por estar imersa ao tema “casa”, o da pesquisa, não resisti indo até a casa e surpreendendo os moradores em meio as suas tarefas diárias. E por fim, não entrei na casa de seu Hugo e dona Nereida. Fui convidada para entrar e tomar um café, mas havia avistado que o grupo PEP se reunia para partida, tendo então que negar o convite. Certamente se tivesse ficado e verificado que o casal tinha tempo para conversar comigo, conseguiria observar mais, registrar mais e fazer um estudo daquela casa e dos seus moradores através da decoração e pertences, da postura deles comigo e, especialmente, entre eles.

Esta casa foi meu primeiro contato voltado para a pesquisa que realizei, foi o abrir a porta de casa. Foi preciso até este momento o exercício de ler, estudar, imaginar, sentir o que é uma casa, um lar e qual a relevância que este espaço tem na nossa vida, na nossa saúde física e emocional e nas nossas relações dentro de casa e na sociedade. E, a partir da observação, reflexão e percepção de cada residência através da sua arquitetura, dos seus adornos, das memórias e das relações de convivência e dos sonhos adormecidos, poderei desenvolver um olhar científico na direção da qualidade de vida, do amor e preservação daquilo que é seu, como sua própria casa e tudo que nela se insere.

Uma casa se faz

Uma casa se faz
com tudo aquilo
que a sorte traz
cimento sonho
suor canseira
barro madeira
folha de zinco ou
de bananeira
tijolo oco
tinta reboco.
Tem que ter teto
parede e porta,
melhor se reto
mas vale torta
pois o que importa
é que dê guarida
abrigue o sono
projeta a vida.

Marina Colassanti

3. CAPITULO II – O HOMEM E O SEU AMBIENTE: A CASA E SEU ESPAÇO FÍSICO

Neste segundo capítulo faremos uma apresentação da relação da sociedade com o ambiente a partir dos caminhos atuais da Educação Ambiental. Através deste campo do conhecimento, de profunda complexidade, buscaremos contextualizar o espaço pesquisado, a casa, com os fundamentos da Educação Ambiental. Aqui especificamente, discorreremos sobre como algumas civilizações, como algumas tribos mais primitivas reconhecem suas casas, qual a importância que ela tem desde na organização daquele grupo, como em aspectos que se referem à saúde e à espiritualidade. Todavia, é necessário fazermos relações mais subjetivas alicerçando-nos na Educação Estética Ambiental, com seu viés sensível e ético das relações entre o homem e os espaços para um embasamento futuro da pesquisa.

Da mesma maneira, discorreremos aqui sobre o segundo momento de compreensão dos dados coletados na pesquisa de campo através do questionário, sendo abordado primeiramente os aspectos mais objetivos da temática investigada. Desta forma, saber quem é o sujeito contribuinte do estudo, se ele é o único morador e como é a sua casa, a partir de um viés mais concreto do espaço se faz necessário para criarmos os subsídios precisos para o aprofundamento da pesquisa. Não haverá, obrigatoriamente, comparações entre os dois subtítulos a seguir, porém, de forma espontânea se farão paralelos.

3.1 OS CAMINHOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Infinitas são as questões ambientais que nos afligem. Tratamento de água, tratamento do lixo, exploração de recursos naturais entre outros. Há muito tempo, o vocábulo *ambiental* tem estado relacionado apenas às questões da natureza, ou seja, extremamente voltadas às questões biológicas, geográficas e ecológicas. Ao pesquisarmos a trajetória da Educação Ambiental, verificamos as variadas conferências (como a de Tbilisi, por exemplo) de diversos países voltados para essa preocupação ambiental. Tais conferências foram de extrema importância para o

desenvolvimento e amadurecimento das discussões ambientais, porém, eram abordadas questões com as mesmas vertentes temáticas sobre “a natureza natural”, ou seja, a água, o lixo, a sustentabilidade.

No entanto, tais conferências não abordavam aspectos mais humanos, como quem é o homem de hoje, como ele vive, sente e se relaciona com o meio externo e até mesmo com o interno, o seu eu. Como ele se comunica e exprime seus sentimentos, como é expressa a sua arte, sua música. Como é a sua vida dentro de um espaço ou como ele responde a essa vida dentro de determinado espaço. Talvez, tais indagações fossem negligenciadas por não se tratar de questões ambientais, por serem subjetivas demais e que, provavelmente, deveriam ser abordadas apenas no campo da Psicologia. Afinal, Educação Ambiental, ao menos para uma parte dos seres, tratava-se apenas de tudo que fosse “ambiente natural”, desmerecendo toda capacidade filosófica e prática que ela tem para nos oferecer. É sufocar um campo do conhecimento tão complexo e bonito numa mesma esfera. Esfera esta de fundamental importância, porém não única.

A Educação Ambiental, o termo, origina-se de preocupações com o ambiente. No princípio, o conceito de ambiente era realmente voltado para o ambiente natural excluindo o homem da natureza. Posteriormente, diversos pensadores perceberam que não há como falar em ambiente sem a inclusão do homem, pois nós também fazemos parte desse mesmo ambiente natural. Somos animais iguais aos outros, apenas com nossa capacidade motora e intelectual mais desenvolvida. Somos natureza. Somos mamíferos. Temos machos e fêmeas, procriamos e geramos descendentes. Nossas fêmeas parem como qualquer outra espécie de mamífero. Nossos filhotes precisam do leite materno para melhor se desenvolver como os filhotes de outros mamíferos. Sentimos frio, dor, medo e coragem, aprendemos e erramos como outro e qualquer animal. Relacionamo-nos com nosso habitat de variadas formas, assim como todos os outros animais também se relacionam. Por que, então, sermos excluídos da natureza “natural”, se dela também dependemos para sobreviver? Precisamos, igualmente aos nossos irmãos, mamíferos ou não, do ar, do sol, da água, dos frutos, dos alimentos que a Terra nos dá para sobreviver. Desconsiderar o homem como natureza é negar a própria natureza.

A partir desta noção de que o homem é natureza o debate em Educação Ambiental transformou-se. Talvez a conferência de Tbilisi tenha sido um marco da

trajetória da Educação Ambiental, pois pela primeira vez foi discutido o tema numa visão mais completa, como podemos ver a seguir:

A EA deveria preocupar-se tanto com a promoção da conscientização e transmissão de informações, como com o desenvolvimento de hábitos e habilidades, promoção de valores, estabelecimentos de critérios e padrões e orientações para a resolução de problemas e tomada de decisões. Portanto, objetivar modificações comportamentais nos campos cognitivos e afetivos. (PEDRINI, 1998, p. 29)

A Conferência de Tbilisi aconteceu na Geórgia em 1977 e foi a segunda conferência internacional promovida pela UNESCO. Nascia um novo repensar ambiental na qual o homem e suas relações éticas e estéticas estavam incluídos no que se chama ambiente. Segundo Pedrini (1998), em 1987, a Conferência de Moscou serviu para avaliar o andamento da Educação Ambiental desde a reunião em Geórgia e assim reforçar o que lá foi discutido. Os Princípios da Complexidade passaram, a partir deste momento, a serem ouvidos. Pedrini (1998) ainda sobre a Educação Ambiental fala da concepção que Edgar Morin (1980) defendeu em seu livro “O método - a vida da vida” exemplificando:

O pensamento complexo visa à multidimensionalidade e reconhece o ser vivo enquanto um sujeito pleno. Esta preocupação atende ao objetivo do Relatório de Tbilisi, no qual afirma-se que a Educação Ambiental deve ter uma perspectiva holística e interdisciplinar, assim como perceber o caráter complexo do ambiente, que possibilitaria aquela construção de mundos que são separados pelo abismo da racionalidade. (CASTRO apud PEDRINI, 1998, p. 197)

Com o passar dos anos, vemos que de fato as problemáticas do homem e os espaços onde ele está inserido estão cada vez mais conectados entre si. Os aspectos objetivos e subjetivos passam a ser considerados e abordados mutuamente. A Educação Ambiental enquanto educação passa a acolher, englobar e enriquecer o debate para que ações dos mais variados tipos possam ser desenvolvidas em prol da cidadania e da qualidade de vida.

Apesar de se ter belos objetivos, sabemos que a caminhada de um educador ambiental é longa e delicada. Para Sorrentino (1998), os educadores possuem grandes desafios como resgatar no homem o desenvolvimento de valores e comportamentos como o compromisso, a iniciativa, o respeito mútuo, a confiança e, solidariedade; mas também, estimular uma visão não fraturada, complexa e crítica dos temas ambientais, além de promover a interdisciplinaridade para que haja o resgate e a produção de novos saberes.

O educador ambiental deve, então, manter uma postura dialógica. Sua atuação visa à coletividade para que ações de conscientização e de estímulos para uma melhoria humanitária e planetária possam acontecer. Segundo Jacobi (1997):

O principal eixo de atuação da educação ambiental deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença através de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas. Isto se consubstancia no objetivo de criar novas atitudes e comportamentos diante do consumo na nossa sociedade e de estimular a mudança de valores individuais e coletivos (JACOBI 2003; p. 197, apud JACOBI, 1997).

Todo o movimento ambiental deve estimular à mudança de valores individuais e coletivos que muitas vezes nos engessam e nos fazem ter atitudes e pensamentos individualistas, consumistas, exploratórios e excludentes. Para Reigota (1998), a Educação Ambiental pretende desenvolver propostas pedagógicas que foquem na conscientização, na mudança de comportamento, na participação, entre outros. E Jacobi (2003) acrescenta, portanto:

O desafio é, pois, o de formular uma educação ambiental que seja crítica e inovadora, em dois níveis: formal e não formal. Assim a educação ambiental deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social. O seu enfoque deve buscar uma perspectiva holística de ação, que relaciona o homem, a natureza e o universo, tendo em conta que os recursos naturais se esgotam e que o principal responsável pela sua degradação é o homem. (JACOBI, 2003, p.196)

A transformação social tão almejada para que de fato a Educação Ambiental seja concreta, tendo a vida na terra equilibrada e conseqüentemente preservada, depende de vários fatores. Toda a ação, primeiramente, nasce ao nível de desejo. Primeiro sonhamos, depois sentimos a emoção daquilo que projetamos, para finalmente agirmos. Desta forma, vale salientar que o maior desafio é fazer a sociedade, ao menos uma boa parte, pensar, sentir e agir de maneira diferente da que pensa e sente hoje. Para que desta forma as ações sejam também diferentes, nutrindo sonhos felizes. O equilíbrio não se encontra apenas na razão, mas sim na razão alicerçada na emoção, no desejo e no sonho.

Tanto a educação formal como a não formal precisam ter esta abertura. Não podemos querer que o homem se mobilize por inteiro quando apenas uma parte do seu ser é estimulada, solicitada. Por tal motivo, a Educação Estética é um dos caminhos pontuais para que o homem tenha o espaço necessário para a valorização

do sentimento, do sensível, do subjetivo e da percepção estética do ambiente. Esta percepção estética é imprescindível para o desenvolvimento e compreensão da pesquisa, pois é parte responsável pela nossa capacidade de olhar um ambiente e tirar dele significados para si, como por exemplo, olhar para nossa própria casa e descobrir valores e sentimentos que possibilitam um melhor envolvimento com as pessoas e espaços, e assim, qualidade de vida e pertencimento. Portanto, sua abordagem é de extrema relevância neste estudo.

3.2. A EDUCAÇÃO ESTÉTICA AMBIENTAL

Para que possamos aprofundar mais as questões estéticas, buscamos a origem do vocábulo. Segundo, Marin (2006), doutora em Ecologia e em Recursos Ambientais: “A palavra estética deriva de *aisthesis* que significa sentir, sendo a raiz grega *aisth* sentir com os sentidos. Mais profundamente, pode-se dizer que se refere à capacidade humana de transcender o olhar imediatista sobre as coisas que compõem o mundo.” (MARIN, 2006, p.279)

Com este olhar sensível, a partir dos sentidos, podemos perceber o que nos rodeia de forma diferente. Podemos sentir que somos mais parte do ambiente do que pensamos, racionalmente. Podemos sentir que somos natureza e que dependemos do meio natural e construído para viver em harmonia. Nesse sentimento, aqui abordado, para com o meio natural e construído, significa dizer também um sentimento para com o próximo, para com as relações humanas. Como antes comentado, o homem é natureza também, sendo assim o encontramos nos mais diversos espaços e nos relacionamos das formas mais diversas.

O homem, para que se sinta pertencendo ao ambiente em que vive, precisa ter preservado a sua natureza interior, ou seja, seus afetos, sonhos felizes, sua liberdade para com o outro, mas especialmente para consigo. Marin (2006) mostra sua preocupação com o pensamento racionalista, que muito dividiu o homem, e por muitas vezes ainda continua, e reforça a necessidade da Educação Estética na intenção de um ser mais completo, como segue a citação abaixo:

O rompimento ser humano-natureza foi via inevitável, uma vez que o mundo conceituado e dominado pela razão não abria espaço para as dimensões e necessidades de uma natureza humana que é mais que

racionalidades. Daqui decorre a idéia de que, se o ser humano quer se encontrar com o mundo, é necessário que reencontre a si mesmo. Sem conhecer e dar liberdade à sua natureza afetiva, poética, criadora, instintiva, sua imaginação não há como entender a fluidez e o movimento do mundo no qual deveria sentir-se inserido. (MARIN, 2006, p.278)

É notório que, de uma maneira geral, o homem não se sente inserido no seu meio. Não se sentido parte, não consegue preservá-lo, cuidá-lo. E mudar isto é uma tarefa difícil, mas possível com atitudes voltadas para Educação Estética. Hoje lidamos com uma sociedade intelectualmente muito desenvolvida e globalizada, porém engessada, padronizada, massificada, desintegrada e apática. Sobre isto, Marin (2006) diz:

A construção das culturas de massa, profundamente influenciadas pela manipulação dos meios de comunicação, revela o flagrante processo de empobrecimento da existência humana, minando seus referenciais éticos e estéticos. Na medida em que introduz valores e pensamentos homogêneos e alheios à diversidade cultural, sufoca a emergência de visões críticas. (MARIN, 2006, p.285)

Penso que a mídia é um meio de comunicação de extrema potência. Tem a capacidade de invadir nossos lares e influenciar desde crianças até adultos com sua ideologia da “necessidade para a felicidade”. De que “necessitamos” muito de algo *comprável* para se ter bem-estar. Tenta nos convencer, e por vezes até consegue, de que precisamos da indústria têxtil, automobilística, entre outras para sermos felizes, quando sabemos que a felicidade é de dentro para fora, portanto não se encontra à venda.

Considero que cada indivíduo é exatamente igual ao outro e incutindo a cultura do ter, do consumismo, e portanto, a visão capitalista no nosso modo de pensar, temos alterada nossa essência e consciência daquilo que realmente é “necessidade para felicidade”. As mensagens diariamente emitidas são quase como mantras, doutrinando-nos para um determinado objetivo, porém racional, menos subjetivo.

Infelizmente a mídia não nos doutrina ao autoconhecimento, a espiritualização, ou seja, para temas que nos fortifiquem enquanto pessoas e que facilite nossas relações com as pessoas e com o meio. Os ensinamentos, na sua grande maioria, são bem diferentes.

Aprendemos e nos acostumamos a dar mais valor ao presente do que ao ato de presentear, a um futuro incerto do que o dia de hoje, a dar mais valor aos objetos

do que aos sentimentos. A dar mais valor a massificação dos homens, na qual todos pensam iguais, se vestem iguais e desejam as mesmas coisas do que a singularidade de cada um, a capacidade de ter liberdade suficiente para que você seja você mesmo e crie o que lhe pareça ser bom para viver, ou seja, a livre expressão e a diversidade. Marin (2006) pontua esta questão:

Com relação à liberdade criadora, a educação que deixou, em um momento de sua história, de dar espaço à emoção e à alegria, precisa aprender a ensinar o humano a se emocionar e a encontrar seus âmbitos de jogo, suas realidades valiosas, os fenômenos que apartou de si. A experiência estética, nesse sentido, ganha um valor inquestionável: ela pode ensinar ao ser humano uma nova percepção. Nesse sentido, ela não deve ser uma necessidade do artista para a produção de sua arte, mas uma necessidade de todos os que desejam reaprender o mundo, abrindo-se a ele de forma não imperativa. (MARIN, 2006, p.283)

A educação, da maneira com vem sendo exercida, é responsável por este empedramento dos sentimentos humanos. Não nos referimos aqui apenas à educação formal, mas a não formal igualmente, a educação vinda de casa, da escola, da rua, da música, da novela, da internet. A casa é um local de educação não formal e nela as trocas de experiências podem ser as mais variadas possíveis, dependendo da percepção de cada morador. Podemos avaliar isso na fala abaixo:

Estamos sempre envolvidos em algum tipo de processo emocional, embora possamos, às vezes, disfarçar sua expressão. Podemos não expressar a emoção, mas seguramente, a estamos vivendo dentro de nossos corpos. De fato, os movimentos de nossos corpos comunicam efetivamente nossos estados internos. (FIAMENGHI, 1999, p.35)

A percepção do nosso corpo ajuda-nos a entender como nós mesmos funcionamos, reagimos e interagimos com os outros e o meio. Sendo assim, um ambiente, seja ele qual for, é capaz de interferir de alguma forma no nosso processo emocional. Por isso devemos ficar atentos ao tipo de ambiente que estamos criando e como nos comportamos dentro de casa. Podemos observar que as percepções estéticas tanto do eu como do espaço podem ser inúmeras, e conseguir aflorá-las, desenvolvê-las e valorizá-las, deve partir da educação não formal, informal, como também da formal.

A percepção do ambiente, a ética do encontro com o outro e com a natureza não são fenômenos que possam ser entendidos, discutidos e analisados sem que se parta de uma integridade de relações multifacetadas

nas construções do imaginário social, nas expressões das capacidades criativas, nas histórias de vida, em como elas se desenham em um determinado espaço, tornando-o lugar, no potencial imagético humano e, sobretudo, diluída em toda essa complexidade, na sensibilidade estética. A educação não pode omitir as necessidades advindas dessa rica natureza humana e centrar-se na cientificidade do conhecimento, ainda menos ter como objetivo central apenas a sua transmissão. Educar pressupõe trabalhar com as sensibilidades, afetividades, capacidades imagética e criadora e, ao fazê-lo, despertar para a verdadeira essência ética do ser humano. De encontro a essas necessidades, a educação estética, hoje tão minimizada na educação formal, é, mais que um instrumento, uma urgência para o processo educativo. (MARIN, 2006, p.278)

Se inserirmos o pensamento e a atitude estética no nosso cotidiano, nossa percepção em relação ao externo se modificará. Desenvolveremos maior sensibilidade pelo homem, pelos animais e pelo ambiente de forma geral. Assim, a Educação Estética Ambiental, através da percepção ambiental difere-se daquela educação racional. Marin (2006) mostra a partir de seu discurso o quanto o ambiente, preservado na sua integridade ou mesmo habitado, evoca em nós sentimentos que nos proporcionam experiências internas cheias de complexidade.

Com relação à percepção ambiental, podemos considerar que a experiência de contato íntimo com a natureza é algo que faz jorrar de nós um emaranhado de sensações, sentimentos e significados, antes que busquemos uma análise representativa. O ambiente, quer seja paradisíaco na sua condição preservada, quer seja povoado de elementos humanos repletos de significados e nostalgias, nos capta ao encontro e nos leva a uma percepção marcada pela complexidade (.MARIN, 2006, p.283)

Esta dimensão ético-estética da educação deve estar presente em todos os modos educacionais: formal, não formal e informal. A Educação Ambiental, na qual esta pesquisa se fundamenta, é uma forma de educar de maneira integral o homem. Educar e conscientizar para a preservação da natureza natural, da construída e a natureza do próprio homem, assim como sua saúde física, mental e emocional.

Pelo fato da presente discussão ser a nível não formal da Educação Ambiental, a conscientização se dará fora do universo comum de ensino, se dará exatamente em um ambiente de natureza construída, como a casa que moramos. Como a Educação Ambiental não formal fomenta o estudo de questões socioambientais, ela alimenta-se e fundamenta-se em aspectos sobre a diversidade e a alteridade dos grupos, assim como a saúde física e mental e a qualidade de vida do sujeito ou de grupos e instituições.

Tais transformações desejadas e que alicerçam nossa vida, provêm e desencadeiam mais cidadania. Como foi salientado noutra oportunidade, a Educação Ambiental tem como proposta a construção cidadã e, quanto mais a tivermos, mais Educação Ambiental promoveremos. A fim de melhor esclarecer esta relação, pensemos a seguinte citação:

E como se relaciona educação ambiental com a cidadania? Cidadania tem a ver com a identidade e o pertencimento a uma coletividade. A educação ambiental como formação e exercício de cidadania refere-se a uma nova forma de encarar a relação do homem com a natureza, baseada numa nova ética, que pressupõe outros valores morais e uma forma diferente de ver o mundo e os homens. A educação ambiental deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária. (JACOBI, 2003, p. 198)

Conceitos como a *identidade, pertencimento, relação homem natureza, valores morais, conhecimento e consciência local e planetária*, como os acima citados, permeiam a pesquisa. A partir destes acreditamos ser possível uma atitude positiva pessoal e coletiva do homem em relação ao meio, seja este o natural ou o construído. Desta forma, tendo visto anteriormente a abordagem tanto da Educação Ambiental quanto da Educação Estética Ambiental, pretendemos a partir deste momento, relacionar esses dois campos do conhecimento com o objeto de estudo da pesquisa, o meio construído, para avaliarmos as relações do homem com este espaço e, evidenciando, o quanto vivemos e dependemos desses ambientes para bem viver.

3.3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL, A ESTÉTICA E O AMBIENTE CONSTRUÍDO

Há muito o meio natural, obrigatoriamente, vem cedendo espaço para um novo meio, nem melhor e talvez nem pior, mas hoje fundamental para que possamos viver e conviver. Falamos, portanto, das construções civis, como nossas casas, escolas, igrejas, lojas, mercados, hospitais entre outros tantos lugares. Na verdade, esse ambiente construído não é reflexo da modernidade. Há 400 anos a.C já haviam registros de construções arquitetônicas com a finalidade de proteger e proporcionar convivência e sobrevivência. Até mesmo, grupos alternativos, nômades ou mesmo mais selvagens, que vivem e dependem muito mais do meio ambiental

natural para sobreviver do que a maioria dos moradores urbanos, não descartam suas moradias. Sejam tribos exóticas, índios, ciganos, todos tem um lugar no planeta, a que eles chamam de casa.

Contextualizando até o momento como se dá a Educação Ambiental e as relações com a Educação Estética Ambiental, a educação não formal e informal e o ambiente, percebemos que o espaço construído onde o homem se abriga das adversidades externas, como a sua casa/residência faz parte desse processo. A casa, o local construído, onde uma pessoa ou grupo (familiar ou não) mora e tem ali resguardado seus afazeres e prazeres, seus pertences, sua história, memórias e vivências é ambiente (construído), e, assim sendo, encontra-se dentro do campo de conhecimento da Educação Ambiental.

Analisando um pouco a realidade vivida, o homem contemporâneo vive muito mais rodeado do ambiente construído do que do natural. Vivemos, em média *oito horas* por dia trabalhando, na sua maioria em espaços arquitetônicos, como salas, escritórios, oficinas, museus; *uma hora no mínimo* no trânsito de casa para o trabalho e vice-versa, dentro de um carro, ônibus, sobre uma moto ou até mesmo caminhando ou pedalando, por entre casas, prédios, pedras, asfaltos, ruas, predominantemente. *Oito horas* passamos dormindo, em algum lugar como a casa, o hotel, sob alguma laje; *uma hora* no mínimo, na rua, em filas de bancos, ou em feiras ou em supermercados, em academias, num cinema, em restaurantes. Enfim, em qualquer lugar. Somando todas as horas que aqui contabilizamos, passamos no mínimo *dezoito horas* na rua, porém em algum ambiente construído. Ainda nos restam *seis horas*, que serão dedicadas à nossa casa ou divididas em outras atividades, incluindo as de ambiente natural: campo, jardins, praias.

Das vinte e quatro horas do dia (menos as horas que estamos dormindo), mais especificamente as dezoito horas que passamos fora de casa com nossos afazeres, temos alguns contatos com o ambiente natural: grama, flores, árvores, sol, vento, chuva, insetos, animais; porém, esse contato é mínimo, assim como a qualidade dele. Passamos, na maioria das vezes, reto pelas árvores, fugimos chuva, enxotamos os insetos ou nem os percebemos. Não observamos os animais interagindo e pouco olhamos a paisagem.

Assim, o meio em que estamos inseridos é, na maior parte do tempo, o ambiente construído. Este é o ambiente na qual interagimos, é predominantemente nosso ambiente. Desta forma, a Educação Ambiental deve atentar-se a isso, pois

sabemos que todo o processo educativo necessita fundamentar-se nas vivências do seu educando para que o aprendizado faça sentido; caso contrário, serão apenas palavras, pois educar significa, basicamente, permitir ao indivíduo a eleição de um sentido que norteie sua existência. Significa permitir que ele conheça as múltiplas significações e as compreenda a partir de suas vivências” (DUARTE, 1988, p. 60).

Segundo Duarte Júnior (1988) é necessário que as vivências de um sujeito sejam exploradas e valorizadas para que ele compreenda seu papel social. Torna-se difícil demais criar alguma consciência sobre aquilo que você não conhece ou não viveu, não experimentou, apenas ouviu falar. Sendo assim, para que consigamos efetivar a Educação Ambiental precisamos valorizar os espaços onde o homem mais está presente, como o meio construído. Apesar da reflexão aqui feita, salientamos que as campanhas de preservação do ambiente natural são extremamente necessárias como, por exemplo: o uso da sacola ecológica ao invés da plástica, a reciclagem do lixo, diminuição no uso da água e da energia elétrica, do óleo já usado para a produção de sabão, o cultivo de hortaliças em casa e todos os trabalhos de proteção dos recursos naturais e animais. Todavia, o que queremos alertar é que haveriam de ter campanhas para a preservação do ambiente construído, onde, como pudemos ver anteriormente, o homem encontra-se muito mais presente.

Dizer, por exemplo, a um menino que nunca viu o mar, para não poluí-lo e sim preservá-lo, pois do mar dependemos, assim como boa parte da flora e fauna, não fará tanto sentido para o garoto, pois é descontextualizado, não tem relação direta com sua realidade. O significado das palavras preservação, cuidado, educação, ficam num plano menos palpável. Por outro lado, dizer para o menino não sujar o pátio da escola, porque ali é um espaço que todos dependem para circular, brincar e, além disso, a sujeira enfeia o local, atrai insetos, limita o espaço físico das brincadeiras, irrita algumas pessoas como alguns colegas, professores, os faxineiros, além de ser uma atitude nada bonita, já seria um exemplo contextualizado. Além disso, o cheiro que pode vir daquele lixo, bem como os insetos, também contribuirão para o afastamento das pessoas daquele lugar de confraternização. Mostrando para o sujeito modos de fazer e viver de acordo com o que ele conhece, a partir do que faz sentido para ele, como o pátio da sua escola, por exemplo, tornar-se-á uma atitude muito mais promissora, pois facilmente o indivíduo entenderá a mensagem dada e, assim visualizará e perceberá os resultados, na prática, bem como perceberá o valor daquela ação.

Deste modo, a criança vai internalizando o significado de alguns valores como o cuidar, o preservar e o proteger os espaços privados e as áreas de uso comum. Passa a identificar o que é dele, o que é do outro e o que é de todos. Ter esse discernimento facilita o entendimento e as relações entre as pessoas e o meio. O sujeito passa a adquirir responsabilidade, a sentir-se responsável pelo que o rodeia, despertando no mesmo, valores e sentimentos. Como exemplo disso, teríamos despertado o sentimento de pertença, pois o indivíduo passa a perceber que é parte integrante de um todo e que o todo depende, em parte, dele também. Despertamos a identidade, pois suas ações e escolhas vão definindo quem é essa pessoa, como ela age, o que se pode esperar dela ou do grupo; cidadania, pois se percebe a importância das ações individuais e coletivas em prol de um bem comum, seja ele qual for. E qualidade de vida, pois o ambiente estará mais limpo, organizado e bonito, propiciando um espaço para relações menos conflituosas e mais saudáveis.

Vale salientar nesse momento que, não é porque um ambiente está limpo e bonito que as relações ali presentes serão ideais. Apenas estamos dizendo que num espaço mais caprichado, cuidado, ou seja, um ambiente com peças limpas, com os objetos organizados, arejado, iluminado, o homem se sentirá mais acolhido, terá sua autoestima tocada, se sentirá mais seguro, mais alegre e a qualidade de sua vida será melhor. Verificamos isso muito frequentemente nas nossas residências. Quanto mais livros, roupas, coisas fora do lugar, mais nos sentimos fora do lugar também. Ficamos mais atrapalhados, comumente não achamos tal objeto que estamos procurando, ficamos ansiosos porque queremos mudar aquela situação de bagunça, mas falta tempo. Não sentimos tanto prazer em estar em casa, pois vemos que há muito a fazer. Passamos a não admirar tanto nossa morada, pois nem percebemos sua decoração, e torcemos para que nenhuma visita apareça para não passarmos vergonha, sendo considerado um relaxado por ela. Em casos mais profundos, sentimos tristeza, depressão e podemos ficar fisicamente doentes, numa casa sem ventilação, iluminação e higienização.

É fato que temos uma relação muito forte com o meio em que estamos inseridos, seja a nossa própria casa ou o pátio da escola, como anteriormente exemplificamos. Cada ação negativa atinge, direta ou indiretamente, o meio e as relações com as pessoas que também frequentam aquele espaço. Sigamos o exemplo do pátio da escola. O fato de um menino sujar o pátio do colégio encoraja um coleguinha a fazer a mesma coisa, mesmo que inconscientemente. O colega

verá que ali tem lixo e pensará que é normal. No dia seguinte, os faxineiros terão limpadado a escola e o pátio estará limpinho outra vez. Isso, repetidas vezes acontecendo, “educa” à criança a chegar a qualquer outro local, como uma praia e fazer exatamente a mesma coisa. E quando ele retornar à praia, numa outra vez, aquele lixo não estará mais ali, pois terá sido recolhido, por sorte por um caminhão de lixo, mas poderá ter sido “recolhido” pelo próprio mar ou carregado pelo vento ou ainda ingerido por alguma ave.

Por tal motivo, reiteramos a importância de se preservar o ambiente construído, vivido diariamente, pois dele podemos criar uma Educação Ambiental e Estética mais significativa para a maioria dos sujeitos. Mais observada de perto, mais sentida na pele e que, indiscutivelmente, refletirá nas relações afetivas das pessoas envolvidas. As campanhas educativas, além do tópico preservação, deveriam buscar o que a Educação Ambiental não formal ou informal propõe: melhoria nas relações humanas em vista de qualidade de vida.

Portanto, devemos despertar em cada indivíduo a importância da sua casa na sua vida como na vida das pessoas que você ama; o valor da sua escola, na sua vida e na de todos os alunos e profissionais que ali atuam; o valor das praças da sua cidade; das igrejas, das calçadas; a importância do ônibus que te leva para onde você deseja; dos postes e luzes que iluminam a cidade, das lixeiras espalhadas pela rua, o valor de uma rua limpa. Afinal, estes são espaços que compartilhamos todos os dias.

3.4. A CASA

A partir da postura de valorizar o que vemos todos os dias e que, talvez, por ser tão corriqueiro não percebemos sua importância, é que podemos despertar um novo olhar daquilo que vemos, e/ou compartilhamos, com menos frequência. Ou seja, são variadas esferas do que consideramos ambiente que nos compõe: o planeta, o continente, nosso país, estado, cidade, bairro, rua, escola, casa, corpo e mente. Torna-se mais eficiente trabalharmos firmes e fortes a Educação Ambiental numa primeira esfera do que começarmos em esferas maiores, mais abrangentes. O interessante é que uma está interligada a outra, desta forma, mesmo dentro de uma esfera mais reduzida, podemos trabalhar a favor de uma esfera maior.

Se avaliarmos uma casa, ela é uma pequena esfera, pois tem um espaço limitado e moradores definidos. No entanto, dentro dela pode-se trabalhar com inúmeras questões como a produção e seleção de lixo, a água e o seu desperdício, a poluição, e especialmente com a alteridade entre os grupos, como moradores com gêneros e idades diferentes. Se estas questões forem abordadas dentro de casa, é bem possível que tal abordagem avance os limites da residência. Vejamos como Sauv  (2005), fala do quanto o ambiente está vinculado ao lugar que se vive, ou seja, está vinculado   casa, o foco do nosso estudo.

O ambiente — lugar em que se vive (para conhecer, para aprimorar).   o ambiente da vida cotidiana, na escola, em casa, no trabalho etc. Uma primeira etapa de educa o ambiental consiste em explorar e redescobrir o lugar em que se vive, ou seja, o “aqui e agora” das realidades cotidianas, com um olhar renovado ao mesmo tempo apreciativo e crítico trata-se também de redefinir-se a si mesmo e de definir o próprio grupo social com respeito às rela es que se mant m com o lugar em que se vive. Podem surgir projetos de aprimoramento, de modo a favorecer a intera o social, o conforto, a segurança, a saúde, ou ainda o aspecto est tico dos lugares. (...). (SAUVÉ, 2005 p. 318)

A autora toca num ponto importante da Educa o Ambiental quando afirma que uma das primeiras etapas, desta área do conhecimento,   exatamente possibilitar um olhar diferente, renovado para um mesmo espaço, aquele em que se vive. Avaliando pontos positivos ou negativos, mas avaliando, olhando, percebendo com o propósito de autoconhecimento, redefini o pessoal ou social, para com as rela es com o meio. E assim, um melhoramento dos espaços tanto nas questões de qualidade de vida,  tica e estética, por exemplo.

O estudo de uma residência   de grande relevância para que possamos entender, ao menos em parte, como funciona a sociedade atual, ou seja, como ela encara as diversas situa es do cotidiano dentro de um espaço delimitado. Sabemos que o homem na sua grande maioria   bastante ocupado, estressado em fun o de tantos deveres a cumprir, e cheio de conflitos, pois quer ter uma vida boa, quer ter qualidade de vida; porém, não consegue isso da maneira que deseja. As razões são inúmeras, mas sabemos que a competitividade nos faz ficar horas fora de casa trabalhando e estudando para o crescimento profissional. E isso sequer d  ao sujeito o retorno financeiro imediato e, portanto, se faz necessário trabalhar muito além de estudar.

Todas estas questões, aos poucos, vão nos moldando, v o nos dando formas de viver e

ver a vida de maneira diferente daquela que se via e vivia antigamente. De certa maneira, a vida cotidiana rouba nosso tempo do lazer e para as questões mais subjetivas da nossa existência. Cada indivíduo percebe, em algum momento de reflexão, o quanto precisa cuidar de si e das pessoas que o rodeia com maior atenção, carinho e respeito para que sejamos mais íntegros, mais inteiros. Pois muitas vezes, boa parte das vezes, vivemos com nosso “lado objetivo do ser” com muito mais frequência, porque somos cobrados e nos acostumamos com tal cobrança, seja do trabalho, da escola, da faculdade, das contas para pagar.

Em contrapartida, temos nosso lado subjetivo pouco cobrado na sociedade, e assim, ficamos mais engessados em relação aos nossos sentimentos e emoções. Somos educados dia-a-dia para atuar, predominantemente de forma objetiva e vemos isso ao nosso redor. Vemos as dificuldades que temos de parar um pouco das atividades diárias para não fazer nada, para sorrir, para visitar o avô, para passear com o cachorro, para brincar com o filho, para escrever uma mensagem de amor para alguém, para dar um sorriso para um desconhecido e dizer um oi consistente para o vizinho.

O mais complicado da questão é que muitos de nós queremos isso, apreciamos isso, sabemos o quanto isso é importante para o nosso bem estar, mas mesmo assim não fazemos e não sabemos bem o porquê. Talvez porque o avô more longe demais; o cachorro já tenha espaço suficiente na casa e não precisa sair tanto; talvez porque o filho tenha milhões de brinquedos e, portanto, pode se entreter com eles sozinho; talvez falar de amor seja brega e escrever então, seja pior ainda; talvez sorrir para o desconhecido seja coisa de maluco ou gente carente e dar um oi consistente para o vizinho pode ser interpretado como dar confiança demais, e o resultado disso é fofoca. O fato é que ao longo dos tempos somos educados e nos educamos a ficar cada vez mais à parte, mais solitários, no sentido de termos menos intimidade, conosco e com os outros.

Esse comportamento é um reflexo da fragilidade subjetiva do homem. Vemos e sentimos na pele essa realidade a todo o momento na rua, mas todas essas mesmas pessoas são seres constituintes de uma família, que provavelmente possuem uma casa e convivem diariamente com a necessidade de se relacionar entre si e de conviver num mesmo meio, de uma forma de organização específica de cada família. Intriga-nos é saber se dentro de casa as relações, conhecidas na rua, são as mesmas. Tendo em vista que a casa é a primeira organização social vivida

pelo indivíduo, concluímos que dela nascem os valores e percepções que definem, num primeiro momento, quem somos nós, o que pretendemos ser e ter, e de que forma buscamos isso.

Se a casa é o lugar onde nascem os primeiros traços de personalidade do indivíduo, juntamente com seus valores, sentimentos e percepções, podemos afirmar que, de certo modo, o que vemos na rua é um espelho do que encontramos em casa. Segundo Sauv  (2005) entre outros lugares, a casa   de extrema relevância para Educa o Ambiental, como define abaixo:

(...) O lugar em que se vive   o primeiro cadinho do desenvolvimento de uma responsabilidade ambiental, onde aprendemos a nos tornar guardi es, utilizadores e construtores responsáveis do Oikos, nossa "casa de vida" compartilhada. (SAUVÉ, 2005, p.318)

Se a postura humana diante das rela es pessoais, do meio construído e do meio natural carece aten o e melhorias, talvez essa perspectiva indique que dentro de casa também carecemos melhorias. Conhecer o ambiente onde nascemos e/ou crescemos, amadurecemos e desenvolvemos os laços de afetividade. Onde construímos uma identidade, uma história e memórias   fundamental, pois nele aprendemos a nos relacionar com os espaços comuns e individuais, com o meio construído e natural, fazendo-se imprescindível para o conhecimento da sociedade e para o entendimento das suas atitudes em rela o ao ambiente e ao próprio homem, criando um suporte fundamental para o estudo e os objetivos da Educa o Ambiental.

Além destas questões, vemos que a Psicologia Ambiental se faz muito presente na abordagem aqui levantada, afinal como incentivamos a valoriza o do meio construído, na qual predominantemente o homem encontra-se, passamos a nos fortificar com esta outra ciência que busca a valoriza o específica da rela o do homem com os espaços. Apesar da Educa o Ambiental e da Psicologia Ambiental fazerem um belo casamento, cada uma possui suas particularidades e perspectivas distintas: uma histórica e cultural, porém ambas constituem a pesquisa de forma especial.

3.5 A CASA DE ALGUMAS CIVILIZAÇÕES

A casa, como sabemos e conhecemos, é material. Uma construção civil projetada arquitetonicamente de forma simples ou magistral. Nossa civilização a vê como algo estático, porém para outros povos, essas mesmas casas, moradias, compartilham-se como seres dotados de vida.

O jornalista, músico e viajante, Xavier Bartaburu em um de seus rumos, conheceu uma tribo africana e escreveu uma coluna intitulada *Casa também é gente*, demonstrando como uma remota tribo africana pode nos ensinar mais sobre o lugar que moramos. Na coluna ele mostra brevemente a incrível relação dos moradores de uma tribo com as suas moradas. Percebemos, a partir da citação abaixo, como o jornalista impressiona-se ao ver um povo tão selvagem ter uma consciência do seu corpo e espaço diferentemente dos povos *civilizados*.

Para esses arquitetos da savana, uma moradia saudável é o primeiro passo para o equilíbrio e bem-estar de seus ocupantes. Casa são, corpo são. Por que demoramos tanto para descobrir o que esse povo afastado do que convencionamos chamamos de civilização já sabe há séculos? (BARTABURU, 2007, p. 98).

Togo é um pequeno país localizado no oeste da África Ocidental e constitui-se por um estreito território que tem como habitantes povos de diferentes origens. A maioria deles habitantes vive da agricultura, cujos principais produtos são o algodão e a cana-de-açúcar. É um país que reserva alguns atrativos turísticos, especialmente no lado do litoral. No entanto aqui, o atrativo é a cultura de um de seus povos, a tribo Tamberma.

Numa incrível relação sociedade e meio, mais especificamente homem e casa, essa tribo possui uma cultura que desperta o respeito à morada, numa consciência de dimensão ambiental e patrimonial. A tribo Tamberma dá vida as suas moradas de barro de simples arquitetura. Segundo Xavier Bartaburu (2007) eles são um povo simples, habitante de vales e que, certamente, jamais de se depararam com as construções ocidentais europeias, como os castelos. Mas o curioso é que as construções de barro lembram esses castelos, porém em miniatura. A inspiração para a construção vem da filosofia deste povo, para eles as casas têm vida, as *casas são humanas*.

O povo se autodenomina de batammariba, ou seja, “o povo arquiteto”. De acordo com o autor, já demonstrando nesse momento a importância que os sujeitos dão a arte da construção. Essa tribo acredita que uma casa não é formada por paredes, simplesmente. Eles creem que as casas são feitas de ossos, carnes e sangue que seriam respectivamente o cascalho, o barro e a água. São feitas a partir daí, uma série de relações com o corpo humano.

Os Tambermas constroem uma série de torres acomodadas de maneira circular (comum as tribos) e são conectadas entre si por paredes às quais eles dão o nome de “articulações”, igualmente a nossa estrutura corporal. A porta, por sua vez, seria a boca e as duas janelas acima dela seriam os olhos da casa. Na entrada dessas casas, existem pedras brancas dispostas que servem para que os sujeitos triturarem os grãos e estas pedras equivalem aos dentes da casa. O celeiro seria o estômago, o teto seria o peito e o reboco seria a pele. O requinte das comparações continua, como por exemplo, a parede posterior da morada tem o nome de *lifua* e equivale as nádegas e toda água da chuva escoar pelo *lifumuli*, o ânus, assim como pela *litia*, o pênis.

Além desta parte externa, as relações com a constituição humana continuam no interior da casa, mas de maneira mais aprofundada, mais espiritual. No piso superior, possui um quarto principal e este é o útero da casa e, logo em frente a ele há, no teto, um orifício cerimonial que representa a moleira dos bebês. E é exatamente por esse orifício que a tribo Tamberma acredita que os antepassados se comunicam com a casa. Sendo assim, os nascimentos e funerais são realizados sob esse orifício.

A tribo acredita que o homem e a casa nascem do barro. Segundo eles, o feto desenvolve-se no corpo da mãe tendo início uma bola de barro e quando nasce, a placenta é envolvida em argila, simbolizando assim o ato da criação. Num mesmo grau de importância, tanto os bebês como as moradas são banhadas em óleos e frutas para que a pele cresça resistente, forte, assim que ambos passam a existir.

Outra relação curiosa da tribo é que suas moradas são projetadas para resistir 60 anos, que é a média de vida de seus moradores. Assim como nós humanos, ao envelhecer, a pele da casa começa a enrugar-se, e por fim, é destruída dando espaço a uma nova casa. Apesar disso, os alicerces da antiga morada são mantidos, exatamente como o sangue dos ancestrais mantém-se em seus descendentes.

Apesar de tanta beleza, sensibilidade e respeito ao meio, a sua própria casa, as relações com corpo humano ainda não terminaram. Para esta tribo africana as casas adoecem. Quando algum membro da família adoece, não apenas ele, mas a casa também recebe tratamento. Afinal, para tal povo, uma moradia saudável e equilibrada é fundamental para o equilíbrio e bem-estar dos seus moradores.

Percebe-se a relevância que uma morada pode ter na vida do indivíduo. No caso desse povo africano, conhecemos talvez um extremo do respeito à moradia e de todas as significações desta na vida da tribo. Especialmente no cuidado com a manutenção da casa, quando morador e morada recebem tratamento para conservar a boa saúde, e também, na consciência patrimonial de se manter os alicerces feitos pelos antepassados como uma forma de preservação cultural e desenvolvimento estético.

Apesar de conhecermos esta cultura tão distante da nossa e em outro continente, existem, aqui no Brasil, estudos que fazem esta relação direta da casa com o homem, evidenciando que a qualidade de um está diretamente relacionada à do outro, quer percebamos ou não. A Geologia é uma área do conhecimento que aprofunda estas relações e também considera a casa como uma anatomia viva, como mostra a citação de Allan Lopes:

A noção de que os espaços interagem com as pessoas e de que esta interação pode ser saudável ou insalubre é o fundamento da Biologia da Construção, também conhecida por Geobiologia. Assim, ela pode ser definida como o estudo do impacto das construções sobre a saúde humana e a aplicação desse conhecimento para a construção ou modificação de lares e locais de trabalho. Toda construção é um ser vivo, composto de uma anatomia e de uma fisiologia particulares que conferem, em sua conjunção, características saudáveis ou não ao ambiente. Características estas que são passadas a seus usuários e moradores interferindo diretamente em sua qualidade de vida.(LOPES, <http://allanlopes.webnode.com/geobiologia>,201).

Allan Lopes é um Geobiólogo que grande relevância nessa ciência, é o criador e presidente do Instituto Brasileiro de Geologia e tem profunda preocupação com a qualidade de vida do homem e conecta isso a qualidade das habitações. Este é um interesse também da Organização Mundial de Saúde (OMS) que percebe que o ambiente pode influenciar na saúde do homem, seja a própria casa ou mesmo o ambiente de trabalho. Allan Lopes afirma:

A Organização Mundial de Saúde (OMS) concebe o termo Habitação Saudável partindo do pressuposto de que a habitação atua como um agente

da saúde de seus moradores. De outro lado, descreve a Síndrome do Edifício Enfermo como a condição médica em que indivíduos adoecem sem razão aparente ao habitar ou trabalhar em um dado edifício e que os sintomas se agravam com o aumento da permanência no mesmo. A OMS considera, ainda, que esta condição leva a uma severa diminuição da capacidade de trabalho e perda de produtividade. (LOPES, <http://minhacasasaudavel.blogspot.com.br/p/geobiologia.html>, 2011)

É nítido que o ambiente residencial influencia o comportamento humano e é na tentativa de atentarmos a isso que se faz o aprofundamento do tema. A Geologia, assim como outras ciências como a própria Educação Ambiental, a Educação Patrimonial e a Psicologia Ambiental entre outras permitem o conhecimento e o entendimento dos espaços que habitamos e como podemos nos relacionar de forma mais feliz, equilibrada e ainda preservar esses mesmos espaços desenvolvendo valores e sentimentos de pertencimento, coletividade e alteridade.

Ainda sobre a Geologia, através da pesquisa, foi possível notar que há nessa ciência relações similares com a cultura da Tribo Tamberma, pois ambas consideram que uma casa é uma estrutura viva e ainda relacionam suas partes e cômodos com o corpo humano. Segundo a Geobiologia, nós possuímos cinco camadas de pele. A primeira seria nossa própria pele; a segunda, nossas roupas; a terceira, seria então nossa casa; a quarta a cidade e a quinta, a terra, a residência de todos os homens. Vejamos a visão de Lopes sobre a uma construção.

Toda construção é um ser vivo composto de uma anatomia e uma fisiologia particular, que conferem, em sua conjunção, uma característica saudável ou não ao ambiente. Paredes, solo, telhado, vigas de sustentação, janelas e portas podem ser vistos como estruturas semelhantes à pele, aos pés, à cabeça, aos ossos, músculos, poros e orifícios do corpo humano. (LOPES, <http://allanlopes.webnode.com/geobiologia/2011>).

Dentro dessa perspectiva, o autor em seu site na internet sobre a Geobiologia, tenta promover a importância de uma construção na qualidade de vida humana. Salientando, portanto, que cada parte da casa tem uma forte relação com o organismo humano, buscando um homem integral com saúde mental, física e emocional. Para se obter esta visão integral do homem, cada detalhe da construção tem um significado e um porque, como vemos a seguir:

As vigas de sustentação seriam os ossos da casa; as paredes, seus músculos, fazendo a conexão entre um osso e outro(...). O revestimento das paredes, os acabamentos e tintas podem ser vistos

como a pele da casa, daí a necessidade de encontrarmos materiais saudáveis, que possam promover a respiração cutânea desse imenso organismo que habitamos e chamamos de lar. (LOPES, <http://allanlopes.webnode.com/casa-saudavel/2011>)

Segundo a Geobiologia e a Tribo Tamberma para que bem vivamos é preciso que cuidemos bem do espaço onde moramos. Cada detalhe da construção poderá interferir na saúde do morador. E o contato com os recursos naturais como a luz, a terra e o céu, por exemplo, são necessários para o equilíbrio da casa e homem. Sabemos que o contato com os recursos naturais são fundamentais para que desenvolvamos mais sensibilidade, bons sentimentos e mais saúde. Para a Geobiologia, o contato com os recursos construídos também são de total importância, pois eles representam as partes do corpo humano. O autor dá o exemplo de crianças das cidades grandes que são impedidas de ficar descalças tocando com o pé no solo, mesmo dentro de casa. E os moradores, por sua vez, sem atentar-se para o tipo de material que utilizam no piso, acabam impedindo esse contato maior da criança com o meio, a partir de pisos isolantes, produtos de limpeza potentes e desinfetantes. Segundo Allan Lopes, as crianças passam a não ter um sistema imunológico bem desenvolvido, ficando propensas a doenças.

O solo e o teto da casa também são fundamentais, pois estabelecem a conexão Céu-Terra. O teto é o ponto de contato com o Céu, há tanto esquecido e continuamente ocultado pelas luzes urbanas. O piso é o ponto de contato com a Terra. Desse modo, é interessante pensar no chão como algo que conecte ou reconecte os habitantes da casa à Terra, em vez de isolá-los ainda mais do planeta, como se ele fosse sujo e impuro. (LOPES, <http://allanlopes.webnode.com/casa-saudavel/2011>)

O estudo da Geobiologia vai bem mais adiante nessa relação do corpo com a casa. Para essa ciência, as janelas, que equivalem aos olhos, nariz, e ouvidos e as portas das casas, que equivalem à boca e ao ânus, são muito importantes, pois são o canal de entrada e saída de energia da habitação. O estudo relata ainda que moradias que possuem muitas portas acabam dispersando energia, necessária para definir o fluxo daquele ambiente. Segundo Allan Lopes (2011) é bem comum encontrarmos “(...) muitas casas com conceitos modernos de arquitetura que, ao longo de um ou dois anos, trazem uma incoerência mental tão grande aos seus moradores que estes, via de regra, perdem a capacidade de definir e decidir os rumos de suas vidas”.

Todas as peças da casa e a sua ocupação equivalem, portanto, aos nossos órgãos: o quarto principal da casa relaciona-se com a função sexual em sua dimensão física, já na dimensão emocional relaciona-se a função cardíaca; os banheiros têm função excretora e a cozinha, função digestiva. No entanto, o geobiólogo Lopes enfatiza que estas são metáforas de todas as funções orgânicas das partes da casa, ou seja, ainda estão em processo de estudo.

Apesar da distância do Povo da Tamberma, algumas relações são semelhantes. Isso talvez demonstre a necessidade que temos atualmente de nos movermos ao encontro da vida em equilíbrio, de uma vida feliz e saudável. Muito deste resultado tem a ver com os ambientes que ocupamos e como nos relacionamos com eles. Essa busca do bem-estar está se resgatando conceitos antigos, de povos do início da civilização. Como, de certa forma, a própria Geologia é. É como se fosse o ciclo da vida. Chegamos ao ponto de se fazer necessário retroceder para poder avançar.

Em contrapartida, com a Revolução Industrial houve um divisor de águas e o consumismo, o materialismo, passaram a vigorar na vida do homem. Em consequência, seus espaços também se transformaram, e hoje há uma tendência a olhar para trás e aprender com o “antigamente”. Até mesmo pela questão da sustentabilidade, pois os antigos tinham muito mais ações corretamente ecológicas do que nós temos hoje, na era da informação, comunicação, globalização. Sabemos bem mais do que antes a complexidade do que é ambiente e dos impactos ambientais, mas as ações, por vezes, são truncadas.

Historicamente, vários povos tinham essa profunda preocupação com os ambientes, relacionando-os com a saúde. Segundo Lopes (2011), “a Geobiologia foi concebida com este nome a partir do século XX, mas é considerada uma ciência ponte entre um legado de conhecimentos antigos e as formas modernas de se observar o mundo, tendo sempre em consideração a relação entre a habitação e a saúde”

A China, como por exemplo, contribuiu muito com antigo conhecimento do *Feng Shui*, hoje completamente difundido e muito utilizado por arquitetos e decorados de interiores. A Índia, por sua vez, possui uma ciência chamada *Vaastu Shastra*, que trabalha exatamente com o equilíbrio dos espaços. No Egito Antigo tanto os sacerdotes como os arquitetos atuavam como médicos, evidenciando mais uma vez a aproximação dos espaços com a qualidade de vida. E nas Américas, os

índicos com seus Pajés ou Xamãs responsabilizavam-se pela escolha dos melhores lugares para a habitação como também da saúde física ou mental da sua tribo. Cada um com sua cultura, porém todos respeitando e reverenciando a natureza e as suas casas.

A casa, a habitação seja ela qual for ou onde for é de total importância na vida e saúde de seu morador. Mesmo sendo um conhecimento milenar, hoje percebemos que há a falta da construção desses valores na sociedade e, portanto, a preocupação de que pelo menos a nossa própria casa tenha um significado, uma representação positiva na nossa vida. Isso não implica dizer que teremos de dar nomes às partes da casa, ou ainda identificá-las de maneira similar ao nosso corpo. Basta apenas que a cuidemos, que a respeitemos e que a transformemos em um lugar seguro e de paz.

Salientamos, portanto, que em muitos lugares do planeta o homem reconhece o espaço construído como seu ambiente, ou seja, que percebe a sua própria casa dando significados a ela, relacionando sentimentos, saúde e equilíbrio de vida a partir de suas moradas. Nesse sentido, pretende-se averiguar como no município de Rio Grande, em áreas urbanas, rurais e praianas, o homem descreve a sua casa, a partir de aspectos físicos e subjetivos. No entanto, para que possamos começar a traçar o “fio da meada” da pesquisa, é preciso que saibamos o perfil dos moradores entrevistados e passar a conhecer suas residências.

3.6 A CASA DOS MORADORES ENTREVISTADOS

Tendo a princípio esta noção de como algumas tribos consideram as suas casas e ainda de como a Geobiologia, aqui mesmo no Brasil, visualiza esta questão, partimos para investigação qualitativa de como alguns moradores da cidade de Rio Grande percebem suas residências. Ao todo, foram seis casas escolhidas no município de Rio Grande, de forma aleatória, apenas seguindo o critério de localidade, entre cidade e praia. As casas nesta pesquisa serão chamadas de Casa da Dona Carmem, Casa da Marta, Casa da Edméia, Casa da Dona Nicole, Casa do Rogério e Casa do Seu Antônio.

Dona Carmen é uma senhora de setenta e dois anos, elegante, vaidosa e muito delicada. Sempre maquiada, com brincos e bem vestida. Preocupada em

ajudar-me com os aspectos da pesquisa e manter as coisas tudo em ordem. Uma senhora extremamente comunicativa, do tipo de pessoa que de uma carona no elevador, fica quase horas conversando. Marta é uma mulher de 44, muito bonita, simpática e calma, na verdade, até um pouco tímida, mas ao mesmo tempo, entregue, ou seja, falou sobre sua intimidade e as repercussões do final do casamento nela e na casa como se eu fosse uma amiga, apesar de termos dito apenas dois contatos. Edméia também é uma jovem mulher, 41 anos, morena e esbelta. Mostra no seu jeito uma determinação, ou seja, logo a olhando vemos uma mulher forte e que busca mudanças, sempre, aliás, mudanças de casa.

Dona Nicole é uma senhora de 83 anos, muito alegre, de beleza europeia, pela clara, loira e olhos azuis, diretamente vinda de Paris. Carinhosa, afetuosa e muita ativa. Cheia de histórias de vida, objetos, livros, fotos, alguém cheio de emoção. Cantarola canções francesas, movimenta os braços como se estivesse dançando e faz com que o visitante se sinta em uma festa, porém uma festa calma, acolhedora e feliz. Rogério é um jovem homem de 41 anos, possui um jeito acolhedor e tranquilo. Aprecia tomar chimarrão, café (visto que tem vários tipos de cafeteiras) e preparar pães, geleias, coisas apetitosas. É um homem que trabalha em casa, seu negócio funciona ali, e talvez por isso a casa para ele tenha tanto significado. Seu Antônio, portanto, é um senhor de 62 anos. De vestimentas simples, sorriso fácil, muito atencioso e com muita vontade em participar da pesquisa, aparentemente um homem realizado, feliz pela casa que tem e pela família que construiu. Um senhor organizado, disciplinado e dedicado às plantas e hortas dentro da sua morada, como também na rua, e por isso e muito mais, cheio de orgulho por tudo que conquistou.

A partir da coleta de dados feita com cada morador, através de um questionário (ver anexo 1), foi feito um perfil destes nas suas características mais informativas como a idade, a escolaridade, entre outros dados. Para melhor visualização, segue abaixo uma tabela com as casas entrevistadas e os dados dos seus moradores.

TABELA 1- Informativo das características do morador.

Morador	Sexo	Idade	Bairro	Escolaridade	Profissão	Estado Civil	Tipo de residência
Casa da Dona Carmem	Feminino	72 anos	centro	superior	Professora aposentada da Furg.	casada	Apartamento
Casa da Marta	Feminino	44	cassino	superior	Funcionária pública	separando	Sobrado
Casa da Edméia	Feminino	41	Vila Santinha	superior	Funcionária pública	casada	Casa
Casa da Dona Nicole	Feminino	83	Bolaxa	ensino fundamental	Massagista e professora de francês	viúva	Casa
Casa do Rogério	Masculino	41	Bolaxa	superior	Administrador	casado	Casa
Casa do Seu Antônio	Masculino	62	Cidade Nova	superior incompleto	Policial Militar da Reserva	casado	Sobrado

Fonte: pesquisa da autora (2012).

Como podemos verificar na tabela acima, a maioria dos entrevistados é do sexo feminino, tendo apenas dois moradores do sexo masculino. Pode-se notar, portanto, que os homens, quando se referem ao tema da pesquisa, possuem uma contribuição menos ativa. Talvez seja por resquícios históricos, na qual a mulher era a responsável por todos os detalhes do cuidado de uma casa, ou seja, é visível que as mulheres ainda encabeçam os assuntos referentes ao lar. Todavia, no caso do Seu Antônio, segundo o próprio, a pesquisa foi respondida entre ele e esposa. Esta questão já passa a ser relevante, pois um dos objetivos da pesquisa é despertar no morador o valor da sua residência, assim como o valor das relações pessoais. Imaginar que o entrevistado utilizou-se de em média trinta minutos junto com a esposa para pensar, sentir e falar sobre a casa é extremamente gratificante.

O estado civil dos moradores variou entre casados, viúvos e em processo de separação, este último bem especificado pela moradora Marta. As residências, de forma induzida pela pesquisadora, também foram variadas em casas, apartamentos e sobrados, assim como os lugares onde as casas se encontram: cidade (centro e

Rogério	Campo	2	1 ano	21 horas	17 a 20 horas	10 peças./ grande.	Amarelo claro. / Sim, interfere.	Mudaria para cores vivas e contrastantes
Seu Antônio	Cidade Nova	3	6 anos	15 horas	15 horas	12 peças./ grande.	Internas, brancas e externas, creme./ Sim, interfere.	Não mudaria. Questão de gosto.

Fonte: pesquisa da autora (2012).

Analisando a Tabela 2 percebemos que apenas Dona Nicole vive sozinha em sua residência. Dona Carmem vive com o esposo e não tem filhos, assim como o Rogério, porém vive com a esposa. Edméia vive com esposo e um filho, o Seu Antônio vive com esposa e a filha, enquanto que Marta vive apenas com seus dois filhos.

O tempo de vivência dos respectivos moradores em suas moradas varia de 23 anos a 7 meses e esse é um dado importante ao longo da pesquisa, especialmente na relação de pertencimento deste morador com a morada, tanto pelo costume e afeto pelo espaço específico, como também pelos adornos e objetos pessoais encontrados. Afinal, é mais comum alguém que praticamente não se muda tenha arrecadado mais objetos em relação àqueles que acabam se mudando com mais frequência, pois vão sentindo a necessidade de se desfazer de objetos a fim facilitar o processo de troca de casas. Por outro lado, isso pode vir a significar que este morador “nômade” tenha maiores dificuldades de estabelecer laços com os espaços e objetos por ele mesmo escolhido e sinta-se impulsionado sempre na busca de um espaço novo.

Sobre a média de tempo em casa dos moradores e dos respectivos cônjuges e filhos, verificamos uma relação entre 21 horas e 11 horas, exceto a Edméia, que diz passar com sua família uma média de 2 horas diárias. Acreditamos que a entrevistada não tenha contabilizado as horas de sono, o que somaria em média 10 horas diárias dentro de casa. Este também é um dado relevante para avaliação da relação do morador com sua própria casa e com os demais moradores. As horas de estadia na residência podem ser, a princípio, determinadas pelas horas obrigatórias fora de casa, devido ao trabalho e escola, por exemplo. Mas também, as mesmas horas podem ser determinadas por questões de privacidade, bem-estar, proteção e

abrigo, entre outros motivos. Ao longo da compreensão do questionário poderemos investigar melhor esta nuance.

Sobre o tamanho das residências a maioria dos sujeitos considerou suas casas médias. Dona Nicole, Rogério e Seu Antônio consideraram suas casas grandes, somando 10 e 12 peças, respectivamente. Edméia, por sua vez, considerou sua morada pequena; porém, o interessante foi que o número de peças das casas médias se equivalem ao da casa pequena. O mesmo ocorre com Dona Nicole, que com as mesmas sete peças das casas médias e pequenas, considera sua casa grande demais. Concluímos então, que os moradores levaram mais em consideração a amplitude dos espaços do que o número de ambientes para definir o tamanho de sua residência. De certa forma, verificamos aí uma visão mais inteira da casa e não repartida em cômodos. Ainda sobre a parte física da casa, foram abordadas as cores das paredes e se os moradores acreditavam na interferência destas no clima da casa, como também se haveria o desejo de mudá-las por outras cores. Este aspecto é muito interessante, pois muitos estudiosos dizem que as cores tem relações fortes com nosso comportamento e até saúde, campo de estudo da Cromoterapia.

No caso dos sujeitos da pesquisa verificamos nitidamente essa relação da cor da casa, ou da casa em si com morador, exatamente como Lee (1977) declarava ser a casa a extensão da personalidade de uma família, por exemplo. Todos os moradores, de forma unânime, disseram acreditar na influência das cores no clima da residência. Dona Carmem, a qual vive há 23 anos na mesma casa mostra que há diversas cores no ambiente, porém todas clarinhas, deixando assim, o ambiente aconchegante. Por tal razão, não mudaria a cor das paredes. Edméia, a qual tem menos tempo de moradia dos entrevistados, 7 meses, tem em sua casa uma cor neutra e não a mudaria. Dona Nicole, que vive há 11 anos na casa, gostaria de trocar as paredes de madeira cor caramelo para cores mais claras como bege. Da mesma forma Marta, que possui um tempo considerável de vivência na casa, 10 anos, diz que a cor das paredes de sua casa é verde claro, porém gostaria de modificá-la para laranja, pois deixará o clima da casa mais alegre e aconchegante.

Analisando este morador especificamente, percebemos que há uma necessidade de mudança da casa (cor, a princípio) e paralelamente em sua relação pessoal encontra-se em um momento de separação do cônjuge. Vemos que a necessidade pessoal de mudança estende-se à casa. Esta acompanha a moradora

nas suas instâncias. Além disso, o que ela pretende, provavelmente para si, é mais alegria e aconchego, algo que deve estar buscando de várias formas ou não. Mas é fato que na visão desta moradora este desejo pode ser proporcionado através da casa. Esta realidade mostra como o ambiente e o homem se comunicam, muitas vezes sem que se perceba, num nível de grande intimidade e cumplicidade.

Rogério, assim como Marta, também possui o desejo de transformação. Talvez os motivos que impulsionam sejam diferentes, mas há por parte do Rogério uma necessidade de imprimir à casa a sua personalidade. Segundo ele, a “Cor das paredes em sua maior parte é um amarelo claro. Acredito que interfira no clima da casa. Sim, gostaríamos de mudá-las, pois gostamos de cores mais vivas e contrastantes.” (Rogério, trecho do questionário, 2012)

Na sequência da coleta de dados, foi abordado sobre a parte externa da casa, como a fachada. Houve uma breve descrição das fachadas e qual o sentimento que tinham ao olhar para ela. De forma quase unânime, curiosamente, os moradores disseram não gostar ou não estar de acordo com o que desejavam das fachadas de suas residências. Dona Carmem afirmou ser as cores da fachada do seu prédio o que não a agradavam, preferindo como era antigamente. Edméia, fala da cor e afirma ser ruim.

Dona Nicole, fala da cor clara e diz ser rústica, tipo de Marinha, e bem preservada, bonita. Este morador em especial mostrou os detalhes da fachada da casa. Toda enfeitada com objetos de ferro, da Marinha. Há hélices, âncoras e até janela de navio, aquelas redondinhas. E ainda, mostrou o dizer *Recanto do São Bento* numa placa de madeira presa à parede. Esta placa era do seu esposo, um dos primeiros fisioterapeutas do país, e também dos monges do Mosteiro São Bento, no Rio de Janeiro. Ainda sobre a fachada casa, o morador diz “Felicidade, pois é bonito, um ambiente de paz. Tem um banco onde eu rezo, olho as plantas, ouço música, onde tenho boa reflexão, onde sonho.” (Dona Nicole, trecho do questionário, 2012). Chama-nos atenção tantos detalhes que a moradora apresenta tratando-se ainda da fachada da casa. Sua percepção da morada é bem desenvolvida, mostrando-nos sempre um encantamento e pertencimento ao local.

Rogério, afirma que sua residência, ao menos a fachada, possui 27 anos, sendo assim, precisa de certos reparos, mas que estes estão sendo providenciados. Marta, por sua vez, diz que a casa, de tijolos a vista, está inacabada, com tijolos descascando e janelas por pintar; no entanto, salienta que consegue visualizar a

residência com pintura nova e afirma que seria muito bonita. Por outro lado, Seu Antônio gosta da fachada de sua morada, pois possui uma frente vistosa. Além disso, fala de sentimentos ao referir-se a ela, afirmando sentir-se realizado, pois “é o fruto de vários croquis realizados” em companhia da esposa, resultando no projeto definitivo.

Percebemos então, até este momento da compreensão das primeiras questões do questionário, o quanto uma casa pode significar na vida de um indivíduo. Ela pode marcar e representar toda uma trajetória de vida e até mesmo a ausência de um caminho, de um porto seguro. Pode ser, indiscutivelmente, a representação sólida e concreta das conquistas e derrotas do morador. Como salienta Seu Antônio na fala abaixo:

A fachada da minha casa compreendem 2 pisos (sobrado) e a cor é (bege) creme e preservação é boa. Sinto-me realizado. Porque é fruto de vários croquis realizados em conjunto com minha esposa. Acabando em projeto definitivo. Bonita. Vistosa. (SEU ANTÔNIO, em trecho do questionário, 2012)

Vemos que casa é um símbolo de realização do homem e da família. Sendo assim, aprofundaremos mais tais questões no capítulo a seguir, buscando saber se há relação entre a qualidade de vida com a maneira como nos relacionamos com as pessoas e os espaços dentro de casa.

Classificado poético

*Vende-se uma casa encantada
no topo da mais alta montanha
Tem dois amplos salões
onde você poderá oferecer banquetes
para duendes e anões
que moram na floresta ao lado.
Tem jardineiras nas janelas
onde convêm plantar margaridas.
Tem quartos de todas as cores
que aumentam ou diminuem
de acordo com seu tamanho
e na garagem há vagas
para todos os seus sonhos felizes.*

*MURRAY. Roseana. Classificados poéticos. Belo Horizonte:
Miguilim, 1984.*

4. CAPÍTULO III – O HOMEM E O SEU AMBIENTE: A QUALIDADE DE VIDA A PARTIR DA CASA

Como pudemos ver no capítulo anterior, ainda que brevemente, o homem e a sua casa possuem uma estreita relação. Uma anda de acordo com a outra em busca de uma harmonia que possa trazer sensações de acolhimento, privacidade, bem-estar e especialmente qualidade de vida. Desta forma, o presente capítulo aprofundará o capítulo anterior mostrando nitidamente como os sujeitos, atores da pesquisa, percebem suas moradas e como as usufruem, a fim de reconhecer nelas um instrumento importante para a qualidade de vida.

Todavia, para que possamos fazer maiores reflexões acreditamos ser relevante discorrer sobre a Psicologia Ambiental e sua intervenção, para que fiquem mais evidentes as relações entre os homens e os espaços. A partir deste esclarecimento, ficará mais claro entendimento da importância da morada na vida do morador, além das respostas humanas a este espaço. Tais fundamentos atuarão como coadjuvante no segundo momento da percepção dos questionários da pesquisa.

4.1 A PSICOLOGIA AMBIENTAL

A importância de uma residência na vida de um indivíduo ou de um grupo deles é mais do que apenas o abrigo físico das paredes e dos telhados que a compõem. Sua importância vai além do que a maioria das pessoas suspeita. Cada espaço dentro da residência possui um significado naquele contexto e emite emoções e sensações que contribuem na formação da essência dos seus moradores. Seus objetos, adornos, mobílias e, mesmo as cores, também atuam da mesma forma. A maneira como construímos a nossa morada, como dispomos nossos móveis e a decoramos interfere no nosso modo de ser e na forma como interagimos com as pessoas e o meio.

Para aprimorar esta abordagem faz-se necessário o entendimento da Psicologia Ambiental, considerada uma nova subárea da Psicologia, mas que vem

se desenvolvendo a fim de possibilitar melhores esclarecimentos sobre nossas relações com o meio. O seu objeto de estudo, portanto, é exatamente a inter-relação do homem e suas ações em relação ao ambiente.

Existem algumas diferentes origens para este termo, mas inicialmente ele foi utilizado pela primeira vez em 1943 por Brunswik que dizia que os psicólogos deveriam se dedicar mais sobre design e representatividade afirmando que os estímulos ambientais oriundos destes eram muito mais profundos e complexos do que se imaginava na época. Este novo estudo, na Europa, passou a ocorrer associado às questões arquiteturais e de planejamento urbano devido à fase de reconstrução das cidades e reorganização social que se seguiu à II Guerra Mundial, por exemplo.

Um importante nome da Psicologia Ambiental foi Kurt Lewin e suas maiores influências foram a teoria de campo e a pesquisa ação. No entanto, a primeira apontou para uma consideração mais cautelosa do ambiente físico nas pesquisas; enquanto que a segunda, apontou para a relevância da pesquisa científica estar associada às mudanças sociais concretas. Assim como a Educação Ambiental, e, diferentemente da maioria das outras áreas da Psicologia, a Psicologia Ambiental tem uma ligação com as questões sociais.

De qualquer maneira, apenas em meados dos anos 70 a Psicologia Ambiental se firma no meio científico a fim de realizar investigações sobre as relações entre os seres humanos, os ambientes físicos e os problemas ambientais, implicando em novas formas de atuação e produção do conhecimento, segundo Bassani (2004).

Sabe-se que, tanto as pessoas podem modificar os ambientes, assim como os ambientes interferem, direta ou indiretamente, no comportamento das pessoas, de acordo com a percepção de cada um. Segundo Moser (2001) existe níveis em que podemos situar as trocas interpessoais e ambientais de acordo com o espaço, as percepções, as atitudes, enfim, comportamentos coletivos e individuais. São eles:

- a) Nível I ou nível individual: microambiente, espaço privado. Exemplos: residência, local de trabalho;
- b) Nível II ou nível da vizinhança-comunidade: ambientes compartilhados, espaços semi públicos. Exemplos: blocos de apartamentos e parques;
- c) Nível III ou nível indivíduo-comunidade: ambientes públicos, paisagem, espaços intermediários. Exemplos: hospital, cidades, campo, aldeias;

d) Nível IV ou nível social: ambiente global, em sua totalidade, abrangendo tanto o ambiente construído como o natural. Exemplo: recursos naturais. (MOSER apud BASSANI e LIMA ALVEZ, 2009, p. 2).

Segundo Moser (2001), existe ainda quatro dimensões das relações entre pessoa-ambiente, que são: a temporal, a social, cultural e a física. Bassani (2004) diz que todos os estudos da Psicologia Ambiental não são do “ambiente físico em si, mas de suas características relações que venham a facilitar ou dificultar as interações sociais e as necessidades humanas” (BASSANI,2004,p.153).

É importante salientar que tal estudo não pode ser isolado, ou seja, o foco da investigação deve estar sobre os usuários de um espaço e suas relações com o ambiente, a partir de suas características particulares. Percebe-se ao longo da pesquisa que todo o estudo voltado para o ambiente é muito complexo, pois para ser realmente concreto engloba várias áreas de estudo, porém tal complexidade é o que dá a delicadeza e o encanto do tema abordado.

Segundo Günther (2005) e Moser (2005), quando estudamos os ambientes naturais acabamos percebendo a necessidade de conhecer um pouco sobre, por exemplo, biologia, geografia, zoologia como ainda estudos florestais; e quando estudamos ambientes construídos por sua vez, tornam-se necessárias noções de arquitetura, urbanismo, ergonomia e planejamento de paisagem.

Fazendo um histórico da Psicologia Ambiental, de acordo com Gifford (2002) percebemos que esta, especialmente nos anos 70, apresentou pesquisas e literaturas que focavam mais na influência direta dos ambientes ou de certas características ambientais nos indivíduos e não estudavam sobre as inter-relações das pessoas com o ambiente.

Segundo Ferreira (1997), nas décadas de 70 e 80 a Psicologia Ambiental foi institucionalizada, além de passar a existir associações, sociedades, grupos, periódicos e congressos dedicados a esta área, e assim, a construção de departamentos de pesquisa e ensino sobre o tema.

Nos anos 90, de acordo com Bonfim (2003) há uma reestruturação desta área do conhecimento passando a abordar a interação das pessoas com o ambiente sociofísico, além da cognição ambiental e a afetividade em relação aos espaços, abandonando a exclusividade das delimitações espaciais.

A questão é que todos os aspectos comportamentais, coletivos ou não, correlacionados com as questões ambientais são fundamentais para a educação, para a preservação e a consciência humana. Afinal é esse o foco principal para que as melhorias possam acontecer de fato. A consciência, verdadeira, ou seja, a ideia e logo a ação de acordo com a ideia, é o que faz um indivíduo agir de determinada forma por um longo período de tempo, senão a vida inteira.

Podemos exemplificar o caso de um fumante que sabe que o cigarro pode matar, mas mesmo assim, continua fumando; o fato do menino que suja a escola sabendo que isso não é legal, mas continua fazendo; o fato de um pai saber que não parar em casa para aproveitar a família não é saudável, mas mesmo assim continua fazendo. Estes são exemplos de consciência parcial, pois todos sabem o que é o certo a fazer, querem fazer, porém suas atitudes não estão de acordo com seus pensamentos. A Educação Ambiental propõe esta tomada de consciência íntegra e a Psicologia Ambiental apresenta-se como um instrumento contribuinte para o entendimento dessas relações, conscientes ou não, do homem com o seu meio físico.

4.2 INTERVENÇÃO DA PSICOLOGIA AMBIENTAL NOS ESPAÇOS CONSTRUÍDOS

A princípio, a Psicologia Ambiental examinava especialmente a influência do ambiente sobre a percepção e o comportamento dos indivíduos, um exemplo disto foi o caso da psicologia arquitetural no Reino Unido. Os profissionais da área examinavam a relação entre o indivíduo e o ambiente predominantemente nos termos da lógica "estímulo-resposta". Os psicólogos ambientais consideram que os indivíduos têm determinadas reações em certos ambientes de acordo com a maneira pela qual eles individualmente os percebem. Aquilo que o indivíduo percebe, valoriza, expressa incômodo ou não, e todos os comportamentos associados, implica levar em consideração as várias combinações que, não necessariamente, correspondem a uma efetiva exposição a uma estimulação perigosa. Tais combinações são relacionadas à expressão de bem-estar ou da falta dele ou de qualidade de vida, por exemplo.

Sendo assim, a intervenção da Psicologia Ambiental a partir dos profissionais da área é; não especificamente buscar uma medida padronizada de qualidade de

vida, pois eles têm de examinar as necessidades de cada um em assuntos ambientais, ou seja, promover às pessoas o que elas entendem por "bem-estar". Analisar as necessidades individuais dos sujeitos para identificar condições de bem-estar e também qualidade de vida, permitir a integração das diferenças culturais em um quadro de referência teórica geral para a disciplina, afinal ela tem a responsabilidade de dar conta do contexto com o qual o indivíduo está em constante contato. As teorias sobre as relações entre pessoa-ambiente mundialmente conhecidas só poderão existir mediante a integração de necessidades particulares de pessoas e de populações específicas através da referência às dimensões culturais.

A cultura tem um papel fundamental na prática da Psicologia Ambiental, portanto não podemos considerá-la como uma ciência neutra, pois o espaço é também determinado por ela. O espaço transmite, a todo o momento, mensagens e significados e é uma parte essencial do funcionamento humano e parte integral da ação humana, segundo Moser (2002). Em outras palavras, podemos afirmar que ambiente incorpora os valores sociais e culturais daqueles que a ele pertence.

O ambiente é uma criação imaginária e, portanto real. É necessário então, que tenhamos uma atitude mais determinística ou interacionista para com ele e, assim, veremos que o ambiente possui a capacidade de exercer um efeito direto sobre as ações humanas. O transacionalismo mostra que o ambiente tem uma manifestação física e que pode proporcionar diversos significados. O ambiente materializa as subjetividades, os sentimentos, os sonhos felizes daqueles que vivem nele, sendo assim, atribui significado, promove identidade podendo ainda situar o indivíduo de forma social, cultural e econômica.

Pesquisas sobre representações sociais são de suma importância para a Educação Ambiental como para a Psicologia Ambiental, pois as formas das relações pessoa-ambiente só podem ser compreendidas a partir de estudos sistemáticos de representação social. Por meio do conhecimento destas representações sociais de felicidade, bem-estar e qualidade de vida, de pessoas e populações específicas associadas a contextos ambientais particulares, pode-se ter acesso aos valores das pessoas, suas cognições, percepções. Junto a isso, o posicionamento do sujeito diante da vida, auxilia-nos a compreender e explicar o impacto de todas as questões citadas, sobre a relação pessoas com seu ambiente, especialmente, com a sua própria casa.

4.3 A RELAÇÃO HOMEM E O ESPAÇO FÍSICO

A todo o momento estamos discutindo uma das inúmeras faces da Educação Ambiental, face esta considerada como uma microesfera, por se tratar da relação do homem com o ambiente privado, a casa. Percebemos que a Psicologia Ambiental traz todo um suporte teórico que contribui de fato para um entendimento, breve que seja, de como ela atua e como possui fortes e positivas relações com a Educação Ambiental. Neste momento, torna-se oportuno abordarmos de forma mais objetiva as relações do homem com seu meio, fazendo as analogias necessárias das relações dos sujeitos com suas casas. Tais relações podem variar de acordo com o espaço específico em que estamos, juntamente com nossas percepções, cognições, e ainda com nossas experiências passadas, assim como, com nossos planos futuros.

Para Moser (2002), os modos com que as pessoas se relacionam com o ambiente contribuem para o seu bem-estar. Para este autor, o bem-estar depende de uma ancoragem territorial e dos processos de identidade. Certamente este tipo de situação marca em muito a relação do homem consigo mesmo, com as outras pessoas, com a natureza e, conseqüentemente, marca a sua relação com o espaço físico. Analisando melhor, percebemos que uma pessoa nascida em um ambiente rural possui uma relação muito mais íntima com o meio natural e, desta forma, constrói valores bem diferentes de uma pessoa nascida em um centro urbano.

Muitas vezes vemos situações como maus tratos em animais nas cidades não ocorridos no campo, pois o valor que o homem rural dá a um animal é imenso, pois ele é sua fonte de renda, protege seu rebanho e propriedade, entre outros fins. Enquanto isso, o homem da cidade valoriza outros objetos fundamentais para ele e sem relevância alguma para um homem do campo, como um computador e o pen drive, por exemplo.

O meio em que nascemos influencia, seja direta ou indiretamente, a nossa relação com os seres e com os espaços físicos, pois define valores e, assim, constrói nossa personalidade. O homem rural, por exemplo, por ter um trabalho mais braçal, por passar mais tempo em um espaço natural e lidar mais com a natureza e animais, costuma ter sua residência de maneira mais simples e rústica possível. Geralmente são casas sem muito conforto, apesar de aconchegantes. Mas o foco

não está no ambiente construído; e sim, no natural. Por isso, possui uma encantadora área em torno da residência, com lindos jardins, hortas, pomares, enfim recantos naturais bem desenvolvidos para dar prazer e sustento.

Dentro da casa desde indivíduo do campo, se prioriza um bom fogão a lenha para o preparo de alimentos reforçados e saborosos, que manterão a força e a energia dos moradores. Além disso, esse mesmo fogão servirá também como um aquecedor natural em momentos de baixa temperatura. Quase nenhum eletroeletrônico é encontrado, pois não tem utilidade, visto que a maior parte do dia é vivido fora da residência e em muitos momentos de roda de conversa trocando experiências.

O homem urbano é completamente diferente do rural, devido à vida acelerada e conturbada que tem, apresenta valores diferentes e, assim, residências distintas do homem rural. Geralmente, o indivíduo urbano apresenta uma casa confortável e prática ao extremo, com todos os eletroeletrônicos imagináveis, móveis mais sofisticados, muitos objetos, enfeites, livros, enfim, espaços cheios de informação, onde de preferência você não precise sair de casa para conseguir o que quer. O homem urbano tem a sua academia dentro de casa, seu escritório, seu cinema, seu restaurante, entre outros.

A residência, digamos, é quase perfeita, mas na sua maioria não possui espaços naturais, ou seja, um bom jardim, horta ou pomar, mesmo que estas iniciativas estejam em pleno desenvolvimento devido à preservação da natureza e a busca de uma vida mais saudável. Ainda são poucas as pessoas que os possuem dentro de seus lares.

Esta questão afeta, o que já foi levantado anteriormente, as questões estéticas sensíveis do homem que certamente ficam prejudicadas e, juntamente com uma rotina estressada, falta tempo para o contato com o meio e os outros, como as conversas em rodas, as visitas aos vizinhos, as refeições junto à família, atividades comuns na vida rural. Desta forma, acabamos dando mais valor às conquistas materiais às conquistas emocionais, pois o homem urbano, de forma geral, é mais capitalista que o homem rural e, portanto suas relações, especificamente, com o ambiente são distintas.

Segundo Lee (1977) todas as nossas respostas em relação ao ambiente são sequencias e interdependentes, pois o nosso comportamento não ocorre sem alguma percepção sequer de uma situação.

As emissões de energia provenientes do ambiente são processadas no sistema nervoso central pelo resíduo pelo resíduo estruturado de experiências passadas, pelos atuais estados de ânimo e pelas predisposições geneticamente determinadas. A percepção que resulta é única. É acompanhada de sentimentos ou emoções que por ela são parcialmente determinadas (LEE, 1977, p. 56)

Sendo assim, isso pode ser demonstrado no nosso comportamento, pois tanto nossas percepções como nosso comportamento deixam alguns traços novos no chamado por Lee (1977) “armazém de experiência organizada” e, desta forma, influencia nas nossas percepções, sentimentos e condutas. Além disso, nosso comportamento pode ser influenciado por percepções acontecidas há muitos anos atrás.

Temos então níveis de respostas humanas em relação ao ambiente em que estamos inseridos, que será de certa forma determinada pelo o que se deseja explorar, por exemplo, uma galeria de arte ou uma igreja são estrategicamente projetadas para despertar emoção no visitante, já um centro comercial exigirá que o projetista use ideias para estimular o real comportamento de um comprador, pois este é o foco do estabelecimento.

Ao falarmos sobre uma casa ou lar, parece-nos não haver extraordinários comentários, pois a casa é a mais simples das edificações e a mais privada e, portanto, parece não despertar demais interesse nos outros. Na verdade, uma casa nada mais é do que um espaço físico determinado para abrigar, na sua maioria, membros de uma mesma família e proporcionar um espaço para que os indivíduos se alimentem, tomem banho e tenham outras atividades básicas.

Obviamente ela também proporciona um ambiente para que as pessoas se relacionem, construindo suas relações sociais. Segundo Lee (1977) apesar de ser um prédio simples, deve ser o mais flexível que qualquer outro, pois ali moram diferentes pessoas com diferentes cognições e personalidades. Por tal motivo o autor afirma que por tão complexa, as imperfeições na sua edificação podem acarretar em sérias consequências.

O desenvolvimento das camadas interiores da personalidade tem por berço a casa; as estruturas sociais do casamento e do parentesco aí são alimentadas. À semelhança de nossas roupas, a casa torna-se uma extensão do ser e da personalidade da família (LEE, 1977, p. 74).

O lado positivo deste espaço é que temos autonomia para modelá-lo e fazê-lo de acordo com nosso gosto ou necessidade. A casa sem dúvidas é uma continuação do morador ou moradores e, por tal motivo, deve ter extrema importância, especialmente por aquelas pessoas que passam o dia nela, como por exemplo, os donos e donas de casa.

Essa importância dada à residência tem a ver com o tamanho da peça, a forma, o estilo e a figuração da mesma, ou seja, como a sua estrutura arquitetônica e distribuição de móveis. Toda a estruturação da casa interfere na distribuição do mobiliário, que ao mesmo tempo interferirá na circulação dos moradores e em outras questões comportamentais dos ocupantes. Por isso, a altura e largura das portas, se são de dobradiças ou correr, assim como as características das janelas limitam a flexibilidade da distribuição dos móveis como também, em muitas vezes, o gosto e o conforto do morador.

Além das questões do mobiliário que ainda discutiremos, o fator arquitetônico contribui muito para o bem-estar e saúde dos ocupantes. Algumas pesquisas foram elaboradas exatamente para precisar o nível de bem-estar, especificamente das donas de casas, pois estas são as que passam maior parte tempo do seu dia na própria residência.

Segundo Lee (1977) o estudo de Saville (1970) mostrou que em média uma dona de casa passava quatro horas dentro da cozinha e, a partir disto, colocaram presos às partes corporais mais utilizadas durante as atividades domésticas deste recinto eletrodos para medir deslocamentos e verificar posturas destas mulheres. Desta forma, fixaram tais eletrodos nos grupos musculares de pernas e costas como também em regiões ósseas como cotovelo, anca, pulso e tornozelo e fotografaram os indivíduos durante os movimentos.

Foi apurado então que as bancadas de pia e áreas destinadas ao preparo dos alimentos, nas normas britânicas, eram adequadas apenas às pessoas de baixa estatura, ou seja, sendo desconfortável e incômodo, além de trazer malefícios para a saúde das pessoas mais altas. Outro estudo realizado sobre as cozinhas, pelo Building Research Establishment, foi analisar as diferentes atividades que neste espaço pode ocorrer. Segundo a pesquisa, as atividades incluem terapia de grupo, reuniões familiares, oficina de conserto de objetos entre outros.

O que aqui queremos analisar e despertar é que qualquer peça de nossa residência possui características que vão além das básicas habituais e, por esta

razão, merecem uma atenção especial, afinal elas mexem com as nossas sensações, emoções, humor e conseqüentemente, interferem no nosso comportamento e nas nossas relações interpessoais e com o próprio ambiente.

O banheiro, por exemplo, além de ter sua função básica, para muitos é considerado um santuário, onde ficamos em total privacidade. Sabemos que, além disto, o banheiro tem outras fundamentais funções. Um estudo de Kira (1957), também segundo Lee (1977), focado neste espaço com uma pesquisa de campo e uma investigação laboratorial, mostrou que já era necessário algum tipo de recanto ou nichos para que se tivesse no banheiro momentos de leitura. Hoje, com a evolução tecnológica e a busca pelo conforto, temos banheiros equipados com sons, telefones e até televisões.

Ainda nos banheiros, se faz necessário um espaço para que possamos guardar medicamentos, estruturas para que estes fiquem fora do alcance das crianças como também um belo espaço para a disponibilização dos cosméticos, além de outros objetos domésticos. Nossa casa deve ser tão planejada, pois quando falamos em banheiros, queremos um lugar para trabalhar nossa vaidade, um lugar até de reflexão e fuga, como também privacidade, aquela na qual não queremos ser percebidos pelos os outros.

Todo o projeto feito por um arquiteto, engenheiro ou decorador deve ter um cuidado especial para a sua localização. Por exemplo, não devemos o colocar na entrada da casa ou antes da sala de estar, pois todos que ali estarão saberão do seu paradeiro. Ainda, se deve ter cuidado com relação à iluminação, janelas, acústica e ventilação, pois esses são essenciais para a discricção deste ambiente.

Outra pesquisa foi realizada sobre dormitórios e o comportamento dos sujeitos na hora de dormir, levando a suposição, a partir de registros fotográficos de intervalos de tempo e estudos antropométricos, que as posturas e os movimentos feitos pelos sujeitos analisados exigiam camas maiores daquelas fabricadas.

Tais questões levantadas sugerem uma análise da residência para percebermos a compatibilidade das peças de nossas casas com nossas necessidades e, assim, com a relação que mantemos com a casa. Não descartando em momento algum a relevância do mobiliário para tais aspectos.

Dentro de uma residência podemos avaliar variados aspectos em relação ao homem e ao espaço. Vimos que o projeto arquitetônico é importantíssimo quanto ao bem-estar e privacidade dos ocupantes, e isto demonstra o quão necessário se faz a

um bom levantamento das necessidades e percepções dos moradores na construção inicial do projeto.

Mas assim como a parte arquitetônica da casa influencia o comportamento dos ocupantes, o mobiliário possui igual efeito.

Não há dúvidas de que o modo como o mobiliário é disposto numa peça ou numa casa comporta um “significado” ou implicações para o modo como alguém que entra terá de se comportar. Estas podem ser mediadas através de sentimentos ou estados de ânimos que os estímulos provocam, ou dos “planos de conduta” que são sugeridos pelos os objetos físicos e seus arranjos. Com frequência, esses efeitos operam abaixo do limiar da consciência e, com efeito, o “apresentador” deve, em algumas situações, abster-se de exibir tais indutores ambientais ostensivamente demais, para não ser suspeito de tentar manipular o comportamento (LEE, 1977, p. 80).

Vemos então que todo o comportamento ocorre a partir de um estímulo ou até mesmo da falta dele, sendo assim, os móveis e adornos de uma casa podem ser percebidos como tal e remeter ao sujeito sensações já experimentadas, até mesmo num passado muito distante. De tal modo que, tudo que compõe um espaço, dotado de afetividade, rejeição, empatia, por exemplo, pode sugerir um ambiente hostil ou acolhedor de acordo com as percepções de cada um e de acordo com a forma de distribuição dos móveis e respectivos arranjos.

Cabe-nos aqui salientarmos a função do decorador que deve ter todo o cuidado na escolha de cores, texturas e especialmente na flexibilidade dos móveis, a fim de proporcionar aos moradores aquilo que eles necessitam. Lembrando que tais necessidades são associadas às questões culturais, cognitivas, perceptivas e até mesmo com as vivências já experimentadas.

Um exemplo disto foi uma pesquisa feita em um hospital, na qual o prédio em questão passou por uma reconstrução, e a partir disto, acreditou-se em uma melhora notável dos pacientes. A surpresa veio logo a seguir, pois mesmo com toda a repaginação do espaço físico não houve melhora dos enfermos e, portanto, uma percepção mais cuidadosa foi feita.

A partir da avaliação do espaço físico verificou-se que a disposição das cadeiras estava feita como se fosse um círculo, mas com os assentos voltados para fora, não permitindo um maior aconchego e aproximação dos pacientes para que estes se comunicassem. Sendo assim, percebendo que o mobiliário estava afetando o comportamento social, foram então colocadas as cadeiras em círculo, mas desta vez com os assentos voltados para dentro, facilitando a interação dos ocupantes.

Esse tipo de distribuição é sempre ideal para quando queremos agregar pessoas para uma interação, por isso, as mesas de jantar, de reuniões, de grupos de estudos e até mesmo entre os sofás e poltronas em uma sala, devem sugerir um círculo. Um decorador ou arquiteto precisa atentar para evitar criar ambientes rígidos, e sim flexíveis, baseando-se em conceitos relativos ao comportamento espacial humano.

Se analisarmos uma biblioteca, por exemplo, veremos que este ambiente necessita de espaços isolados nos quais o usuário sinta-se a vontade e sozinho para concentrar-se e ter um bom momento de leitura, sem que ninguém o perturbe; por outro lado, espaços comuns para aqueles que se sentem motivados a ler quando veem outras pessoas lendo a sua volta, ou ainda em ambientes ao ar livre.

Uma galeria de arte tem funções mais específicas, assim como uma loja, um hospital, uma biblioteca e uma casa. Negar isso é negar a possibilidade de bem viver, de bem se relacionar consigo, com os outros e com a própria morada.

4.3 AS RESPOSTAS HUMANAS À CASA

Seja a casa ou até mesmo outro espaço como o trabalho, a escola ou um bar para um momento de descontração nos remetem a uma reação, pois o ambiente atua como uma ação para o nosso psicológico. Sendo assim temos variados tipos de reação de acordo com os variados lugares por onde andarmos.

De qualquer forma, sabemos que cada ser humano é distinto do outro e por tal razão, teremos diferentes reações para os mesmos espaços, como também para espaços diferentes. Isso ocorre porque cada um de nós possui uma bagagem de vida única, com criação, interpretações, percepções, vivências, valores, educação estritamente nossos, construídos e consolidados ao longo de nossa vida, ou seja, temos nossa própria personalidade e notamos aquilo que nos agrada ou não, nem que seja em nível inconsciente.

Algumas pesquisas nesse sentido foram realizadas, como a comparação de efeitos de um ambiente bonito e feio. A primeira peça era um gabinete bem confortável e bonito, decorado com elegantes móveis; enquanto que a segunda peça era um quarto de limpeza contento todo o material respectivo para a mesma, como baldes, vassouras e lata de lixo.

O estudo propunha que indivíduos fizessem uma tarefa de julgamento naquelas peças na qual eles avaliariam fotografias de rostos, de *energético* a *fatigado* e de *bem-estar* a *desconforto*. Segundo Lee (1977) este foi um dos primeiros experimentos controlados da Psicologia Ambiental.

Usaram a suposição que o julgamento das fotografias teria a influência do estado de espírito dos avaliadores e que estes seriam diferentes de acordo com o ambiente, e todas estas questões foram confirmadas. Foi feita então uma nova versão do teste e verificou-se que espaços mais cuidados e bonitos, tornam-se mais receptivos, na qual as pessoas preferem estar.

(...) uma nova e sagaz modificação no plano foi usar estudantes do último ano para administrar os testes e revezá-los através de várias condições nos louváveis interesses do “contrabalanço”, pedindo-se-lhes que completassem a escalas de classificação para se familiarizarem com o procedimento e, no fim das sessões, “conferirem a fidedignidade”. Essa condição não-reativa produziu não só uma confirmação do principal efeito, mas também algumas novas adicionais em nível comportamental, ao evidenciar que os “experimentadores” se demoravam mais tempo fazendo os testes na peça bonita e procuravam abreviar as coisas nas peças feias (MINTZ, 1956 apud LEE, 1977, p.81).

Outra pesquisa foi feita por Woods e Canter (1970) sobre a impressão que as peças da casa causam nos sujeitos. De forma mais analítica eles avaliaram o ângulo do teto de uma sala em horizontal ou inclinado, o formato das janelas e a disposição dos assentos. Esta pesquisa tinha como variável dependente o ambiente acolhedor entre outras dimensões.

A conclusão foi que a casa com o teto inclinado é sistematicamente mais acolhedora do que a teto horizontal e conforme Lee (1977) as razões para tal podem ser bem curiosas podendo ser um resgate bucólico com as construções rurais e as festas no celeiro; em relação aos assentos, o resultado principal da pesquisa foi que a maneira como estes estavam dispostos declarava uma sala mais ou menos acolhedora e como já evidenciamos aqui, tem resultado para a interação social.

A flexibilidade que se cria dentro de um ambiente facilita o suprimento das necessidades dos moradores, isso porque vimos o quanto à disposição das peças da casa, como os móveis e adornos são estímulos para o nosso comportamento. Lee (1977) dá o exemplo das lareiras colocadas como ponto de interação social, pois, talvez, nos remeta à pré-história e está registrado em nossa memória o quanto de conforto o fogo nos traz.

Em relação a lareiras, houve um experimento a partir de fotografias de salas com e sem lareiras e televisão apresentadas a vários sujeitos. Nestas fotografias os assentos variam na sua disposição, sendo voltados todos na mesma direção ou na direção contrária à lareira e televisão. O experimento por sua vez propunha que fosse avaliado a melhor organização das salas em relação aos assentos para que se tivesse um bate papo, ou fazer uma festa, ler e ainda realizar atividades físicas. O resultado então mostrou que as atividades mais passivas como ler e conversar estavam de acordo com os assentos voltados para a lareira e não de frente uma para outra. Segundo Lee (1977), tal resultado remete-nos ao que Sommer havia antes dito sobre cadeiras frente a frente propicia a competição, enquanto que cadeiras lado a lado propiciam a cooperação.

De qualquer forma, é importante lembrar que a questão do espaço e do comportamento está diretamente relacionada. A todo o momento estamos nesta disputa de território, talvez como uma herança primata, fora de casa, mas muito mais dentro de nossa própria casa. De acordo com Lee (1977) existe uma importância social do comportamento territorial no lar, afinal a territorialidade é o que nos assegura privacidade e liberdade.

No entanto, para que isto ocorra especialmente dentro de nossa casa, é preciso planejamento, pois a casa irá refletir a organização social aos quais aquelas pessoas foram submetidas por disposição das peças para assim se acomodarem, por exemplo. Vale salientar que isto não se refere apenas à residência particular, mas a qualquer construção arquitetônica.

As pessoas desempenham papéis sociais na família, como cozinheira, jardineiro, biscateiro, contador, motorista, estudante, lavador de pratos e enfermeira. O modo como estes papéis são repartidos, o grau de especialização e sua variável importância em diferentes estágios da história da família ditam os diferentes usos atribuídos ao espaço. A disponibilidade de espaço determina o grau de sobreposição de funções e está ao alcance da maioria da experiência das pessoas observar as mesmas funções familiares básicas podem ser desempenhadas num camping de férias (...) (LEE, 1977, p. 88).

Segundo o autor, o grau de harmonia social é oriundo do espaço planejado e, indiscutivelmente, dos processos sociais. Estes processos sociais nada mais são do que as relações das pessoas dentro desses espaços, ou seja, suas regras sócio-espaciais, como também o grau de relevância dado aos espaços e as pessoas.

Para exemplificar, temos aqueles casos em que o pai de família tem um lugar cativo na sala de estar, ou seja, ele possui uma poltrona situada de maneira a observar todos os acontecimentos da sala. Ninguém pode sentar-se àquela cadeira, a menos quando o pai não está em casa. Ou então, outro caso muito comum desses processos sociais é o fato de existir uma peça na casa bem bonita e quase intocada para receber os visitantes e para que estes se impressionem, enquanto que a família sofre por falta de espaço em outros cômodos.

Percebemos, portanto, que uma casa, a partir de suas características, reflete não apenas os modos de viver dos seus moradores como também é responsável pela qualidade de vida física e emocional dos mesmos. Através da sua estrutura, organização e decoração, bem como da percepção do indivíduo, a morada é capaz de propiciar sensações positivas ou negativas, que refletirão no sentimento de bem-estar ou não dentro de casa. Sendo assim, seguiremos com a compreensão dos questionários para verificarmos se na prática dos entrevistados essa perspectiva confere.

4.4 PERCEPÇÕES DAS CASAS ENTREVISTADAS

Nesse segundo momento da compreensão dos questionários houve um enfoque mais subjetivo das questões, sendo mais diretamente relacionadas à relação morador/morada. Sendo assim, abordamos a presença de animais de estimação, de jardins ou quintais, bem como, sentimentos pela casa, preferências de cômodos, os espaços mais frequentados, presença de eletrônicos e interferência dos mesmos na relação familiar e o ritmo do(s) morador (es). Juntamente a essas questões, salientamos as refeições em família, resquícios de casas do passado, presentes na atual casa do morador, seja nos objetos, no ritmo de vida, nas relações pessoais ou em qualquer característica percebível que denuncie relação com a qualidade de vida do sujeito dentro de sua residência.

Desta forma, dentro dos moradores entrevistados, apenas Dona Carmem e Seu Antônio, não possuem animais de estimação em casa. Os motivos são relativos. Dona Carmem, apesar de gostar, não tem animais por morar em apartamento. Quando morou em casa com quintal tinha. O Seu Antônio, teve um que conviveu 18

anos com sua família, agora, não tem mais nenhum, mas percebe a interferência de um cão da rua que se divide entre sua casa e a do vizinho do lado. Ao ler o questionário, percebemos carinho do morador com o animal, que faz questão de deixar claro na entrevista que o mesmo se chama no *Piuí*. Os demais moradores têm animais de estimação e afirmam que eles interagem bastante nas relações da casa, tornando-se cães apegados às pessoas e ao espaço.

Os cães também são vistos como guardadores e protetores da residência, como afirma Marta. Dona Nicole ressalta que os animais interferem bastante no clima da casa, dando o exemplo dos seus três cachorros, que considera “chatos”, pois agitam bastante e dão trabalho. De qualquer forma, o mesmo morador adotou um cão da rua que é bem amigo e alegre a casa. Rogério, diz que “Sim, temos. Temos muita interferência e nas pessoas que nos visitam. Tornam as relações mais espontâneas e alegres. São a pitada que precisamos.” (ROGÉRIO, trecho do questionário, 2012).

As casas analisadas possuem jardins ou quintais, exceto a Casa de Dona Carmem, que é um apartamento. Segundo a moradora, sua criação foi em casas com áreas externas e quando obteve a sua própria casa também. Porém, salienta que hoje, sendo um casal apenas e levando em consideração o momento em que estão vivendo, um apartamento é o ideal. Marta, que mora na praia, também possui pátio e jardim à frente da casa, mas diz não estar conservado, ficando apenas alguns entulhos do ex-marido. Edméia possui quintal e diz ser usado para estender as roupas, guardar o carro e para o filho brincar. Dona Nicole diz que utiliza seu jardim para cuidar das flores e plantas. Seu Antônio afirma ter jardins e que estes são utilizados tanto para o plantio de flores como de hortaliças, assim como para sentar e caminhar, além de ser um espaço para o varal das roupas. Rogério, que mora no campo, relata que sua propriedade é boa parte formada de gramado onde planta árvores frutíferas e ornamentais, além disso, está construindo, ao fundo da casa, uma horta com produtos sem a adição de agrotóxicos.

Aos poucos, vamos adentrando mais a casa desses simpáticos moradores e chegando mais perto de seus sentimentos em relação as suas moradas. Deste modo, foi fundamental saber quais as sensações sentidas por eles ao entrar em casa. Todos os moradores apresentaram sensações positivas. Dona Carmem diz que as sensações são muito boas para o casal, pois acha a casa acolhedora. Edméia usa a palavra feliz, pois diz que é o local onde descansa. Dona Nicole, por

sua vez comenta, feliz e contente: “Já na rua de casa me sinto feliz, canto até uma mesma canção em francês.” (DONA NICOLE, trecho do questionário, 2012) Vemos, a partir de suas palavras, um sentimento de pertença bastante forte da moradora com o espaço que vive, pois ela já demonstra que a rua é também uma extensão da sua casa. A rua, com suas características que a remetem a sua morada, lhe trazem felicidade a ponto de inspirar o cantar de uma canção. Tais sentimentos positivos são oriundos da felicidade de estar chegando em casa.

Rogério, por sua vez, ressalva dizendo que “Me sinto aconchegado, protegido, seguro e feliz. Porque é minha casa, não de outra pessoa, possui nosso jeito, cheiro e organização, além de ser nossa e podemos torná-la melhor para nós.” (ROGÉRIO, trecho do questionário, 2012). Também podemos perceber na fala deste morador o grau de pertencimento da casa na sua visão, sente-a como dele de forma inteira e a valoriza por este aspecto. A casa demonstra ser uma representação quase que palpável dos sentidos dos moradores. O fato de utilizar-se do cheiro exemplifica isso. Uma relação até mesmo inconsciente do sentimento de pertença entre o morador e as nuances da casa.

Nesse sentido, recorremos a Bachelard (1957) quando expõe a forma com que os passarinhos constroem sua morada, a partir de Michelet, um filósofo e historiador francês, que sugere a morada construída pelo corpo do morador e para seu próprio corpo, como podemos ver:

O pássaro, diz Michelet, é um operário desprovido de qualquer ferramenta. Não tem “a mão do esquilo, nem o dente do castor”. A ferramenta, na verdade, é o próprio corpo do pássaro, é seu peito com o qual ele aperta e comprime os materiais até torná-los absolutamente dóceis, até misturá-los, sujeitá-los a obra geral. (BACHELARD, 1957, p.113)

A casa, portanto, passa a ter o que chamaríamos de medida exata para seu próprio morador. Como podemos perceber na expressão de Rogério ao falar da casa, afirmando: “ (...)Porque é minha, não de outra pessoa (...)” comparando-a com a reflexão de Michelet.

(...) A casa é a própria pessoa, sua forma e seu esforço mais imediato; eu diria, seu sofrimento. Seu resultado só é obtido pela pressão constantemente repetida do peito. Não há um só desses caminhos que, para firmar e conservar a curvatura do ninho, não tenha sido milhares de vezes pressionado pelo seio, pelo coração, certamente perturbando a respiração, talvez com palpitação. (MICHELET apud BACHELARD, 1957, p. 113)

Nossa morada é a concretização sólida e palpável de todo um esforço, dedicação, como nossa maneira de viver, ver e sentir o que nos rodeia. Ela é construída ou moldada, como diz o autor acima, a partir do nosso coração, ou seja, dos nossos sentimentos, sonhos felizes e das subjetividades que permeiam nosso ser. Nós somos como os passarinhos, somos nós que moldamos nossa morada. É a partir de todo um trabalho e projeto construção, racional ou emocional, de como sonhamos que nossa casa seja que podemos sentir as boas ou as ruins sensações.

Seu Antônio fala de sensações de sossego e tranquilidade, mas ressalva que isso é porque existe uma família a espera deles. Marta salienta que “Sinto-me bem agora. Hoje sinto-me bem, gosto de estar nela e cuidar dela pois a pressão, a péssima energia que possuía evaporou-se.” (MARTA, trecho do questionário, 2012)

Vemos que esses últimos moradores referem-se aos significados das relações pessoais dentro de casa para descrever as sensações obtidas ao entrar em cada moradia. Um, que é casado, fala da família que o espera; o outro, que está se separando, fala de uma pressão que impedia melhores sensações num passado remoto. Verificamos que as relações, a qualidade das relações que mantemos em casa, interferem diretamente na percepção de casa que temos e conseqüentemente, na qualidade de vida que temos.

A seguir, foram abordados os locais da casa mais apreciados pelos moradores e a metade deles afirmou ser nessa ordem: quarto, sala e cozinha. Ressalvando Marta, que apenas hoje em dia, considera o quarto como seu local predileto dentro de casa. Edméia fugiu à regra, elegendo a sala como o lugar de sua preferência, pois ali assiste à televisão. Na sequência, refere-se à cozinha, pois é o local onde faz suas refeições, e por fim; o quintal, pois é por onde olha o sol. De maneira singular esta entrevistada tem bem nítida a noção de casa como interno e externo e mostra, de certa forma, sua necessidade de contato com, ao menos, elementos do meio natural, à medida que inclui o quintal como um dos locais de sua preferência da sua morada.

Dona Nicole teve bastante dificuldade em responder à questão, pois se percebia que a casa era para ela algo inteiro, ou seja, todos os lugares daquele espaço eram usufruídos para diversas atividades e bem aproveitados. Mas elegeu por importância a cozinha, por ser onde prepara os alimentos e o banheiro, porque é necessário.

Rogério relacionou lugares bem distintos dos demais moradores. E diz que sua preferência é o “Jardim. Onde estão os cães, horta e verde para estimular. Escritório. Local onde organizo e cuido de nossas vidas civis. Cozinha. Onde recebo amigos e parentes, onde cultivo o hobby de cozinhar e tomar chimarrão”. (ROGÉRIO, trecho do questionário, 2012).

Ele relata que este é o lugar onde estão os cães, a horta e o verde que o estimula. Nesse momento é nítida a relação entre o ambiente natural e homem num recorte específico, ou seja, em casa, pois ele encontra espaços na sua morada capazes de lhe trazerem mais energia. A qualidade da vida deste morador, sem dúvidas, passa primeiramente nesse contado com o ambiente natural.

Logo, ele cita o escritório como segundo ambiente de sua preferência, local onde organiza e cuida da vida dos moradores. Tratando-se do tempo que relatou passar dentro de casa, 22 horas, fica evidente que sua residência é também o seu local de trabalho. Isso demonstra uma relação cada vez mais íntima e de dependência com o ambiente da casa. Por fim, igualmente a maioria dos entrevistados, a cozinha é a terceira parte da residência mais apreciada, pois é neste espaço que ele recebe amigos e parentes, além de poder cozinhar, que é um hobby seu.

Sobre a frequência dos moradores nesses espaços, Marta diz ser com assiduidade, porque ali limpa-se, cuida-se, usa-se computador, assiste-se televisão, descansa-se como também se organiza as despesas. Marta diz que usa muito o quarto porque precisa de individualidade. Edméia diz ser a sala o local mais utilizado da sua casa. Rogério relata que o local mais frequentado é o escritório pela importância profissional e também por ser um espaço de relevância, responsabilidade sobre o futuro dos que moram ali. Dona Nicole, diz usufruir a casa inteira.

Seu Antônio diz que os locais prediletos são sim os mais frequentados. A sala de jantar, no entanto é o lugar mais utilizado por ele, pois é um lugar onde a família se reúne para as refeições. Um dado interessante foi que a maioria dos moradores não apresentou nenhum local que não apreciassem. De certo modo, demonstram aí uma satisfação com o local onde vivem, mas Rogério relatou que a peça da casa menos apreciada é a sala da televisão, por ser um espaço de improdutividade, seguida do banheiro, por ser uma obrigação, assim como Edméia registrou não apreciar o banheiro.

E Marta, registrou que na sua casa, mesmo que em ordem decrescente, não há um local que não aprecie, hoje. A fala do entrevistado demonstra ao longo de toda a entrevista uma redescoberta sobre a casa, um novo olhar para o espaço, diferente daquele de algum tempo atrás. Demonstra que sua nova fase na vida, visto que está em processo de mudança pessoal, de separação, fica espalhada em cada espaço da morada. A autoestima da moradia, a partir da interpretação de suas palavras passa a ser reconstruída ou construída, talvez como a da própria moradora. E este fato, de ter sua casa mais valorizada, seja nas mudanças de móveis de um local para outro, na limpeza do ambiente, na organização dos objetos, nas cores, nas relações pessoais e nas questões de sossego e privacidade irão interferir positivamente no comportamento dessa moradora, que se sentirá cada vez mais segura e feliz dentro de casa.

Verificamos que quase todos os moradores entrevistados, exceto um, consideram a sala o local mais frequentado por toda a família, por razões variadas, como a reunião dos familiares e dos amigos para conversar, especificado por Marta; ou então, por ser um local mais espaçoso, como afirmou Dona Carmem; também, pela presença da televisão e os diálogos com a família, segundo Seu Antônio, assim como pela presença da televisão, do computador e do sofá, como afirmou Edméia. O fato de o sofá, curiosamente, ter sido citado, nos remete a importância deste móvel dentro dos ambientes residências, não por ser um objeto grande e geralmente vistoso em uma sala, mas por sua representatividade na família.

Edméia não falou da sala com um lugar de diálogo, mas ao se referir ao sofá, talvez tenha querido referir-se a convivência, ao sentar junto, ao estar próximo do outro, ao conforto e a aproximação, entre os familiares, que podem ocorrer a partir do uso de um sofá. Já Rogério, diferentemente, diz que a peça da casa mais frequentada é a cozinha, primeiramente por ser o local da alimentação e, posteriormente, por ser ampla e agradável. Dona Nicole, não apontou nenhum lugar que não aprecie ou que frequente menos.

Sabemos que atualmente, os moradores buscam lares cada vez mais práticos e confortáveis, sendo assim, todos os moradores entrevistados dizem possuir bastante eletroeletrônicos como o computador, som e televisão distribuídos pela casa. No entanto, não percebem nenhuma interferência negativa destes na relação familiar, exceto o Rogério e Seu Antônio. Segundo Dona Carmem, o uso da televisão e computador é sem exagero; Marta diz que possui apenas um

eletroeletrônico de cada especialidade acima citados e que seus filhos sempre tiveram hora para ligar e desligar os mesmos, não havendo desavença sobre tal questão. Dona Nicole diz ter alguns eletroeletrônicos e que estes interferem no seu estado de espírito. Ela percebe isso dependendo do que vê e ouve na televisão; e no aparelho de som, salienta que a música interfere bastante, trazendo sentimentos de alegria e tristeza.

No entanto, Rogério, acredita que a televisão é negativa, pois é fonte de notícias que não nos compete, o computador é visto como fonte de trabalho e os outros eletroeletrônicos são irrelevantes, a seu ver. Seu Antônio, por sua vez, acredita em aspectos positivos e negativos da interferência da televisão e declara:

No caso da televisão a interferência é positiva e negativa. Positiva por apresentar os fatos acontecidos em todas as camadas sociais e os aspectos geográficos no mundo. Negativo, por apresentar fatos (sem censura) no caso da rede globo de televisão (Big Brother) cuja premiação poderia ser feitas várias casas para a moradia dos sem-teto. (SEU ANTÔNIO, trecho do questionário 2012)

Segundo este morador, o aspecto positivo da televisão é a informação global, enquanto que o negativo são os fatos sem censura exibidos. Discorre então, para uma visão mais social e não tão familiar da interferência da televisão. Porém sabemos que família e sociedade se entrelaçam totalmente, como em parte investiga esta pesquisa.

O curioso sobre esta questão da interferência dos eletroeletrônicos é que apenas Rogério e Seu Antônio, os únicos moradores homens das seis casas entrevistadas, percebem a interferência negativa da televisão, especificamente. Edméia por sua vez, aponta a interferência positiva dos eletroeletrônicos, dizendo que “É utilizado para muitas vezes agregar a família, principalmente a TV.” (EDMÉIA, trecho do questionário, 2012)

No entanto, sobre a questão dos eletroeletrônicos, especialmente a televisão, que foi o mais citado pelos moradores investigados, Guattari (1999) reflete sobre a mídia, oriunda destes. O autor refere-se à mídia com muito cuidado, pois segundo ele há a destruição das ecologias mental, social e ambiental, logo os três pontos fundamentais para o desenvolvimento íntegro, ético, estético e democrático dos cidadãos.

A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. Para se desintoxicar do discurso sedativo que as televisões em particular destilam, conviria, daqui para frente, apreender o mundo através dos três vasos comunicantes que constituem nossos três pontos de vista ecológicos. (GUATTARI, 1999, p.24)

Essa degradação das redes humanas que Guattari denuncia, encontra-se também dentro de casa. Aliás, partimos da hipótese de que o engessamento da sociedade tem como causa o engessamento das relações interpessoais no seio da família, no ambiente da casa, e sem que percebamos, a mídia interfere nesta questão.

As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra freqüentemente 'ossificada' por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão. (GUATTARI, 1999, p.07)

Como Guattari (1999) afirma, a mídia tem exercido uma influência muito grande nos pensamentos e atitudes em geral da sociedade. Infelizmente, vemos todos os dias suas mensagens consumistas e materialistas entrando em nossa residência, e conseqüentemente, convertendo conceitos éticos e estéticos, no qual o ter vale mais que ser. É o anestesiamiento humano. Mesmo que tenhamos uma opinião formada sobre um determinado aspecto, podemos acabar agindo de forma diferente por interferência direta da mídia e daqueles que se relacionam conosco. É o "ossificar" das relações humanas.

A conversa dentro do espaço da casa, por razões diversas entre elas o uso e as mensagens da mídia, está cada vez mais escassa. O saber conversar na visão de Duarte Jr. (2006) é uma arte, pois ela exige que o falante consiga além de falar, narrar e argumentar, ainda prender a atenção do ouvinte e ainda saber o ouvir o que outra tem a dizer também. E que isso só se aprende com a prática, a experimentação.

A conversa, além de ajudar a manter viva a sabedoria popular, consiste também num fator de identidade e de integração cultural. Por ela são trocados não apenas informações, mas, sobretudo, afetos e sentimentos, esses elementos básicos para a manutenção ou transformação de uma dada realidade. (DUARTE JR, 1999, p.86)

O espaço da casa precisa, sobretudo, estar aberto à conversa, pois é a partir dela que podemos construir uma história, como ainda descobrir a qual história pertencemos. A casa guarda consigo imagens, cheiros, cores, objetos novos, objetos antigos, muitas vezes relíquias de família que fazem parte da historicidade daquela família, mas que se não trocadas a partir das conversas, morrem e não criam significados.

Dentro dos vários aspectos existentes para uma melhor qualidade de vida, sabemos que agregar a família é fundamental, especialmente quando se fala de casas. Pessoas mais próximas implicam em intimidade, cumplicidade e confiança que são os alicerces de uma vida inteira. No entanto, algumas vezes se torna difícil agregar a família em função do ritmo da casa, ou seja, do horário de chegada e saída de cada um devido aos mais variados compromissos. Um dos eventos mais comuns para a reunião da família é a refeição, não pelo fato de se alimentar ao lado dos outros, mas por propiciar um momento de convivência, assim como as conversas e desabafos que brotam nesses momentos.

O momento das refeições pode ser o único momento de interação em uma família e nele existe um sentido de educação muito preciso. Sentados a uma mesa, interagimos, fortalecemos laços afetivos e criamos intimidade. Aprendemos não apenas a como nos portar, ou seja, na postura, na forma de nos servir o alimento, de segurar um talher, de mastigar, o que se refletirá nos outros espaços. Mas à mesa aprendemos o tom de voz a conversar, quais os assuntos para se falar, além dos exemplos demonstrados pelos mais velhos, da educação propriamente dita. Aprendemos sobre nós mesmos, os cheiros, gostos e texturas que apreciamos nos alimentos, podemos aprender a esperar a nossa vez, a respeitar a vez do outro, a repartir, a pedir, a oferecer e a agradecer. São oportunidades.

O almoço seria o encontro que terá como resumo os acontecimentos matutinos; enquanto que o jantar, dos acontecimentos vespertinos. Até mesmo fora de casa sabemos que importantes reuniões e acordos de negócios, muitas vezes, ocorrem em torno da mesa durante uma refeição. Sentar-se com outrem a uma mesa, invoca-nos a palavra. A mesa por si só, especialmente quando redonda, já é um objeto de agregação, pois dispõem os sujeitos lado a lado e frente a frente ao mesmo tempo.

Com base nisso, buscamos verificar qual era o ritmo de vida nas casas entrevistadas e se seus respectivos moradores conseguiam realizar as refeições

juntos. As respostas encontraram-se, na sua maioria, foram positivas. Os moradores Dona Carmem, Rogério e Seu Antônio disseram ter um ritmo normal em casa e costumam fazer todas as refeições junto à família. Dona Nicole, é viúva e, portanto, hoje mora sozinha, mas no passado fazia todas as refeições com o esposo. Já as moradoras Marta e Edméia dizem não fazer as refeições juntos da família em função dos horários. No entanto, Marta salienta que “O ritmo é corrido, não fazemos as refeições juntos, mais a noite ou final de semana, mas somos muito amigos e isso é o que importa.” (Marta, trecho do questionário, 2012)

É perceptível que, paulatinamente, vamos chegando mais perto da intimidade da casa, ou das subjetividades que permeiam a casa ou ainda de como os moradores se relacionam dentro desse espaço, a partir de vivências passadas ou das vivências atuais. Por isso, tornou-se relevante pesquisar se os moradores reconheciam nas suas casas alguma característica do passado, de alguma casa do passado.

Apenas Edméia disse que não, e ainda ressaltou que não teve contato com a casa dos avós. Além disso, diz não possuir nenhum objeto em casa que seja do seu passado ou do passado de outra pessoa. Os demais moradores, reconhecem características do passado deles nas suas atuais casas. Dona Carmem, sobre esta questão, relata que “Acho que sim, porque tanto eu como meu marido trazemos para nosso apto hábitos da infância como da 1ª e única casa que moramos anteriormente.” (Dona Carmem, trecho do questionário, 2012)

Marta, diz que hoje está conseguindo passar para os filhos uma relação de paz e tranquilidade pela qual foi criada nas casas do seu passado, como as dos pais e avós. Sobre a presença de objetos que fazem parte do seu passado ou do passado de outra pessoa, a moradora afirma a presença, mas ressalva que estão sendo retirados por não gostar de guardar objetos. Aprecia as mudanças. Rogério percebe sua casa parecida com a dos seus pais, os quais gostavam de estar sempre juntos. Sobre os objetos do passado, ele os reconhece, mas guarda apenas os úteis, que dão conforto. Seu Antônio, por sua vez, afirma reconhecer características do passado na atual casa e diz que tanto o ritmo da casa como as relações pessoais melhoraram. Além disso, o morador reconhece objetos do passado em sua residência e salienta que são de grande estima.

Dona Nicole é um caso muito especial. Primeiramente é a moradora mais antiga da pesquisa e possui uma história de vida bastante interessante o que lhe

permitiu ter uma casa repleta de história através dos objetos ali presentes. A própria moradora reconhece na casa a presença das casas do seu passado a partir dos objetos. E diz sobre as características do passado:

Vários objetos, tudo. Tem relógio do sogro de 120 anos, um tipo de fruteira que tem 400 anos. Tudo presentes da minha mãe, avô. A fruteira minha mãe embrulhou e guardou na terra para os alemães não pegarem para fazer canhão para guerra. (DONA NICOLE, trecho do questionário, 2012)

O morador revela que tudo na casa, ou quase tudo, forma presentes do avô, da mãe, entre outros. Sendo assim, diz que estes objetos se encontram na residência por serem lembranças, dos pais, avós e até mesmo dos seus netos, ou seja, por fazerem parte da historicidade do morador.

Podemos perceber que conhecer a história de nossa família auxilia-nos no processo de autoconhecimento. Um lugar com objetos e características do passado pode possibilitar a construção de uma identidade, ou seja, da própria história, a partir das relações com as memórias e os objetos que nos remetem a ela. É conhecer a origem da sua própria história, assim como é constituir e ser constituído a partir das memórias e vivências que as relações interpessoais e os espaços e os objetos podem promover. A casa, como dissemos em outro momento, é indiscutivelmente, um lugar de memória, mas as relações com os outros é que mantém essa memória viva e permanente, como podemos observar na citação abaixo.

(...) o lugar da reconstrução da lembrança não é o acontecimento único, isolado, mas o tempo de um determinado grupo. É o grupo e não o indivíduo que garante a permanência do passado no presente, configurando o tempo longo. (D'ALÉSSIO, 1993, p. 100)

Ainda sobre a questão do tempo, do reconhecimento passado na casa presente, podemos perceber que temos em nossas residências jeitos, trejeitos e objetos de outras casas. Estes objetos, de alguma forma, são utilizados como memória de um tempo passado, de uma pessoa, para que tenhamos um pouco da casa da infância ou daquela que significou muito em nossa vida, em nós. Vimos que dos seis pesquisados apenas um não reconhece na casa características de um passado, ou ainda objetos do mesmo. Os demais moradores, reconhecem características de uma casa do passado ainda hoje; mas quanto aos objetos,

dividem-se em guardá-los por utilidade, por estima e reconhecimento às casas e às pessoas do passado, ou desfazem-se dando espaço às mudanças.

Percebemos que uma residência guarda muitos segredos, mistérios e encantamentos que refletem muito o nosso modo de ver a vida e vivê-la. Entendemos que a casa é ativa no modo como nos relacionamos com o mundo a partir da maneira como nos relacionamos com ela. Vemos que sofremos constantemente a ação do meio interno/casa e externo/rua no nosso ser, ou seja, casa menor ou inacabada, maiores dificuldades em privacidade; casas com jardins, quintais ou vistas para natureza, maiores sensações de relaxamento e sossego.

Identificamos que as noções de tranquilidade, sossego, privacidade, aconchego, abrigo, segurança, felicidade estão muito presentes do universo da morada e que estas noções são extremamente pertinentes ao desmembrarmos do que é qualidade de vida. Afinal ter qualidade de vida parece por ter boas sensações, por ter harmonia, tranquilidade, aconchego em um local onde se passa de 11 a 23 horas, por exemplo. É ter bem-estar, a partir das peças da casa que oferecem aos moradores espaços seguros para o descanso, a alimentação e os diálogos, como dito por um morador, “relações sem pressão”. (Marta, trecho do questionário, 2012).

Ter qualidade de vida em casa está relacionado ao cuidar da sua casa, da autoestima da mesma e sentir-se bem dentro dela, valorizando as especificidades que só uma casa, ou a nossa própria casa, pode nos oferecer. Todavia, o sujeito entenderá melhor esta questão se sentir-se pertencente ao espaço que habita. Se sentir o quanto a casa interfere nas suas relações com o mundo, mesmo que inconscientemente, a partir das vivências e da educação que o indivíduo adquiriu nela.

*Impressionista**Uma ocasião**Meu pai pintou a casa toda**de alaranjado brilhante**Por muito tempo moramos numa casa,**como ele mesmo dizia,**constantemente amanhecendo.*

PRADO. Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.36.

5 CAPÍTULO IV – O HOMEM E O SEU AMBIENTE: AS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO COM A CASA

Uma casa, aquela a qual nos referimos nesta pesquisa, se faz por variadas características. Faz-se por sua estrutura física, pelas cores, móveis e adornos que disponibilizamos nos ambientes, assim como pelas relações pessoais e com meio que nela ocorrem. Por basearmos nestas questões, passamos nesse capítulo a conhecer mais de perto os sentimentos dos moradores em relação à casa e a noção de pertencimento por eles desenvolvida.

Faremos, portanto o último momento de compreensão dos questionários da pesquisa, adentrando um pouco mais a intimidade do universo dessas residências. Após, serão feitas as percepções das filmagens feitas das casas dos moradores entrevistados, para vermos in lócus essa relação do espaço casa e morador. Faremos um paralelo de alguns pontos percebidos nas respostas teóricas dos questionários com o discurso prático das imagens filmadas, identificando as noções de pertencimento com a casa.

Por fim, será explicitada uma espécie de diário de bordo em relação à coleta de dados da pesquisa, desde o momento do primeiro contato com os moradores até a entrega dos DVDs com os respectivos registros visuais. Tendo o conhecimento do processo, bem como a recepção dos moradores à pesquisa, acreditamos que a percepção se fará mais completa e mostrará de maneira mais integral a relação do morador com a morada a partir das suas histórias nas informações não registradas no questionário, assim como nas imagens.

5.1. PERCEPÇÕES DAS CASAS DA PESQUISA

Neste último momento da compreensão dos questionários, foi imprescindível saber dos atores da pesquisa o que mais gostavam na casa, seja na estrutura, na decoração ou nas relações pessoais. Portanto, averiguamos que Dona Carmem deteve-se à decoração, apreciada por todos da casa. Dona Nicole, disse ser a

decoração, indiscutivelmente. Marta salientou que a iluminação e ventilação da casa é o que mais gosta. Edméia, curiosamente, diz ser o sofá o que mais gosta. Percebemos que este móvel tem uma grande importância na vida, em casa, desta moradora, como já discurremos anteriormente, este pode significar o encontro familiar ou inversamente, o refúgio do morador, o berço que o acalenta.

Os moradores Rogério e Seu Antônio dizem ser as relações pessoais, sendo que Rogério coloca que de nada adiantaria morar em um castelo se as relações pessoais fossem turbulentas. Interessantemente, apenas os entrevistados masculinos tiveram a mesma opinião sobre o que mais gostavam na casa. Pode ser uma coincidência por se tratar de personalidades similares ou então o gênero masculino está tendendo seu olhar para as questões mais subjetivas da casa, o que antigamente era menos comum.

Assim como foi sugerido a eles sobre o que mais gostavam em suas residências, indagamos sobre o que menos gostavam ou sentiam falta em casa. Dona Carmem falou do espaço físico, desejando-o que fosse maior. Marta também se deteve na parte estrutural/decorativa, dizendo não gostar de ter a casa inacabada, pois gosta das coisas organizadas. Edméia diz sentir falta do silêncio, provavelmente se referindo as relações pessoais. Diz sentir falta de intimidade entre os moradores, das relações com os animais de estimação e sua alegria. Nesse momento, houve uma dúvida por parte da compreensão da questão visto que ao longo do questionário a moradora revela ter contado com os animais, de sentir-se alegre por isso entre outros detalhes. Talvez a interpretação da pergunta tenha levado à moradora pensar de uma forma mais social, tratando-se das famílias e suas casas em geral. Seu Antônio, objetivamente, diz sentir falta do filho. De forma parecida, Dona Nicole diz sentir falta das pessoas.

Posteriormente, os moradores foram solicitados a usarem as melhores palavras para descrever as suas casas, para que analisássemos melhor a representação destas nas suas vidas, e todos foram muito positivos na descrição. Dona Carmem, por exemplo, fala que sua casa é “Um lugar onde eu gosto de morar. Não troco por nenhuma outra.” (Dona Carmem, trecho do questionário, 2012). Este morador demonstra nesse momento uma forte questão de pertencimento, pois mesmo apontando aspectos de que não gosta tanto na casa, é incapaz de trocá-la, mesmo que por uma melhor. Na verdade, a fala do morador já denuncia não existir casa melhor do que sua própria morada. Marta diz que sua casa, hoje em dia, tem

paz, sossego, energia positiva e transformou-se em uma casa aconchegante. Edméia fala do aconchego, pois é o local onde fica em harmonia com filho e cônjuge. Dona Nicole para descrever sua casa diz que “Do momento que é minha casa, é meu sonho, minhas coisas que eu gosto. É sentir-se bem, é paz.” (Dona Nicole, trecho do questionário 2012)

Rogério usa a expressão *meu canto* e diz ser o local onde ele mesmo relata ser o *rei*, podendo partilhar tudo com os que ama. O fato do morador se utilizar da expressão *meu canto* para descrever a casa, evidencia seu forte sentimento de pertença em relação a ela. Tal expressão invoca-nos uma força tão particular, pessoal e afetiva sendo digna da descrição de uma casa a qual, realmente, sente-se pertencente. A ideia “meu canto”, a qual fala Rogério, remete-nos as imagens de Gaston Bachelard (1957):

Portanto, é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”. Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. (BACHELARD, 1957, p. 24)

Percebemos, segundo as respostas dos sujeitos da pesquisa que as palavras paz, sossego, aconchego, energia positiva, harmonia e a expressão *meu canto* são todas muito positivas o que facilita as percepções e sentimentos sobre estes espaços.

Sentir-se pertencente a algum lugar significa dizer que aquele lugar faz parte de você, dos seus sonhos felizes, desejos, ou seja, não deve haver um distanciamento da pessoa com o espaço, e sim um aprofundamento, um envolvimento, pois. “Mediante essa exploração do meio e a concretização de tais projetos, a educação ambiental visa a desenvolver um sentimento de pertencer e a favorecer o enraizamento.”(SAUVÉ, 2005, p. 318). Especialmente se tratando de uma casa, esse “enraizamento” deve ser bem maior, partindo do pressuposto que a casa é a expressão sólida da nossa personalidade, gostos, maneira de ver a vida, entre outras questões.

Conseguir reconhecer e descrever a casa com as palavras que os atores da pesquisa descrevem, demonstra uma relação de proximidade, intimidade e bem-estar com o local, o que nos faz pensar que todos se sentem pertencentes àquele espaço, tanto o interno como o externo, como podemos ver na fala de um dos moradores que “Minha casa é bonita e confortável. Porque está localizada próximo

ao centro da cidade e o bairro ser maravilhoso”. (Seu Antônio, trecho do questionário, 2012). Este morador revela a autoestima que a casa tem, pois além de sua beleza e do aconchego por ser confortável, ainda se encontra bem localizada na cidade, o que a valoriza mais ainda. Sobretudo, o bairro onde fica a residência é maravilhoso, segundo ele. Ou seja, não apenas feliz e pertencente à casa, o morador mostra as noções de pertencimento com o bairro e cidade. Abrangendo a complexidade de uma esfera menor, que é a própria morada, para esferas maiores, como bairro e cidade.

Para entendermos melhor como é esse sentimento de pertencimento que norteia o presente estudo e está sendo analisado através das informações dos atores da pesquisa, vamos exemplificar através do conceito de Loureiro (2003) no qual vincula as ideias pertencer a uma realidade e ter responsabilidade por ela.

O sentimento de ser parte de uma determinada realidade, de pertencer a um grupo ou comunidade é condição para despertar o sentimento de responsabilidade e de compromisso com ela. “Faço parte deste lugar, este lugar me pertence, portanto também sou responsável por ele”. Explorar os vínculos da população com o lugar, recuperar e fortalecer seus vínculos com a paisagem, com o ambiente natural e construído que está a sua volta. Ao mesmo tempo em que se fortalece as relações dos sujeitos com o lugar, a relação intrapessoal e coletiva se consolida. (LOUREIRO, 2003, p. 81)

Como podemos perceber, na citação acima, existe uma importância em se desenvolver este sentimento de pertença pelo lugar, seja ele qual for. No posicionamento deste estudo, verificamos a relevância de se pertencer ao ambiente construído, a própria morada, buscando alcançar um nível de envolvimento, enraizamento que garanta ao morador um ambiente seguro, de paz, de comprometimento de todos que ali convivem, a fim de se obter qualidade de vida e responsabilidade pelo interno e externo da casa.

Obviamente, como vimos até então na compreensão dos dados, que nem todas as pessoas conseguem definir suas casas com palavras significativas em qualidade de vida, sentimentos de pertença e afetuosidade. Existem casas e casas, contextos e contextos, momentos e momentos. Podemos ver esta realidade através de um morador específico da pesquisa. O momento em que apenas hoje ele se encontra está refletido na sua residência. Sendo assim, a noção de pertencimento em relação à morada passa a acontecer depois de um evento específico, pois sua casa vai se transformando, florescendo e contagiando, de maneira feliz, não só o

morador como também os outros moradores da residência. Durante a maioria das questões do questionário notamos esse sentimento de florescimento, de brotamento do próprio morador, antes sufocado, no seu ambiente. E posteriormente, durante o registro em vídeo da casa, estas questões foram evidenciadas e o morador registrar esse sentimento na filmagem. A casa, para ele, passa ter outro valor.

Obviamente, nem todas as pessoas devem ter sentimentos positivos sobre suas casas. Sabemos que a realidade é dura para muitos, seja nas relações pessoais desestruturadas e agressivas, bem como na estrutura física da morada. Casas de lata, casas de papelão, casas que são em baixo da ponte e em soleiras de portas. No entanto, pela pesquisa ser um estudo de casos, não tivemos essa realidade aqui exposta e refletida entre os entrevistados, mas de forma alguma tal realidade é ignorada. Talvez, num futuro, nos desdobramentos dessa pesquisa, possamos investigar casos opostos dos aqui apresentados.

Complementando a questão anterior, acreditamos ser relevante saber se os moradores sentiam-se abrigados em suas moradas, com espaço para privacidade e intimidade da maneira que eles necessitavam. Dona Carmem diz que sim, assim como Marta, porém ressalva ainda não ter muita privacidade, pois os quartos da casa, que seriam no andar de cima, ainda não foram construídos. Marta utiliza a palavra difícil e diz só ter essa privacidade, entre outros aspectos, quando todos da casa estão dormindo. Dona Nicole diz sentir-se abrigada e ter toda a privacidade, e utiliza a frase: “minha casa é tudo”. Rogério diz que se sente abrigado e faz o que achar necessário na casa para se sentir satisfeito. Ele tem liberdade para mudar o que achar inconveniente. Seu Antônio diz também sentir-se abrigado e ressalta que, todas as peças da casa foram construídas a gosto da família, desta forma todos se sentem bem á vontade nelas.

Explorando cada vez mais as intimidades da casa e dos seus moradores, a fim de entender as relações e significações existentes entre eles, abordamos quais seriam as atitudes dos moradores em virtude de um ideal de casa. Sendo assim, Dona Carmem coloca da seguinte maneira:

Sempre gostei de nosso apartamento, com a vista que tem para a Lagoa dos Patos, 10º andar, de duas salas e do quarto se vê o mar, os veleiros, os botes, etc. Se ouve os pássaros cantarem desde cedo, as pombas e o galo que canta, também. Às 4h da manhã ouve-se o barulho dos pescadores, ou melhor, dos barcos que vem para o mercado. (Dona Carmem, trecho do questionário, 2012)

Pela descrição da moradora, vemos o quanto sua admiração pelo seu ambiente é plausível. Existe um encantamento pelo espaço externo que faz com que o espaço interno da casa seja, para ela, o ideal de casa. No questionário, esta moradora diz que o apartamento poderia ser um pouco maior, como também revelou nos momentos informais da pesquisa, como no dia em que fomos buscar o questionário já preenchido. Nesta ocasião, a moradora nos convidou a entrar e mostrou o que ela descreve na citação acima, completando que, por gostar tanto da vista, nunca colocou uma cortina na respectiva janela.

O sentimento de pertencimento nesta moradora é nítido. Sua narração sobre o olhar além da janela é quase paradisíaca. Sua percepção estética é intensa, pois não apenas o sentido da visão é explorado pela moradora, mas também da audição, quando diz ouvir os pássaros e o galo cantarem, bem como o barulho dos barcos dos pescadores se movimentando para o mercado público da cidade. E, para confirmar ainda mais essa perspectiva do sentir-se pertencente, a própria moradora diz que esta paisagem vista da janela da sua morada o fazem amar ainda mais a própria cidade.

Marta, por sua vez, coloca que é necessário, primeiro, ter atitude para mudar a própria vida e em decorrência disso haverá a transformação da casa para o ideal que se deseja alcançar. Edméia coloca que a atitude é o trabalho, capaz de alcançar um local aprazível. Dona Nicole, por sua vez, fala do sonho da infância de ter uma casa pequena numa ilha. No entanto, ela não mora numa ilha como sonhou, mas em relação as suas atitudes para este ideal de casa ele diz ser a jardinagem, o que podemos até relacionar como sendo a “ilha” da sua morada. Rogério fala sobre paciência, unanimidade e amadurecimento das ideias. Enquanto que Seu Antônio explica que as atitudes ocorrem de forma progressiva, a partir do trabalho dos moradores e da persistência em melhorar a vida.

Percebemos que em busca de um ideal de casa, muitos aspectos estão correlacionados. É necessário atitude em relação ao trabalho, pois dele vem o capital para o conforto estrutural da casa e muita persistência para melhorar situações. Porém, os aspectos mais subjetivos também se fazem presentes, como por exemplo, ter atitude em relação à própria vida, que pode significar ter atitude em relação ao trabalho, à mente, ao corpo, às relações com as pessoas e espaços, além de paciência e amadurecimento das ideias. De forma geral, os entrevistados demonstraram respostas bem positivas, sensatas e firmes. No entanto, torna-se

interessante ver o quanto Dona Carmem está satisfeito com sua morada, pois não mudaria nada por um ideal de casa. Nota-se que ela sente já viver em um lugar ideal.

Na sequência foi questionado se os moradores trocariam de casa se tivessem essa possibilidade. Dona Carmem relata suas razões mostrando-se completamente imersa naquele ambiente onde reside, porém não apenas no espaço interno da casa, mas em relação à paisagem do lado de fora. Marta afirma que trocaria de residência só em caso de beneficiamento para ela e os filhos, como em questão de segurança. Dona Nicole, afirma que não trocaria de casa, mas que gostaria de ter mais um banheiro na residência. Edméia afirma que trocaria de casa em função da Refinaria de Petróleo Ipiranga. Rogério também afirma que trocaria de casa, mas não pela casa em si, e sim pela rua ou bairro, carente de algumas estruturas básicas. No entanto, Seu Antônio diz que não trocaria sua morada por outra, pois diz que este lar foi e será o que sempre desejou junto à família. Conclui-se que, exceto Dona Carmem e Seu Antônio, os demais trocariam suas casas, porém todos eles fariam isso em função do ambiente externo às casas, e não por elas em si. Seja por segurança ou falta de desenvolvimento, vemos que, surpreendentemente, o que moveria estes moradores a trocarem de casa não seriam os problemas com a própria casa, e sim com o meio externo.

Vemos como é relevante essa perspectiva do externo e interno de uma residência. Muitas vezes a casa tem uma estrutura boa, ótima ventilação, uma decoração bonita, bem como emite sentimentos de acolhimento, enfim, características que nos satisfazem. No entanto, os aspectos externos a ela nos fazem repensar todas as características da morada, podendo ser um aspecto definitivo na troca da mesma. Esta situação ocorre nas Casas de Edméia e de Dona Nicole, na qual seus respectivos moradores denunciam insatisfações externas que podem comprometer suas permanências naqueles locais. Já Marta fala de uma situação hipotética, como a segurança, que poderia o levar a trocar de casa; enquanto que Dona Carmem, não trocaria exatamente pela sua relação com o externo à residência.

Imergindo mais no tema da pesquisa, foi questionado se os moradores, em questão, acreditavam que a casa poderia interferir na personalidade e atitudes deles mesmos, a fim de despertar a atenção para esta questão no dia-a-dia, bem como conhecer suas percepções. Dona Carmem diz que acredita, pois o relaxamente que

a casa proporciona ao olhar a paisagem faz até com que amem mais a cidade. Edméia também acredita e diz que “Se você se bem em casa as coisas ficam melhores nos relacionamentos.” (Edméia, trecho do questionário, 2012). Da mesma forma, Dona Nicole diz que acredita nesta interferência e percebe isto no momento que vai repousar, pois ali vê o quanto sua casa é boa.

Seu Antônio também acredita na interferência da casa na personalidade, com também nas atitudes do morador e diz que “No momento que se adquire um bem que traz conforto e esperança, tudo tem haver com o dia-a-dia de nossa família. A vontade de direcionar os novos rumos da vida é bem visto por todos.” (Seu Antônio, trecho do questionário, 2012)

Por outro lado, Marta não acredita nesta interferência da casa na personalidade do morador ou atitude, pois diz que é a casa que reflete os ânimos do morador. Exemplifica dizendo que “Acredito que minha casa é o reflexo de minha personalidade, de minhas atitudes. Hoje com libertação.” (Marta, trecho do questionário, 2012). Rogério também não acredita, pois tem a pretensão de mudá-la de acordo com a sua personalidade. Seu Antônio acredita, pois diz que no momento em que se adquire um bem que traga conforto e esperança tudo tem a ver com o dia-a-dia da família. A vontade de direcionar os novos rumos da vida é bem visto por todos.

Vemos que as percepções dos moradores divergem. Dos seis moradores entrevistados, dois não acreditam na interferência da casa nas atitudes e personalidade. No entanto, não estamos aqui para julgar o certo ou errado, e sim averiguar as percepções desses moradores. O fato é bem relativo, pois, aparentemente, há não como um espaço interferir na personalidade de alguém, mas é visível que pode interferir nas nossas atitudes. Por exemplo, uma casa que possui um jardim pode interferir na atitude de um sujeito, visto que ele tem essa opção de frequentar tal lugar para relaxar. E com o tempo, esta atitude de ir ao jardim para relaxar vai fazer parte das características pessoais dele, na personalidade. Caso esse mesmo sujeito se mude de casa e more numa residência sem jardim, ele sofrerá uma interferência do meio, não haverá mais onde relaxar, portanto se tornará alguém mais estressado ou terá de mudar suas atitudes, procurando jardins na rua, já não sendo mais tão caseiro como antes.

O mesmo ocorre quando há casas com espaços pequenos, na qual não se consegue receber o número certo de amigos ao qual se gostaria. Muitas vezes essa

estrutura física interfere na atitude do morador que resolve então, não fazer festas em casa. De certa maneira, sua personalidade sofreu uma interferência externa, pois por mais que se goste de receber os amigos, o tempo faz o indivíduo se acostumar a não mais fazer isso, passando uma vida sem dar festas em casa. Se Dona Carmem, ao invés de ter uma janela em duas salas do apartamento com vista para Lagoa dos Patos, que ela mesma relatou ser fonte de relaxamento, tivesse uma parede sem vista alguma, ou ainda com uma vista para um lixão, provavelmente esse fato interferiria nas atitudes da moradora. Provavelmente ela colocaria a cortina que hoje não existe e manteria a janela fechada por mais tempo. E ainda sendo uma pessoa de 72 anos, isso poderia acarretar em diversas complicações ao nível de saúde física e emocional, por exemplo. Este é o campo de estudo da Psicologia Ambiental, mas em prol da Educação Ambiental, devemos ficar atentos.

Na sequência dos dados do questionário, tornou-se relevante saber se os moradores sentiam-se felizes dentro de casa, se os outros moradores sabiam disso e como eles percebiam o que era felicidade dentro de casa. Dona Carmem diz ser 100% feliz e para ele isso significa sentir-se bem, ter alegria, harmonia e não almejar muitas coisas para não prejudicar a saúde dos demais moradores. Rogério diz também ser feliz 100% e que seu cônjuge sabe disso. Ele explica que ser feliz na casa é deixá-la querida por aqueles que ele quer bem e desejá-la como lar, não pensando em luxo, mas em aconchego. Do mesmo modo, Seu Antônio expõe seu pensamento, afirmando ser 100% feliz em casa.

Porque foi a realização de um sonho, somado ao esforço e os trabalhos de cada um na aquisição da casa nova. Todos comemoraram com essas atitudes. A presença do filho, que mora em São Paulo seria o ideal. A felicidade dentro de casa é a compreensão e bem-estar de todos. (Seu Antônio, trecho do questionário, 2012)

Em contra partida, Marta declara que não é 100% feliz dentro de casa e que os demais moradores sabem dessa situação. No entanto, explica seu posicionamento na citação à abaixo.

Sim. Minha completa libertação de uma relação que pesou em meus ombros durante quase 20 anos. Meus filhos que vivenciaram comigo sabem disso. Ser feliz dentro de casa é ter paz, é sentir-se livre e protegido, é poder conversar com os filhos sem pressão. (Marta, trecho do questionário, 2012)

.Assim como Marta, Dona Nicole, diz não ser 100% feliz porque faltam as pessoas, mas descreve a felicidade em casa como ter pessoas e os objetos que representam aqueles entes que faltam. A partir desta declaração de Dona Nicole vemos o quanto a casa e seus adornos podem significar para a felicidade de alguém. A moradora faz menção aos objetos como a um resgate àqueles que não estão mais ali. Percebemos, portanto, o quanto de sentimento, de lembrança, de pertença esta moradora tem por sua casa e características. Estas são, respectivamente, a materialização dos seus sentimentos.

Em uma nota de zero a dez na casa, foi solicitado o valor da casa na vida desses moradores e também, se o lugar interfere na qualidade de vida física e emocional do indivíduo. Dona Carmem diz acreditar que o local onde vivemos, a casa, é fundamental na qualidade de vida, dando nota dez ao valor da casa na sua vida. Marta, de uma forma muito particular e até emocional diz que o valor da casa na sua vida é 5, mas acredita que o lugar interfere na qualidade de vida, como também na felicidade da vida das pessoas, e revela que leva tais questões em consideração no dia-a-dia.

Sim, sou a prova viva que o lugar se pesa por uma série de causas nas relações pessoais interfere na qualidade de vida física e emocional. Como também sou a prova viva que este mesmo lugar, depois de uma mudança de atitude pode também se renovar. Com certeza levo em consideração. (Marta, trecho do questionário, 2012)

Edméia dá nota nove a sua morada e diz acreditar na interferência do lugar na qualidade de vida do sujeito e que leva esta questão em consideração no dia-a-dia. Rogério, por sua vez, dá nota sete à casa, e acredita na interferência do lugar na qualidade de vida dos moradores e relata como podemos ver abaixo.

Sim. (...) Quem mora comigo sabe disso. Alguma incerteza que exista é criada na conjuntura do mundo. Ser feliz na minha casa é torná-la querida por pessoas que prezo, e desejada como lar, não se referindo a luxo ou conforto, mas pelo aconchego. (Rogério, trecho do questionário, 2012)

Dona Nicole dá o valor máximo à morada e revela acreditar na qualidade de vida e felicidade de uma pessoa relacionada à casa, e exemplifica que quando vê seu jardim sente-se bem, feliz. Seu Antônio também dá nota dez à morada e diz que

a casa tem um valor enorme na sua vida, assim como o lugar tem valor enorme na qualidade de vida emocional e física do sujeito.

Verificamos que a casa possui um grande valor na vida dos moradores e está relacionada com as questões de qualidade de vida e felicidade do indivíduo, aspectos que contribuem fortemente para que nos sintamos pertencente a um lugar. De acordo com os atores da pesquisa, percebemos que, em termos numéricos, a menor valoração da casa foi 5, o que já é um escore significativo, quando muitas vezes não paramos para pensar neste local que diariamente habitamos. Na sequência, em ordem crescente, tivemos os escores 7, 9, e três 10.

Desta forma, confirmamos que a casa é de extrema importância no que tange ao bem-estar físico e emocional de uma pessoa, não devendo ser desconsiderada ou despercebida na correria dos nossos afazeres. Ter uma casa é como ter um porto seguro na vida e um norte na caminhada da nossa existência, por isso a relevância em cuidá-la, preservá-la, em se relacionar com os espaços, bem como com as pessoas que nela habitam. Pois, estes aspectos unidos, podem nos trazer alegrias ou sofrimento, despertar sonhos felizes ou pesadelos, bem como significar liberdade ou prisão, como nos exemplos de alguns moradores analisados neste estudo.

Sendo assim, perguntamos, na sequência, a maneira com esses moradores viam as suas casas, a fim de perceber maiores indícios das relações de pertencimento entre eles e suas casas. Dona Carmem utiliza-se da palavra carinho. Marta diz que “Hoje eu vejo minha casa, como minha. Como coadjuvante nas minhas atitudes para uma libertação familiar, como amparo e proteção. Hoje eu vejo minha casa como um lar.” (Marta, trecho da entrevista, 2012)

Edméia usa a palavra aconchegante para definir sua morada, enquanto que Dona Nicole declara que para ela a “Casa é tudo. É o nosso mundo, é presente, passado e futuro até o fim.” (Dona Nicole, trecho do questionário, 2012)

Já Rogério define sua casa como seu esconderijo, refúgio seguro. E Seu Antônio vê sua casa como a uma outra, mas com muita dedicação, trabalho e honestidade. Uma casa bem cuidada e de excelente estrutura. Felizmente, todos os sujeitos da pesquisa se utilizaram de palavras e explicações felizes sobre a casa: carinho, proteção, amparo, aconchegante, honestidade, dedicação, refúgio seguro.

Toda essa subjetividade expressa pelos atores da pesquisa que centralizam a casa como abrigo, lugar de proteção e refúgio vão totalmente ao encontro do

fenomenólogo das imagens. Bachelard (1957). Que faz um valioso estudo sobre a casa e as imagens e sonhos felizes que a partir dela nascem. Ele se refere à casa como um abrigo, um refúgio do homem de todas as adversidade da natureza, da vida e da alma. E traz uma noção de pertencimento do espaço quando diz:

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. (BACHELARD, 1957, p. 26)

Podemos parar refletir neste momento sobre qual outro local é capaz de nos proporcionar tais sentimentos e qualidades. Talvez o ventre materno, nossa primeira morada, porém para onde não podemos mais voltar; talvez um abraço no momento certo, porém se desfaz em instantes. Apenas uma casa tem esse poder permanentemente de acolher, se o homem dela cuidar, preservar, e buscar estabelecer laços afetivos e sinceros com as pessoas que ali convivem, como também, com tudo que compõe uma residência. É a partir de uma postura ativa que podemos nos sentir parte do todo, nos sentir pertencentes e fundamentais na nossa própria morada.

Esses sentimentos de pertença têm relação direta com nossa percepção de patrimônio. E averiguamos que todos os nossos entrevistados, percebem suas residências como patrimônio. Marta diz que a casa é patrimônio quando perde o sentido de lar. O que entendemos é que ela está levando as questões mais humanas à frente das demais questões. Rogério relata que a casa é um patrimônio por ser um investimento de tempo, dedicação e dinheiro. Dona Nicole relata que pai e filho construíram a casa, sendo, portanto, uma herança de família. Seu Antônio diz, com entusiasmo, que é a casa um patrimônio sim, e que além de fazer parte da vida dele e da família, é o fruto de um trabalho projetado que excluiu a vaidade e o supérfluo.

Partindo para um nível mais implícito e íntimo dos moradores, perguntamos como seria a casa dos sonhos felizes para eles. Dona Carmem afirma que a casa dos sonhos felizes é aquela onde as pessoas se amam, convivem e se querem bem. Marta explica com mais detalhes a estrutura física da casa dos seus sonhos felizes dizendo que é uma casa com muitas aberturas por onde o sol possa entrar, bem

ventilada e com poucos móveis, cheia de verdes na volta e toda envidraçada. A moradora diz que desta forma, iria captar muita energia boa capaz de transmitir alegria e paz aos proprietários. Edméia retorna a falar que não vive contos de fada, mas que a casa dos sonhos felizes seria mais confortável e em outro local. Dona Nicole, por sua vez, diz ser uma casa pequena, com jardim bonito e árvores. Rogério explica que a casa dos sonhos felizes seria aquela da qual ele teria dificuldades em abandonar ou trocar. Seu Antônio diz que a casa ideal é como a que ele vive, que se baseia num sonho de longo tempo com muito planejamento e perseverança. Foi percebível que os moradores mais velhos, Dona Carmem e Seu Antônio consideravam já ter a casa dos sonhos felizes.

O objetivo dessa questão era permitir que o morador se libertasse de qualquer amarra e falasse realmente aquilo que sonhava em termos de casa. Como também parasse para pensar sobre a questão. Na verdade, este questionário de pesquisa, para a pesquisadora foi uma coleta de dados, mas também foi uma forma de fazer com que algumas pessoas parassem um pouco para refletir a sua casa e as relações que ocorrem nela. Foi um despertar, um olhar especial para casa, mesmo que seja para criticá-la, mas que, ao menos, a questão fosse pensada.

Por isso, seguimos questionando sobre o fato das vivências e as formas como nos relacionamos dentro de casa, com as pessoas e móveis, as questões de preservação, organização entre outros, tinha alguma ligação com a forma como lidamos com os ambientes construídos e naturais fora de casa, pois este é o ponto fundamental da pesquisa. Afinal, vivemos em sociedade, pois não conseguimos viver encerrados dentro de casa. Existe uma necessidade diária de sairmos à rua, de nos comunicarmos, de nos relacionarmos tanto com pessoas, como espaços e objetos. Faz-se, portanto, necessário conhecer o entendimento dos atores da pesquisa sobre este aspecto, se a forma como lidamos com os outros, coisas e espaços fora de casa tem relação com os acontecimentos, vivências e educação dentro de casa. Sendo assim, Dona Carmem, foi taxativa e reflete a questão, como podemos ver abaixo.

Porque a forma com que lidamos em casa, se reflete, queiramos ou não, na rua, com as pessoas e na Sociedade. A educação tudo compra e nada custa". O dia que o nosso povo for todo (?) educado, e no Brasil (o petróleo) não for roubado no Pré-Sal, e se cuidar, devidamente, do ambiente, estaremos vivendo no Paraíso Terrestre.(Dona Carmem, trecho do questionário, 2012)

Marta também acredita nesta relação de casa causando efeito nas relações da rua e exemplifica:

Sim acredito. A mesma maneira com que nos organizamos em casa podemos nos organizar fora. Na questão relacionamento poderia falar a respeito nas relações em casa nos ensinam a respeitar as pessoas fora. Mas nunca levei os problemas de casa como forma de maltratar as pessoas fora de casa. Como também acredito que as pessoas de fora também influenciam as relações de casa. No meu caso ajudaram a tomar muitas atitudes positivas em minha vida, conseqüentemente no meu relacionamento com meus filhos e casa. (Marta, trecho do questionário, 2012)

Edméia acredita apenas dizendo que tudo na vida é complemento. Dona Nicole também acredita neste reflexo da casa para fora de casa e sobre a bandeira do Brasil que carrega os conceitos de ordem e progresso e que isso deve ser levado a sério pelas pessoas. Numa família especialmente, deve haver atenção, disciplina e compreensão para se ter felicidade. E que certas ações feitas em casa interferem até mesmo na vizinhança. Do mesmo modo Rogério acredita, mas de certa maneira, pois diz que a casa a ele pertence e por isso pode mudar, enquanto que as pessoas não. Seu Antônio também acredita nesta relação, passando a positiva mensagem, que segue abaixo.

(...) Basta fazer tudo com amor e carinho, valorizando o que foi possuído, principalmente do trabalho honesto e valorizar o que foi realizado pelo poder público e o que a natureza nos oferece, principalmente na flora e na fauna. (Seu Antônio, trecho do questionário, 2012)

Todos os seis entrevistados, moradores do Município do Rio Grande, perceberam esta forte ligação da casa com a rua, ou seja, do interno com externo. A partir dos dados coletados pudemos ver o quanto o ambiente externo interfere nos moradores, pois a maioria apenas trocava de casa exatamente por circunstâncias da rua ou bairro. Todavia, percebemos que o inverso é uma realidade, ou seja, as questões referentes ao meio interno da casa, desde a forma como nos organizamos até a forma como nos relacionamos com as pessoas e os espaços.

Indiscutivelmente, a casa é o berço dos aprendizados objetivos, como também dos subjetivos. Nela aprendemos a ser, a conhecer, a reconhecer, a interpretar, a dar nossos primeiros passos, nossas primeiras palavras. Nela, aprendemos o que é nosso, o que é do outro, até onde podemos ir, como até

quando ficar. Nela, provamos os primeiros sabores da nossa vida, um tanto doce; um tanto amargo, mas não importa, experimentamos.

Em uma casa nos preenchemos e nos esvaziamos de sentimentos com a mesma rapidez, sorrimos e choramos com a mesma intensidade e aprendemos a conviver com as pessoas que são as mais importantes da nossa vida, mesmo que sejam totalmente diferentes de nós. É numa casa que nos alicerçamos para dela enfrentarmos as situações da rua, é a partir dela que obtemos os limites, valores e afetos que se refletirão em todas as circunstâncias das nossas vidas fora de casa, como também nos seguirão nas casas que construiremos, nas pessoas que formaremos, bem como na sociedade e no ambiente que teremos ao nosso redor.

Portanto, a importância de se debater o assunto e despertar o olhar para as nossas moradas. Sentir-se pertencente à casa é conseguir estabelecer relações dela com as pessoas e os espaços dentro e fora da morada. É reconhecer, em todas as instâncias possíveis, o afeto, o cuidado, o significado daquele lugar para com os moradores, que se refletirá na qualidade de vida física e emocional, bem como no sentimento pertencimento dos mesmos.

A ideia de se fazer uma breve vídeo do morador apresentando sua casa da maneira que bem quisesse, nasceu da vontade de visualizar melhor as questões que norteiam a pesquisa. Conhecer os moradores e casas através do questionário foi muito interessante, mas também instigante, pois precisava ver como a casa “se comportava”, ou seja, se estava de acordo com os pensamentos dos moradores.

No entanto, o motivo que mais nos impulsionou para esses registros foi o carinho e a necessidade de agradecer os moradores de alguma forma por sua colaboração, senão com as palavras ou outro tipo de presente. O que esses moradores fizeram pela pesquisadora e pela pesquisa é nobre. Abrir, literalmente, a porta de casa para um estranho já é muito arriscado, quanto mais abrir da forma que fizeram, mostrando cada peça da casa, inclusive os quartos (o ambiente de maior intimidade da casa), contando os encaminhamentos da família, os pertences, as histórias de família, ou seja, mostrando através das suas moradas, suas respectivas vidas, seus costumes, hábitos, seus gostos, em outras palavras, mostrando-se.

Por reconhecer a beleza deste gesto em prol da Educação Ambiental e de um estudo que busca despertar no morador sua relação com os espaços e a valorização do universo das casas, a fim de se obter maior qualidade de vida, sentimento de pertença e felicidade, foi feito um DVD com todas as imagens para que eles

pudessem assistir e guardar ali, mesmo que breve, as vivências da casa, através dos adornos, cores, organização, distribuição das peças, sendo, a todo o momento, narrado pelo próprio morador. Uma lembrança que poderá ser apreciada por toda a família pela eternidade.

Deste modo, faremos a seguir uma breve percepção dos vídeos das casas e dos seus respectivos moradores, ressaltando que dois participantes da pesquisa, a Casa da Dona Carmem e a Casa da Edméia, não puderam participar desta fase da pesquisa, por reforma na casa e por dificuldade em contatar para efetuar tal registro.

Neste momento, optamos por utilizar um nome para a morada por acreditarmos que este é um identificador, sendo relativo ao reconhecimento de uma identidade pessoal ou coletiva, como podemos observar na citação abaixo.

Características distintivas do carácter de uma pessoa ou o carácter de um grupo que se relaciona com o que eles são e com o que tem sentido para eles. Algumas das principais fontes de identidade são o gênero, a orientação sexual, a nacionalidade ou a etnicidade, e a classe social. O nome é um marcador importante da identidade individual, e dar um nome é também importante do ponto de vista da identidade do grupo. (GIDDENS, 2004, p. 694)

Com base nesta questão, verificamos que não há como sentir-se pertencente a um lugar se você não tiver um “marcador de identidade”, pois ele contribuirá para construção de sentido. Costumamos dar números e características de cor e formato para identificarmos uma casa. Sendo assim, de acordo com Guiddens (2004), cada morador escolheu uma identidade para a sua casa a partir de um nome que, de alguma forma, tivesse um significado para os moradores. Um nome que representasse a morada para eles.

Ainda sobre os vídeos feitos, a última fase da pesquisa. Salientamos que mais do que meramente um registro de imagem, esta iniciativa tem como intuito semear uma semente, a de fazer com que o morador olhe para sua casa e ouça sobre sua casa de um ângulo diferente do diariamente. É fato que a rotina pode, muitas vezes, quebrar alguns encantos ou apenas deixá-los despercebidos. Portanto, com este novo olhar propiciado pelas imagens, podemos despertar nos moradores o valor do seu mais íntimo e particular ambiente, das suas respectivas características e das relações que nele ocorrem, objetivando sentimentos de pertença, felicidade e qualidade de vida.

5.1.2 A Casa do Colorado



A Casa do Colorado

A primeira morada visitada para a filmagem foi a Casa do Seu Antônio. O morador atendeu-nos com muita simpatia e disposição, ajudando até mesmo na parte técnica da filmagem. Logo, passou a fazer a sua apresentação da sua casa. O interessante foi que ele mesmo falou na imagem sobre a importância do tema da pesquisa, bem como da pesquisa de campo para uma educação e investigação de qualidade.

Na sequência, o morador foi mostrando peça por peça da sua linda e acolhedora casa. Pudemos notar o quanto a casa era cuidada nos mínimos detalhes, cada móvel e enfeite pareciam ter sido totalmente planejados para ficar naquele lugar, por alguma razão. Na apresentação do morador, podemos perceber a satisfação e o sentimento de pertencimento que ele tinha não só pela morada, mas pela rua, pelo bairro e até mesmo pela cidade, como mostram as imagens. A relação do interno/externo se faz bem presente no seu discurso.

Aquilo que foi percebido na compreensão do questionário foi comprovado pela estrutura e maneira de ser da casa. Como por exemplo, a importância da família na vida deste sujeito. Ao longo do questionário, percebíamos que a família estava muito presente no seu discurso, ela participou na construção da casa, no sentimento de aconchego do morador em relação à casa, como também, na ausência do filho que vive em outra cidade, que segundo o morador, é o que falta para casa ser o ideal de morada.

Na morada, especialmente nas salas de estar e jantar, percebemos a presença de porta-retratos com foto dos filhos na adolescência, dos filhos quando colaram grau, do filho com a esposa, colocados em locais bem visíveis, em locais de recepção de visitas. Os retratos mostram a importância dessas pessoas na sua vida do morador. Apesar do próprio se dar conta que não possui foto sua com a esposa na sala, é evidente uma forte relação de amizade e parceria entre eles. Primeiro no questionário, quando da importância da casa para ambos, da importância do trabalho e esforço dela para a realização do sonho da casa; e depois, na filmagem feita, na qual ele fala da parceira que tem ao lado, e das suas práticas juntos para o bem viver.

A Casa do Colorado, nome escolhido pelo próprio Seu Antônio, é uma casa de recente construção, é nova e bem planejada, o que confere com as informações do questionário. Segundo tais informações foram feitos vários projetos até a obtenção do resultado final, ou seja, houve todo um planejamento e esforço familiar para chegar ao ponto de ele dizer que é a realização de um sonho.

Além disto, o morador mostra nas filmagens o jardim da casa, onde há a plantação de flores e hortaliças, como um aspecto de uma vida saudável e também revela morar perto do canaleta, um local maravilhoso, na sua opinião, onde faz sua caminhada em companhia da esposa. Sendo assim, percebemos através destes e do outros aspectos, que os dois principais nortes da pesquisa se fazem presentes naquela morada, sentimento de pertencimento e qualidade de vida.

5.1.3 A Casa do Recanto do S. Bento



Casa do São Bento

A segunda morada visitada para os registros visuais foi à Casa da Dona Nicole. De uma simpatia e alegria ímpar, a moradora foi aos poucos apresentando sua residência. Uma bela casa que passa uma ótima sensação. Começamos então pelo que a moradora chama de alpendre, construído por seu esposo, já falecido. Neste espaço percebemos a presença de muitos objetos antigos, porém todos muito organizados. Foi como se estivéssemos entrado em um museu, arrumado com uma delicadeza que permite que o espaço seja bem leve. O primeiro ambiente é como se fosse uma grande recepção com muitos enfeites e móveis do esposo. Logo, vem uma longa mesa de madeira onde ela faz as refeições quando recebe os filhos e netos que moram longe.

Após, esta mesa, há outra também grande mesa onde o morador costuma ficar para escrever, desenhar e pintar, como ele próprio especifica: *É o meu canto*. Sobre esta mesa há uma antiga moldura de espelho onde a moradora diz estar o seu mundo, ou seja, é todo repleto de fotos da família, fazendo uma bonita composição. Pudemos perceber o quanto esta casa é importante para ela, cada cantinho dela tem um porque e é utilizado para alguma função. Por esta razão, Dona Nicole teve dificuldade em definir quais eram os espaços da casa que mais gostava quando perguntado no questionário, pois realmente foi demonstrado no vídeo, e nos bastidores, que tudo na casa tem uma utilidade e mais, uma história.

Logo passamos para a sala de estar, também repleta de objetos, todos com histórias e vivências. Neste ambiente fica a televisão e o som, tocando música francesa, os quais ficaram ligados, de forma intercalada. No momento da filmagem a moradora optou por desligar o som. Nessa mesma peça possui uma pequena estante cheia de CDs, na qual o morador usa frequentemente. Há também pela sala, algumas fotografias da família, das pessoas que a moradora no questionário dizia sentir falta da presença. Assim como o Seu Antônio, Dona Nicole tem um forte sentido de família, pois há muitas fotos e o discurso sempre se volta às pessoas da família. Também se verificou a espiritualidade devido às imagens de santos que são pertences a história de seu esposo.

Na sequência foi visitado um quarto de hóspede onde o morador e o esposo conversavam após o almoço, e ali, mais uma vez se fez presente os objetos e móveis antigos pertencentes a sua história, tudo registrado nas imagens. No seu quarto, a cama, a penteadeira e os bidês foram usados pelo Presidente Geisel e que por sua consideração e amizade foram doados ao seu fisioterapeuta, o esposo de Dona Nicole, chamado Seu Bira. Inclusive há na casa, naquela moldura de espelho citada anteriormente, a foto do Presidente e do fisioterapeuta juntos.

A moradora, à medida que vai apresentando a casa, vai abrindo as janelas, e vai se encantando com a paisagem que vê de casa, bem como do sol que ali adentra. Mostra que suas palavras no questionário vão ao encontro das imagens registradas, ou seja, há um amor pelo espaço por todas as histórias e significações que cada cantinho e objeto da casa têm. Demonstra a partir da sua mobilidade e do jeito de caminhar e apresentar a casa, todo o seu sentimento de pertencimento pelo local como também qualidade de vida, pois diz ser feliz ali. Na sequência a moradora mostra a cozinha e pede para que registremos o seu quintal, onde estão os seus cachorros que latem para os estranhos.

Percebemos o quanto a presença do passado envolve e aproxima Dona Nicole da sua morada. Obviamente quando são boas as recordações. No caso da moradora em questão, nenhum objeto ou situação foi vista com negatividade. Muito pelo contrário, os comentários, tanto dos fatos do presente como do passado, como quando a moradora abre uma caixa de madeira do esposo, para que vejamos o que tem dentro, são muito alegres e divertidos.

Foi bastante interessante que a moradora, através da sua casa e dos objetos, apresenta-nos quem foi o seu esposo, seus gostos, seu trabalho, e demonstra que o

que lhe faz realmente falta naquela casa, são as pessoas, como evidenciado no questionário.

No momento de escolha do nome da casa para a edição das imagens, Dona Nicole não hesitou, e mais uma vez referiu-se as pessoas da casa, talvez a que mais faça falta para ela, o seu esposo. A Casa do Recanto do São Bento tem esse nome, pois seu Seu Bira foi por muito tempo fisioterapeuta do mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro. E a casa guarda muitas lembranças entre livros, santos e móveis deste mosteiro. Além de ter na fachada casa uma placa de madeira com este nome. Ressalvamos que, por problemas técnicos, não foi possível filmar a fachada da casa e o jardim tão apreciado pela moradora, por tal razão ficamos com apenas um registro fotográfico.

5.1.4 A Casa da Independência



Casa da Independência

A terceira casa visitada, portanto, foi à Casa do Rogério. No entanto, quem fez a apresentação da casa foi sua esposa, Fabiane. De forma muito simpática e receptiva a moradora começa apresentando sua residência, e logo já fala da cor da casa, evidenciando não gostar dela. Ao mesmo tempo mostra que a casa está em

transformação, visto que no avarandado da mesma, do teto, já começam as primeiras mudanças, a cor. Ela então, nos apresenta a primeira sala da casa e na sequência aqueles os quais chama de filhos, dois cachorros muito amorosos. Fabiane no seu discurso é bem detalhada e mostra-se preocupada com a decoração e cores da casa. Exatamente como Rogério fala no questionário, na preocupação com as cores da casa. No entanto, a moradora diz querer trocar as cores fortes, como o laranja, que demonstra não gostar muito; enquanto que Rogério fala em utilizar cores fortes que possibilite contraste favorecendo quadros e móveis.

Percebemos que a casa parece ter bastante relação com a Fabiane, afinal a casa é toda caprichada, com enfeites e detalhes deixando um ambiente acolhedor e bonito. É um espaço decorado e bem organizado, como demonstra a preocupação da moradora. Aliás, algumas peças ela prefere não mostrar por acreditar não estar em ordem.

Na segunda peça da casa, onde fica a televisão, a moradora fala de um quadro na parede e da importância daquele objeto na sua vida, pois foi um presente pintado por seu padrinho, exatamente planejado para ela. A importância do quadro não se limita a fala, pois ele está exposto no que seria uma das principais paredes da casa, está em destaque. Daí, vemos o quarto, amplo e com a cama de casal bem centralizada e sobre ela um ursinho de pelúcia, ideia do marido.

Na sequência mostra a sua mesa de trabalho, que é diferente da mesa do Rogério, visto que ele tem um escritório logo na entrada da casa, e que segundo ele, é local mais frequentado por ele. Próximo à mesa de trabalho da Fabiane existe uma mesa repleta de coisas em cima, onde é o atelier da moradora. Têm revistas de artesanato, máquina de costura entre outros tantos utensílios. Ali perto, de forma breve ela mostra um banheiro e segue para a apresentação da cozinha.

Esta peça em si é bastante grande e agradável e era ali que Rogério estava assistindo ao jogo de futebol, até chegarmos com a filmadora, quando ele rapidamente saiu para outra peça para não ser filmado. Na peça em questão, percebemos bastantes armários, vidros, utensílios de cozinha, cafeteiras entre outros, o que reflete a maneira de ser do Rogério, pois no questionário ele deixa claro o seu hobby de cozinhar. A cozinha parece bem acolhedora, pois possui uma grande mesa, capaz de receber várias pessoas. Como relatado no questionário é neste espaço que os moradores recebem os amigos e parentes.

Ainda nesse espaço, a moradora mostra sua plantação de mudinhas, tem couve, pimentão e até café. E segue para o pátio da casa onde mostra sua horta, com tomate cereja, manjeriço, pimenta, alecrim, entre outras plantinhas. Vemos o entusiasmo da moradora em relação aquele espaço da casa. É com satisfação que ela fala das suas plantas, do seu cuidado com elas e nos bastidores da filmagem diz que gostaria de se alimentar só do que planta. No questionário, Rogério revela que o local da casa que ele mais aprecia é exatamente o jardim, onde tem a horta e os animais. Ali nos fundos da casa, onde fica a horta, tem outro cachorro, porém é bem grande em relação aos demais, mas segundo Fabiane, é o bebê da casa.

A relação do casal com a casa, a partir do questionário respondido pelo Rogério e pela fala nas filmagens da Fabiane é bem similar, pois ambos na morada destacam o jardim, com sua beleza e seus prazeres. Ainda da cozinha, temos acesso à lateral da casa, que tem uma boa área ao ar livre. A moradora comenta que ali o casal gosta de sentar, sob a árvore, para conversar e tomar um chimarrão. Aliás, ela mostra, com bastante satisfação, que a árvore é uma goiabeira e está repleta de frutos. Da mesma forma que mostra suas florzinhas plantadas ao redor, ao mesmo tempo em que os cachorros acompanham a apresentação.

O ambiente natural é bastante presente na casa destes moradores. Estamos tratamos de uma casa de campo, com uma bela paisagem, especialmente quando se está na horta e, no que pude presenciar, tem como seus principais sons o mugido de uma vaca, os latidos dos seus cães e as folhas das árvores balançando com o vento. Talvez por esta razão, Rogério, durante o questionário coloca que suas sensações em casa são de aconchego, de proteção e felicidade.

Nesta mesma lateral da casa, onde ficam os carros, a moradora, durante a filmagem, mostra uma parte da parede azul, a qual revela ser de um azul horrível, pintada de amarelo, e salienta que é a prova das cores. Desta forma, evidencia que a casa aos poucos está se preparando para a mudança, como diz Rogério no questionário, que queria mudar a cor da casa, talvez posteriormente até a forma, para que a casa tenha a personalidade do casal.

Analisando a coleta de dados do questionário, faz a recém um ano, aproximadamente, que os respectivos moradores estão na residência, e notamos o quanto a questão da cor, especialmente a cor da parte externa da casa os incomoda. Talvez isso crie um distanciamento entre eles e a casa, visto que a cor destoa totalmente dos seus gostos, por isso o desejo constante de mudança de cor

para que se sintam ainda mais pertencentes aquele local. No lado interno a casa, houve crítica, porém menos enfáticas. Talvez seja pelo fato de que a morada, internamente, tenha as suas características, como objetos e práticas das casas do passado. Como revela Rogério no questionário, achando sua casa parecida com a dos seus pais.

A escolha do nome para sua casa foi um pouco dificultoso, pois Rogério dava algumas opções que Fabiane não apreciava, apenas dando risada das invenções do esposo. Porém, no dia seguinte, a palavra foi definida, e esta casa passou a ser A Casa da Independência, porque reflete bem o momento do casal; a aquisição da casa própria.

5.1.5 A Casa do Sossego



Casa do Sossego

A última casa analisada na pesquisa foi a Casa de Marta. Esta é uma casa bem grande, na verdade um sobrado, e tem um amplo espaço externo em frente à casa. Apesar de bonita e grande, percebemos que a casa está inacabada, como revela o próprio morador durante o questionário.

Assim que cheguei fui recebida pelos latidos do cachorro e logo veio Marta me atender. De forma bem agradável e com delicadeza, a moradora já começou a falar aos poucos da casa, à medida que percorríamos o jardim. Ao entrarmos, mostrou-nos a residência antes das filmagens. Ali, nos bastidores já pudemos perceber a franqueza das suas respostas no questionário, que se repetiram de igual forma naquele momento.

Sendo assim, começamos a segunda fase da pesquisa, e o morador foi apresentando a sala de estar da casa. Uma sala simples, de decoração mais rústica e com uma lareira para acolher. A moradora explica na filmagem que a recém está pondo os quadros na parede e que a casa está ficando com mais cara de casa. Salienta que antes, os móveis eram todos encostados na parede, sem cuidado algum, apenas para se sentar.

Vemos que a maneira como Marta fala, demonstra a importância da distribuição dos móveis numa casa, mesmo que não notemos. Como antes seus móveis, sofás e poltronas ficavam colados à parede, um ao lado do outro, o máximo que a família fazia era sentar, segundo suas próprias palavras. Hoje, por estar passando por uma importante fase na sua vida, uma transformação positiva, a moradora refletiu esses sentimentos na casa, fazendo com que os móveis da sala de estar fiquem posicionados em forma de um círculo imaginário, ou seja, disposição que aproxima, agrega, propicia a conversação, como vimos no segundo capítulo deste trabalho, no que tange à Psicologia Ambiental.

Na sequência, Marta mostra seu quarto, que hoje fica onde seria a sala de jantar. Em função da obra inacabada, as peças não necessariamente ficam no local idealizado no projeto. Sobre o quarto, a moradora na filmagem declara que ele antes, era todo escuro; e agora, fez questão de deixá-lo bem claro. Como podemos ver nas imagens, a cor predominante é a branca, que evoca-nos a purificação, paz, limpeza, entre outras sensações. A cor de uma forma ou de outra, consciente ou não, está ligada aos nossos estados de ânimo. Ainda nesta peça ela mostra a abertura no teto, no qual seria a escada dando acesso a piso superior do sobrado.

A próxima peça apresentada foi a sala de jantar, onde a moradora costuma fazer as refeições. Próximo dela tem um banheiro e atrás dela fica o quarto dos filhos. Um rapaz e uma moçinha. O quarto é bem organizado, assim como toda a casa é. Saímos do quarto e entramos numa longa peça, que provavelmente seria a

garagem da casa, porém é a cozinha ao fundo, estilo americana e mais para frente tem uma mesa, enfim, um lugar para se ficar.

O que pudemos observar é que esta moradora ao longo de todo questionário coloca uma situação pessoal na sua vida que acabou se transformando, e assim como ela, a casa passou a sofrer as mesmas transformações. Segundo a moradora, que no questionário fala de um momento de libertação, relata nos bastidores da filmagem que o clima da casa mudou completamente e que, não só os filhos sentiram essa transformação, como os amigos dos filhos também comentaram que a casa não é mais a mesma, está melhor.

Marta, ainda nos bastidores, relata que a casa para ela era chegar e sair, que não havia desejo algum de permanecer nela. Pelo questionário analisado, vemos que hoje Marta se sente pertencente àquele espaço, reconhece nele seu toque, seu jeito, talvez até um processo de autoconhecimento e quem sabe até mesmo de auto pertencimento. Já na parte externa da casa, o morador mostra, como citado no questionário, a presença de alguns entulhos que, notoriamente, ela deseja que não esteja mais lá, como provavelmente se desfez dos entulhos emocionais que muitas vezes carregamos. Ressalvamos que esta parte externa da casa, devido a um problema técnico da filmadora não foi possível captar as imagens, mas ao menos, temos o registro fotográfico da mesma.

Já concluídas as imagens perguntamos à Marta qual palavra daria para significar sua casa. Junto da filha adolescente, apenas entre sorrisos e olhares definem que a casa transformou-se e é A Casa do Sossego.

5.2. O DIÁRIO DE BORDO DOS ENCONTROS COM OS MORADORES E SUAS MORADAS

Apesar das ruas serem tomadas por casas e mais casas, escolhê-las não foi fácil. Há muito tempo já tinha algumas casas em vista para a pesquisa, mas por alguma razão, nenhuma delas foi visitada. Por se ter critérios, como investigar casas que fossem mais rurais, outras praianas e outras urbanas, o rumo modificou-se.

Ao sair à rua para qualquer coisa, ficava observando quais casas eu poderia investigar, mas um receio passou-me a mente: e se ninguém me deixar entrar na

casa? Sim, hoje em dia, sabemos que é extremamente complicado abrir a porta de casa a um estranho para que ele conheça as peças da casa e saiba da intimidade da família. Por outro lado, eu também tinha medo. Como poderia, sozinha, entrar em casas as quais não conhecia os donos, não sei de sua índole, de nada. Esses foram dois momentos de tensão da pesquisa.

Portanto, em virtude da segurança, as casas visitadas foram casas que de certa forma eu tinha alguma referência, por exemplo, pessoas que trabalhavam no mesmo local de um familiar, algum vizinho, mães do amigo de algum amigo, enfim, pessoas que tinha certeza serem do bem, porém que não conhecia as suas casas.

Mesmo assim, decidi arriscar duas casas, que antigamente era a casa dos meus avós; agora desmembrada em duas, com moradores que nunca tinha visto antes. Estas foram as primeiras casas visitadas. Na casa, propriamente dita, que era dos meus avós, ninguém atendeu à porta no primeiro contado, mas no sobrado ao lado, onde ficavam as garagens dos meus avós, fui atendida pelo proprietário. Ao explicar para ele o que se tratava a pesquisa, ele pareceu um pouco desconfiado. Então decidi mostrar que eu era uma pessoa confiável falando dos meus avós e de detalhes da casa, das pessoas que ali moraram.

Ele, um pouco mais solto, pediu para que eu explicasse novamente meu propósito e quais as etapas da pesquisa. Logo, disse não querer me atrapalhar e que ele já sabia que a esposa não deixaria que ele participasse, acredito que especialmente pela filmagem. Segui na conversa e afirmei que poderiam fazer só o questionário, que já era suficiente. E seguimos conversando. Ele então me contou desde o dia que quis vender sua antiga casa até chegar na casa atual. Foi um ótimo papo.

De repente, chega da rua sua filha. Apresentamos-nos e logo, explico a ela sobre a pesquisa. Numa última tentativa quase desesperada para que participassem da pesquisa, visto que aquela casa, no passado, ser a motivação do meu estudo presente, falei para a moça que ela mesma poderia responder o questionário, poderia ser qualquer morador. Ela aceitou, já com o questionário na mão, quando Seu Antônio pega o questionário da mão dela e diz que ele iria responder. Foi um momento de alegria, ele realmente havia entrado no clima da pesquisa e sentiu confiança em mim.

Seguimos conversando sobre a casa, ele descrevendo a iluminação da mesma e disse que depois me mostraria. Voltei para casa feliz. Fiquei no aguardo

do recebimento do e-mail ou telefonema me avisando que o questionário estava pronto, mas não houve retorno. Então passei mais duas vezes na casa e ninguém atendia. Bem, naquele momento desisti. Mas ainda havia a casa ao lado, a qual chamarei de Casa do Lado, onde ninguém havia atendido a porta, só um cachorro preto que fez menção em falar comigo, ao parar do meu lado na rua, todo meigo.

Então, da segunda vez, com o cachorro chamado Piuí novamente do meu lado, fui atendida. Uma mulher atendeu-me meio atrapalhada, dizendo já estar de saída e não ter tempo. Tentei ser breve, expliquei do que se tratava, disse que aquela casa fez parte da minha vida e entreguei o questionário. Ela então marcou data e hora para que voltasse para buscar. Fui, mas ela tinha saído com sua menina e quem me atendeu foi sua sogra, que passava uns dias ali. Apresentei-me e perguntei do questionário, ela por não ouvir falar nada em casa sobre isso, insistiu que eu entrasse para esperar a dona da casa. Neguei por várias vezes, mas pensei: e se eu não tiver outra chance de entrar nessa casa novamente?

Desta forma, entrei e fui convidada a sentar-me e esperar. Fui muito bem tratada pela senhora que ingenuamente permitiu que entrasse na casa. Conversamos bastante e fui explicando que muito vivi ali e fui dizendo detalhes da casa. Ela então convidou-me a olhar a residência. Olhei de maneira rápida, pois não me senti à vontade visto que a dona da casa nem imaginava que eu estava ali. E sobre a casa, ela era definitivamente outra, bem diferente da que eu conhecia. Mudaram o teto, a cor das paredes, tiraram uma parede, enfim, não vi a casa dos meus avós ali, exceto por duas aberturas que continuavam intactas, a porta da sala de jantar com acesso para o pátio, onde minha vó benzia-me quando necessário, e a porta do jardim de inverno. Olhá-las de perto e passar por elas de um lado para outro foi emocionante, foi de uma alegria muito serena.

A dona da casa não apareceu, mas por sorte telefonou para sogra que avisou da minha presença. Então ela solicitou que voltasse no dia seguinte. Saindo dali, resolvi passar na casa ao lado, a do Seu Antônio, para ver se, por sorte, alguém atendia. E felizmente o dono da casa atendeu, me entregou o questionário e disse que a esposa e ele resolveram me ajudar, permitindo todas as fases da pesquisa. Fiquei encantada e muito feliz. E obviamente já ficamos conversando um pouco. Marcamos então, data e hora para a filmagem.

No dia seguinte resolvi ligar para a Casa do Lado para ter certeza de que poderia ir buscar o questionário como combinado, mas a dona da casa parece ainda

estar atrapalhada, então não insisti. Disse ao menos que iria tal dia e hora no seu vizinho fazer as imagens e depois passaria ali. Como avisado, passei no dia e hora, após as filmagens na Casa do Seu Antônio, mas a dona da casa novamente não estava. De certo modo, não me importei, pois o contato com o morador e sua casa suprimiram minhas intenções objetivas e subjetivas de pesquisa.

Por fazer parte da história da Casa do Seu Antônio, no passado, levei para o morador álbuns de fotografias da casa e das garagens do meu avô. A Casa do Seu Antônio fica no terreno das garagens da casa dos meus avós e ali foi o casamento de meus pais. Mostrei então as fotos da festa do casamento, dentro da casa e da recepção dos convidados, que foi onde hoje é a casa do Seu Antônio hoje. Ele ficou encantado ao ver e comentou sentir-se bem por ver que minha família era feliz e unida e que aquela casa teve muitas alegrias. Levei também o álbum do 1º ano de vida da minha irmã mais velha, pois ali aparecia bastante a frente da casa, como minha avó e vô. Seu Antônio fez questão de ver cada foto e ia comentando: *olha isso, ainda está igual (...), que legal(...)*. Então, pediu-me para que deixasse os álbuns com ele para que pudesse mostrar para esposa, pois ela iria gostar de ver. Prontamente aceitei. Foi nesse clima que a filmagem da casa começou.

Ao me despedir, ao final do trabalho, o morador falou que ia me contar um episódio que só de falar se arrepiava. Disse, apontando para uma parede de dentro da casa, que ao dar marretada nela, pois estava construindo agora a sua casa, o meu avô não saía de sua cabeça, ficou todo o tempo em seu pensamento de maneira muito forte durante aquele processo. Saliento que, o morador não conhecia meu avô, apenas de vista. Como não podia ser diferente, fiquei emocionada ao ouvir aquelas palavras e disse ao querido Seu Antônio que com certeza meu avô estava feliz por ver que a sua casa agora seria de uma família tão especial e unida, comprovado durante a pesquisa, como foi a dele.

A Casa da Marta e a da Edméia são de duas colegas de trabalho entre si. Fui ao local de trabalhos dela, com o intermédio da minha irmã, apresentei-me, expliquei o propósito e fases da pesquisa e fui muito bem acolhida. Ambas mostraram-se dispostas a colaborar. Entreguei o questionário e após pouco mais de uma semana, elas devolveram.

A Casa da Dona Carmem é de uma vizinha que não conhecia, mas que uma vez conversei um pouco no elevador, ela mora no décimo andar e eu no nono. Por ser mais complicado ir num apartamento em função dos porteiros e portarias, decidi

fazer no mesmo prédio que moro, garantindo a pesquisa com um apartamento. Sem avisar, bati à porta e a dona da casa prontamente me atende. Ao falar que eu morava no prédio e dizer meu nome, já fui convidada a entrar. Ela conversou muito comigo, mostrou fotos, paisagem, falou da intimidade, como uma conhecida. Foi muito prazeroso o encontro. Sendo assim, expliquei a pesquisa e mostrei o questionário. Ela por sua vez passou a lê-lo e já respondê-lo oralmente, numa gostosa conversa. Ofereci a escrita, de maneira que ela falasse e eu iria anotando, mas ela preferiu responder em outra hora. Marcou data e hora para buscá-lo, e assim foi.

Para o segundo momento da pesquisa, a filmagem, tivemos vários contatos por telefone, pois sempre havia um imprevisto que impedia o registro em vídeo. Sendo assim, Dona Carmem por ser muito preocupada e extremosa, ligava-me para se desculpar e já aproveitávamos para conversar um pouco. Numa última ligação, a moradora tão envolvida com a pesquisa disse que sua casa estava em reforma e que, portanto não seria interessante mostrá-la dessa forma, por acreditar não ajudar na pesquisa. Sendo assim, a moradora estava fazendo uma seleção de fotos do apartamento para que eu pudesse acrescentar na pesquisa. Apesar de achar esta atitude muito bonita, tranquilizei-a dizendo não haver necessidade de tanto trabalho. Se realmente não fosse possível a filmagem, apesar de lastimar, eu entenderia perfeitamente; mas também que não era necessário apresentar a casa inteira. Infelizmente, mesmo tendo marcado dia e hora, não foi possível fazer as imagens. Mas a contribuição desta moradora foi de extrema importância.

A Casa da Dona Nicole é de uma conhecida da família, na verdade trata-se de uma pessoa com uma história de vida muito rica em acontecimentos, portanto, minha curiosidade em conhecer sua casa, para saber se havia, de forma mais evidente, essas vivências e memórias na casa. Recebida com muita alegria, com todas as aberturas da casa abertas e música francesa tocando podendo da rua se ouvir, conversamos e fomos fazendo o questionário, ela respondia e eu anotava. Esta foi a única moradora que respondeu o questionário na minha presença. E posso dizer que a experiência é bem interessante, visto que há o aprofundamento das questões, das reflexões, pois era feito de forma oral. Obviamente, depois de discorrer oralmente sobre cada questão do questionário, eu voltada na pergunta afim de que ela escolhesse as melhores palavras.

Durante o preenchimento do questionário conversamos muitos e percebi um ser humano que é uma história viva e um exemplo alegria, de sensibilidade e jovialidade, mesmo aos 83 anos de idade. Nascida na França, em Paris, Dona Nicole sentiu na pele as tensões e tristezas da segunda guerra mundial. Ela presenciou quando as tropas de Hitler foram se apresentar na praça central de Paris. Precisou, junto de sua família, abandonar sua casa, devido à guerra. Seu pai precisou servir em algum lugar e sua mãe ficou com os cinco filhos. Para sobreviver, conseguiu um emprego de porteira, mas não queriam mulheres com filhos pequenos. Desta forma, as crianças, que eram a Dona Nicole com treze anos e seus irmãos menores, foram dadas a um casal de fazendeiros para que lá trabalhassem e ganhassem comida e um local para dormir. Dona Nicole, então, abre uma pasta de couro e mostra a foto do dia em que sua mãe os deixou com o casal. Na foto, em frente a uma casa de pedra, provavelmente, estavam o casal de fazendeiros, as quatro crianças, a mãe da moradora e a sua irmã mais velha, que pode ficar junto da mãe.

Na sequência, pedi que ela apresentasse da forma que quisesse sua morada e que aquilo seria uma recordação, um presente por abrir as portas de casas. Apesar do meu encantamento por histórias e coisas antigas, não fiz muitas perguntas, pois imagino o quão difícil seja falar sobre, e o momento era para o estudo das relações com a casa. Simplesmente, deixei que ela falasse o sentisse vontade. Ali mesmo naquela pasta, mostrou-me os cartões de natal que desenhava, pintava e escrevia para o próprio esposo, hoje falecido, mas que sempre morou com ela desde o casamento. Mostrou-me também os diversos recortes de jornal com lindas fotos de quando cantava na noite do Rio de Janeiro, Dona Nicole teve bastante fama na noite carioca.

Isso tudo acontecia de maneira intercalada às respostas do questionário. Concluída essa etapa da pesquisa, Dona Nicole fez questão de preparar um lanche, colocar uma rede no jardim para que relaxássemos um pouco. Colocou novamente música francesa e me disse: *Agora vais conhecer a França*. Trouxe-me um álbum com fotos de quando foi passar uma temporada com seu filho que mora em Paris. No álbum tem desde folhas de árvores de Paris guardadas, fiapos de cabelos, como a carta de um dos seus irmãos, que morreu prisioneiro da segunda guerra mundial. Apesar de varias tristezas, ela tem uma alegria contagiante e sua casa nos passa a mesma sensação.

Mesmo já conhecendo esta moradora, não tinha intimidade e nem conhecia sua casa. Os primeiros contatos foram dois, por telefone, onde marcamos de eu ir até sua residência para coletar os dados da pesquisa e fazer os registros. Com dia e hora marcados tive uma bela tarde cheia de histórias.

Aos poucos a moradora ia falando da vida. No Rio de Janeiro conheceu seu esposo e por lá morou. Seu esposo foi fisioterapeuta de alguns presidentes, entre eles, Ernesto Geisel. Diz Dona Nicole que seu cônjuge é que tinha histórias para contar e que tudo na casa é, praticamente, dele. Ela fala isso durante o processo da filmagem. Vai dizendo que tudo que tem é presente de um e de outro ao esposo, que aliás, foi fisioterapeuta dos monges do mosteiro São Bento. Inclusive por isso a placa na fachada da casa dizendo: *Recanto do S. Bento*.

Dona Nicole, ao concluir as etapas da pesquisa, fez questão de levar-me de volta até o ponto do ônibus, pois diz fazer uma caminhada diária. Numa velocidade surpreendente para a idade, fomos caminhando de braços dados e conversando. Algumas coisas eu realmente não entendia, pois a moradora tem um forte sotaque francês e, por vezes falava em francês mesmo. Mas uma coisa era fato e entendi perfeitamente, por estar o tempo inteiro sorrindo e cantarolando, vi que aquela pessoa era feliz, tanto em casa como fora.

Rogério é esposo de uma amiga, e por saber que estavam passando por um momento bastante importante, como a compra da primeira casa, logo pensei em entrevistá-los. O primeiro contato foi por e-mail, no qual expliquei a pesquisa toda e os convidei a participar. Eles por sua vez aceitaram e mesmo sendo feito o contato com a minha amiga, quem respondeu ao questionário foi o seu marido, praticamente de um dia para outro. Logo, marquei de ir a casa deles buscar o questionário para combinar um dia para a filmagem.

Combinado o dia, fui recebida como a amiga que sou. Conversamos sobre os estudos, pois o casal está fazendo especialização, e tomamos chimarrão, com a presença dos seus cachorros extremamente obedientes. Após, por telefone, marquei com eles para fazermos as filmagens. Chegando lá, fui recebida por sua esposa e pelos cachorros da casa. Logo, fui informada que quem faria a apresentação da casa para as imagens seria ela.

Achei a situação interessante, pois, de certa forma, houve a integração do casal sobre o tema. Ele respondendo as questões do questionário; e ela, as imagens. Antes de qualquer movimentação de ordem prática, conversamos sobre os

estudos e a casa, e tomamos um cafezinho. Na sequência então, fizemos as filmagens. Rogério, mostrou-se bastante tímido e não quis aparecer de jeito nenhum no vídeo. Ela, por sua vez, com uma simpatia ímpar, foi mostrando toda a casa, cada cachorro, plantas, enfim, seu universo dentro de casa. Fizemos as imagens tranquilamente, enquanto íamos conversando. Enfim, foi uma tarde bem gostosa, só não pude ficar mais tempo, como pedido, pois tinha outra casa para visitar. Minha amiga, esposa do Rogério, gentilmente deu-me uma carona até a Casa da Marta, onde eu faria os últimos registros da pesquisa.

A próxima e última casa a ser visitada foi a da Marta, visto que não consegui contato em tempo útil com Edméia, para os registros. Fui recebida pelo Marta de forma muita simpática e receptiva. A casa é bastante grande, mas ainda está em reforma, o jardim é bem grande também e bem agradável, mas segundo a moradora, inacabado. Assim que entrei na casa, conversamos um pouco sobre a relação dela com a casa e ela foi me contando, de forma confiante, alguns aspectos da vida ali. Como teve sua casa elogiada, ela revela que fez um curso de desenho arquitetural e que ela mesma fez o projeto, o desenho da mesma, porém afirma que não se apega a este fato, e se preciso for sair dali, sairá.

Marta começou a mostrar-me como era a residência. Sendo assim, já peguei a máquina e comecei a filmar. Antes de fazer as imagens, ela parecia estar bem sem jeito, mas logo que comecei a gravar, a apresentação da casa fluiu. De forma rápida terminamos os registros, apenas levamos mais tempo porque houve problemas técnicos, a filmadora ligava e desligava. No entanto, isso serviu até para descontrair um pouco mais, tornando até alguns momentos engraçados pelo nervosismo da pesquisadora. Mas, tudo deu certo.

Assim que estávamos terminando a filmagem, sua filha sai do banho e fica um pouco na volta, pois queria falar com a mãe. Ao final do trabalho, perguntei a Marta qual palavra ela daria para casa, para que eu não a chamasse no DVD de Casa de Marta. Então, ela conversa com a filha e ficam entre duas palavras: paz ou sossego. A filha de forma meiga diz que prefere a opção sossego e, portanto, a Casa de Marta, passa a ser a Casa do Sossego no DVD.

Este diário de bordo foi para que ficasse registrado, toda a movimentação informal da pesquisa, e que de alguma forma, pudéssemos conhecer melhor os moradores e as suas reações quando deparados ao tema e as fases da investigação. A pesquisa por si só seria suficientemente interessante limitando-se

apenas ao questionário, visto este ser extenso e instigar opiniões e subjetividades. Mas a construção e a entrega do DVD, mais do que uma nova forma de estudo do tema, foi um presente de agradecimento. Muitas vezes vivemos em casas que não são registradas, ou quando são, não tem mais as pessoas dentro. Como por exemplo, Dona Nicole, que dois dias depois após a filmagem, ao falarmos por telefone para confirmação de dados, expressa que queria ter dito mais coisas, mas na hora não falou, e que queria que a neta estivesse presente. Ainda falou do filho Felipe, mas não entendi muito bem o que seria devido ao sotaque francês. Acredito que para esta moradora, a experiência foi bem significativa. A falta do registro da casa com as pessoas foi uma motivação para esta segunda fase da pesquisa. Por exemplo, a casa dos meus avós foi e sempre será um lugar muito amado e recordado. Minha família tem diversas fotos das pessoas na casa, seja num aniversário, num natal, entre outras datas. Mas por incrível que pareça, não temos nenhuma filmagem da casa com as pessoas ainda morando nelas. Primeiro porque quando a vó Alva era viva, nós não tínhamos filmadora, e só fomos ter um ano antes do vô José falecer. Ou seja, neste um ano, nunca me dei conta de filmar meu avô na sua casinha. Cheguei a gravar conversas em fitas cassetes, mas depois que tínhamos a filmadora, não filmei.

Quando ele faleceu e tivemos que encaminhar, doar seus pertences, móveis e tal, é que resolvi filmar a casa, para nunca mais esquecer-la, porém ele não estava mais lá. Portanto, por lembrar-me disto, decidi deixar para essas pessoas que contribuíram, fundamentalmente e desinteressadamente, para a pesquisa uma lembrança de suas casas para toda a família, tendo os principais moradores ativos, apresentando e falando sobre a morada.

Toda a pesquisa, reflexão teórica, questionário e vídeos, serviram para o aprofundamento e a investigação da relação do homem/morador com o seu ambiente/morada para abranger o campo de conhecimento da Educação Ambiental, para abranger o meu conhecimento sobre Educação Ambiental, mas também despertar em cada morador o valor da sua morada. Esses instrumentos, questionário e vídeo, serviram para desenvolver ou ainda propiciar um momento de percepção da casa, a partir de todas as suas características, das suas relações com os seres e os espaços.

Percebo que, de alguma forma, possibilitei que, ao menos, quatro famílias parassem por alguns minutos para ver e comentar os vídeos sobre suas próprias

casas. E a partir deste breve momento, sementes são semeadas num processo não formal de Educação Ambiental.

Chamou-me a atenção que todos os moradores, após a filmagem, após registrar suas percepções da casa, disseram: *obrigada!* Como se a pesquisadora tivesse feito algum favor ou dado algum presente, quando na verdade o processo foi inverso, eles me presentearam. Mas, compreendo que o fato de parar um momento para pensar e falar sobre sua própria morada se tornou algo importante para eles. Como podemos ver na fala do Seu Antônio, no início da filmagem, quando o próprio ator da pesquisa, de tão envolvido com o tema, defende a pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada... E, finalmente estou começando a entender Gaston Bachelard a partir de hoje, 29 de janeiro de 2013. Sim, porque este trabalho de pesquisa tinha tocado meu intelecto, minha razão, meu conhecimento acadêmico. Porém, não tinha, até então, tocado minha alma, o meu sentimento, a minha intimidade, a minha imaginação criadora.

Agora sei que esse processo de estar entendendo um filósofo que fala de coisas que não estava acostumada a ouvir leva tempo. Quem sabe por isso resistia tanto e não aceitava. Esse tempo que percebo hoje é diferente do tempo da razão, que é o tempo do relógio. Para sentir as casas que vivi, vivo e pesquisei, precisei tomar consciência do quanto, mesmo sem querer, adentrei no tempo da imaginação criadora, que não pode ser medido.

Nesse sentido, agora relembro as perguntas que meu orientador me fazia: Como tu preparas para ir na casa? Como és recebida? O que acontece lá? Como te sentes? Como te percebes? Como percebes os moradores te percebendo? Quais são os sonhos deles naquelas casas? Quais são os teus sonhos da tua casa a partir dos sonhos deles, narrados por ti? Consegues perceber o lado criança dos moradores?

A partir das leituras de Gaston Bachelard comecei a desenvolver minhas próprias percepções. Ou seja, cada elemento terrestre provoca em nós uma sensação, e de certa maneira parece que tentamos trabalhá-la, talvez deixá-la do nosso jeito, a nossa cara.

O homem enquanto ser estético é permeado de sensações. Sensações estas que provem de uma série acontecimentos, pensamentos, sonhos, seres e também objetos. Isso significa dizer que não existe uma imagem apenas, quando nos referimos a alguma, mas sim que toda e qualquer imagem tem no seu núcleo o sujeito que está imaginando. Fazemos com que nós mesmos, talvez a partir de nossos desejos mais íntimos, estejamos refletidos e incluídos em cada imagem existente. É a partir desse momento que podemos falar do conceito de intimidade e afetividade.

Se somos nós que estamos transpostos em uma imagem, isso demonstra que a imagem somos nós, criação nossa a partir do que sentimos, pensamos sonhamos,

acordados ou não, conscientemente ou não. Tal abordagem nos faz refletir que toda a imaginação, todo o processo imaginário, onírico é íntimo. Mas o que seria a intimidade? Talvez pela intimidade ser algo tão íntimo que não consigamos defini-la com muita clareza. Mas podemos arriscar com o coração. Intimidade é algo que vem de dentro, que se refere a algo secreto, escondido, como se fosse uma essência de nós, será a alma ou o espírito, que só é mostrada ou entregue a poucos e aos poucos. Porém essa entrega não precisa de requisitos nítidos, na verdade a intimidade está no mundo abstrato, afinal a esta não fala com a razão, mas com o coração. Você pode ter irmãos de sangue, pai e mãe que moram com você há 40 anos e mesmo com todo esse tempo de convivência pode não ter intimidade alguma. E com alguém que você nem conhece direito, talvez até alguém do mundo virtual, para quem nunca teve um momento de olho no olho, um toque na mão, um abraço se quer, sinta-se tão à vontade a ponto de se entregar nos seus anseios, desejos, expectativas e sentimentos.

Percebemos então, que as imagens estão impregnadas de intimidade porque as imagens são os reflexos do nosso ser. E nessa mesma vertente podemos nos referir à afetividade, que também faz parte do mundo abstrato, dos sentimentos e como a intimidade não tem requisitos para acontecer, ela simplesmente é um estado psicológico que nos permite demonstrar nossos sentimentos de carinho a algo ou a alguém.

Essas reflexões remeteram-me as coisas das casas, que são o que são do ponto de vista de qualquer um, mas quando a nós pertence, queremos transformá-la, deixando a ver conosco. Acredito que a transformação não seja num processo consciente, visto que é um processo subjetivo de dentro para fora. Talvez esse movimento de transformar seja a imaginação ativa. Se for, é dela que vem o poder de transformar objetos, casas, sentimentos, relacionamentos e até mesmo realidades.

É uma atividade da oposição onde o espaço inicialmente “contra” e hostil, se torna um espaço íntimo e acolhedor. Estes são processos de extroversão e introversão. Ou seja, as imagens se prendem à intimidade da matéria e também a uma imaginação da hostilidade da matéria.

Toda matéria imaginada torna-se imagem de uma intimidade porque oculta sempre. Talvez por esta acontecer de forma dinâmica, contém sempre um mistério. Mas o que isso tem a ver com a casa? Quer dizer que tudo nas relações da casa

são misteriosas por estarem imersas à intimidade? O que sei neste momento é que as imagens, através da substância material, trazem um valor que transcendendo a imagem material, trazem uma sensação.

Comecei agora a lembrar das louças da casa minha avó. Engraçado como aquela pequena cozinha, aquele pequeno armário aéreo, com vários ganchinhos dentro, onde as xícaras brancas com pequenas florzinhas amarelas, penduradas, me encantavam. Talvez por serem apenas usadas em ocasiões mais especiais, criavam em mim imagens de momentos felizes e de festejo. À medida que damos um valor a uma substância material, esta acaba por nos trazer sensações.

Há três noites sonhei com minha avó. Foi um sonho dormindo. Sempre sonho com meus avós dentro da casa deles, assim, revejo peças, móveis e sensações vividas na casa. Mesmo que no sonho eu tivesse a idade que tenho, ou seja, num tempo bem diferente, as peças da casa e a casa eram as mesmas de antes. Para exemplificar, o valor que damos, mesmo que inconscientemente, a uma substância material, relato uma cena do sonho. Foi no quarto da televisão, onde havia uma cama de lençol azul celeste, eu tentava arrumá-la. Existia uma poltrona verde garrafa que minha vó sempre sentava para assistir à televisão e ela ali estava, um pouco diferente na aparência, sentada. Eu, de repente, acho um guardanapo de papel sobre a cama e ao observá-lo vejo que se trata da estampa da louça branca de florzinhas amarelas, me emociono e começo a chorar. Ajoelho-me em frente a minha avó e a abraço, digo que a amo muito, muito, em meio ao choro.

Para a visão de qualquer um, isso seria uma tolice, chorar de emoção em função de uma estampa, mas baseando-se na filosofia de Gaston Bachelard, a estampa do guardanapo de papel, sendo igual a louça, trouxe-me emoções íntimas, de dentro, ou seja, trouxe-me o resgate da afetividade, como diz o autor: enraizado nas camadas mais profundas do inconsciente. Interesse? A volta à casa dos meus avós, vi porta do jardim de inverno que era a mesma. Aquilo era memória ou o que? Na verdade, eu sonhei durante a noite e quando acordei comecei a lembrar da casa deles, especialmente da porta do jardim de inverno. Sabe por quê? Eu visitei essa casa e apesar dela estar completamente distinta, era tudo diferente da casa da minha infância, ainda mantinha as duas mesmas portas: a do jardim de inverno e a porta do pátio. E o corredor. Eram as únicas coisas que mantinham meu resgate com aquele tempo. Na fachada, ela está igual, mas é no seu interior e na intimidade do meu interior que nos encontramos.

Quando leio uma frase de Gaston Bachelard, que diz: “Tudo é concha...sou matéria mole que vem procurar proteção”, emerge em mim uma constelação de imagens e me prepara para a reflexão.

Ao ler tal fragmento, é possível refletir sobre o que somos, sobre o que o autor quer dizer sobre a matéria mole que procura estrutura rígida para se proteger. Logo veio-me a essência de uma mulher que mesmo hoje, sendo moderna, independente, mostrando-se talvez, mais endurecida, ainda guarda em si uma essência amolecida, sinuosa, sensível. E que mesmo com todas as conquistas já adquiridas, possui uma imagem constante, “paredes endurecidas”. Essas poderiam ser o corpo de alguém ou ainda mesmo uma casa, ou a imagem de família dentro de um espaço íntimo, pois isso trará a ela a proteção, conforto, apoio, amor. Acredito que muito do interior feminino procura proteção em formas duras, bem como a consciência de estar protegido. Salientamos outro aspecto, a mulher busca, incansavelmente, no seu interior proteção, bem como dar proteção a partir da maternidade, por exemplo. As imagens que a maternidade traz ao universo feminino é uma viagem ao âmago do seu próprio ser, tão especial e criativo que dá vida a outra criatura e, a partir desse momento, transforma-se em concha para o novo.

De repente um *insight!!* Porém, segundo meu orientador, no território da imaginação criadora não existe insight, mas a emergência de uma imagem em potencial, que levou 2 anos para emergir na esfera da minha consciência.

Estranhamente, por acreditar que eu era uma pessoa com facilidade para refletir, filosofar, imaginar, “viajar” no universo dos sons, dos cheiros, das sensações, das palavras, especialmente por ser graduada em letras e me identificar com a Literatura. Por ter uma relação consistente com os livros, poetas, e toda a interpretação necessária das poesias e sentimentos que cada autor ou eu - lírico desprendia ou ocultava em cada verso ou estrofe de sua produção.

Surpreendentemente, por desenvolver textos, e mais reflexões, e mais discussões sobre o que os poetas sentiam, queriam dizer ou, ao menos, o que pensávamos que eles queriam dizer a partir da época em que viviam, das suas características pessoais, como cor da pele, situação financeira, idade, família, formação intelectual. Maravilhosamente vi que minha facilidade em divagar, que ao menos eu tinha na Literatura, se esvaia quando meu orientador me falava na importância de que eu comesse a devanear. De alegre fiquei triste porque achei que sabia e devanear foi se transformando em minha maior dificuldade.

Quando conheci as palavras do Professor Victor Hugo Rodrigues, passei a me confundir, passei a não entender muito. Ele então, reexplicava e as coisas pareciam fazer um pouco mais de sentido e eu então dizia: Hum, estou entendendo. Mas enquanto ele ia explicando mais, eu ouvia a minha voz dentro da minha cabeça dizendo: Que mundo é esse? Nossa, ele está errado. Que viagem. O professor é gente boa, mas com todo o respeito, é maluco.

Então, para que eu refletisse e entendesse melhor os pedidos que ele me fazia, como: Só imagina e escreve! Pediu que eu fizesse algumas leituras de Gaston Bachelard, filósofo do qual parecia ser um seguidor. Professor pediu e assim eu fiz. Já nas primeiras leituras, nas primeiras páginas percebi que se eu me sentia confusa com o professor, com Bachelard, desnorteei-me. Não entendia mais nada. Era como se estivéssemos em planos de existência distintos, e aquela segurança que eu tinha em interpretar bem as palavras, foi por água a baixo.

E assim passei por quase todo o processo de produção da Dissertação, entendendo nada. E pior que não entender era não conseguir fazer as relações com a pesquisa que estava desenvolvendo sobre o universo das casas, enquanto um espaço de moradia, imersa nos conceitos da Educação Estética Ambiental.

As crises foram muitas durante o processo de escrita. Muitos momentos de desânimos, desencantos, até impotência, cada vez que me deparava com a teoria de Bachelard e do Prof. Victor Hugo. E muitos momentos de alegrias, encantos, carinho e emoções, com a pesquisa de campo. Uma situação extrema, barroca, de grandes contrastes entre a prática e a teoria. A cada relato que dava sobre coisas que vivia, via, ou até lembranças que aconteceram num passado real, o professor Victor me dizia: *Isso é imaginação!* Com uma voz eufórica e um sorriso imenso. E completava: *Tudo é imaginação!* Falava num tom feliz da vida.

E eu perdida de mim. E até às vezes meio brava retrucava: Não é imaginação, eu vivi isso! E aí o processo estagnava. Meu orientador falava uma língua e eu outra.

Até que numa manhã, em outra casa que não a minha, sentada à mesa, frente a um belo jardim com árvores, flores e duas borboletas, uma grande e amarela e outra pequena e laranja, voando para lá e para cá, como se estivessem dançando, ingenuamente roubaram minha atenção.

Eu, então, frente ao meu notebook, tentando refletir sobre tópicos que tinha escrito sobre minhas percepções a partir das leituras de Bachelard, refletindo sobre

a intimidade e a afetividade, entendi, não mais que de repente, que tudo é imaginação! Peguei o livro de Bachelard, reli sobre a parte da qual tinha escrito o tópico e estava ali, tudo é imaginação nossa. Como que num passe de mágica, mudei de plano existencial, ou melhor dizendo, intelectual. Isso não significa dizer que entendo tudo que Bachelard ou Prof. Victor Hugo dizem, mas entendo o que são as imagens e que aquilo que nos rodeia é imaginação. E salve a imaginação!

Sendo assim, a casa não é diferente, ela também é imaginação. Estranhamente, nesse momento posso afirmar isso. Obviamente não de maneira radical. Afinal, uma casa tem paredes, tem porta, substâncias materiais que comprovam sua existência real e não apenas ser mera imaginação. Ahhhh, ainda o meu ranço racional!

No entanto, estamos tentando fazer uma leitura das casas de Rio Grande também de outra maneira, de uma maneira mais estética, subjetiva, íntima. Cada casa que visitei, que interagi, que vivenciei e pesquisei é fruto da imaginação do seu proprietário, e parte dela e da percepção das mesmas, frutos da minha imaginação.

Isso acontece devido à filosofia de Bachelard, que mostra que inconscientemente buscamos transformar as coisas de acordo com as nossas percepções a partir da intimidade e da afetividade. Cada proprietário imaginou sua moradia e me deu recursos a mais para imaginar as casas deles e a minha.

Contudo, seguindo a filosofia de Bachelard, as casas atualmente, perderam a sua dimensão antiga, pois possuíam sótão (espaço claro por excelência que ficava na parte de cima da casa), porão (espaço escuro, que ficava na parte de baixo da casa) e o térreo (espaço intermediário entre o porão e o sótão). Hoje na sua maioria as casas são limitadas em seu poder de despertar imaginação criadora de seus moradores, pois tem somente um andar, no máximo dois. Imaginariamente estão desprovidas de porão e sótão, como seus habitantes.

Isto leva a que seus moradores no interior de suas almas esqueçam que dentro de si também há um porão e um sótão, quer dizer, uma parte clara consciente acessível, e uma parte escura inconsciente, aterradora, nebulosa, que temos medo de descer até lá.

Bachelard na *Chama de uma vela*, diz que não se desce no porão com a luz acesa, mas com uma candeia, quer dizer, a cada imagem iluminada se criam sombras. Isso, por si só, nos faz lembrar nossas brincadeiras de criança quando faltava luz e brincávamos de criar objetos e bichos com as sobras proporcionadas

pela luz das velas acendidas por nossos pais e avós. Quanta arte, no sentido de arteiro, é possível de ser realizada no interior de uma casa dos sonhos ou de uma casa imaginada que vive tão somente na nossa imaginação?

Bachelard em sua teoria fala sobre os processos de introversão e extroversão em um indivíduo. Esses processos nada mais são do que os movimentos entre o interno e o externo do homem, o dentro e o fora. O dentro, poderíamos tentar definir enquanto o espaço mais profundo e íntimo do ser, seus sentimentos, suas profundezas. Um espaço de mistério, de tão mistério que mesmo dentro de nós mesmo não sabemos a totalidade do está lá.

Fiz esse exercício comigo. Acredito que o pesquisador é um pouco cobaia da pesquisa. Afinal, surge uma ideia principal de estudo, mas nem nós mesmos temos com clareza como tudo será, quais serão os caminhos, quem serão os envolvidos e quanto do pesquisador será necessário para descobrir, não digo o objeto de pesquisa, porque agora me parece pouca coisa tal expressão, mas a essência, a alma da pesquisa. Durante os anos de mestrado, tive que fazer uma viagem, não aquela tradicional, na qual pegamos a mala e enchemos de coisas. Roupas bonitas para sair, leves para quando estiver calor, casacos para quando estiver frio, perfume para enfeitar, maquiagem para encantar e brincos para enfeitar. E mais uma meia-dúzia de coisas que, certamente, não vamos usar, mas que levamos, pois nos trarão segurança, como mais 3 blusas, mais 2 casacos, as roupas novas ainda com etiquetas que até agora não nos animamos a usar, mas que talvez lá, no lugar de destino usemos. E mais uns três pares de sapatos, além dos quatro selecionados anteriormente, um biquíni caso haja uma praia ou piscina e umas meias grossinhas caso faça muito frio na noite. Ah, como não levar a roupa de chuva, sim, pois pode chover. Então, levar o agasalho de tecido impermeável para quando estiver na rua e também aquela calça bem confortável para ficar em casa, enquanto a chuva cai fria lá fora. Obviamente isso não é tudo, ainda temos as bolsas, e todas as *necessaires* com xampu, cremes, protetor solar, lenços e chapéus.

A viagem a qual me refiro, a que tive que fazer, foi exatamente o oposto dessa, pois para onde eu ia era preciso não levar mala, não levar roupas, nem sapatos, nem chapéus. Cremes, perfumes, maquiagem poderiam só atrapalhar e camuflar nuances do percurso, Teria que ir sem a meia-dúzia de coisas que me trariam segurança, sem a meia grossinha para frio, a calça confortável para ficar em casa ou qualquer acessório para me sentir mais bonita. Nessa viagem, passar frio

ou calor era normal. Não havia preparação para as aventuras que o lugar de destino poderia oferecer, a questão era simplesmente viajar.

E assim aconteceu, viajei. Viajei para dentro e mesmo sem levar minha mala de roupas, percebi que levava muita coisa comigo. Coisas essas que foram ficando pesadas de carregar ao longo do caminho e que, por isso, precisei ir abandonando. Talvez a primeira de todas as coisas que senti necessidade de abandonar tenha sido a impaciência. Sim, pois precisava chegar logo para onde estava indo e parecia que nunca chegava, nunca chegava, sendo assim, deixei em algum lugar do caminho aquela impaciência. Também tive de deixar o desânimo e a preguiça. Desanimava-me pela demora, então parava e descansava um pouquinho. No entanto, ao reiniciar a caminhada, vinha uma preguiça de continuar porque não sabia ao certo se um dia eu iria chegar para onde estava indo. Mas como a viagem tinha que ser feita de qualquer maneira, deixei para traz toda a preguiça e todo o desânimo.

À medida que me distanciava do ponto de partida, parecia que o trajeto ia ficando mais estreito e um pouco mais escuro também, e o silêncio ia aos poucos predominando, exatamente como se estivéssemos descendo a escada do porão de uma casa, no qual não temos ideia do que iremos encontrar, apenas que são coisas velhas, guardadas, significativas, afinal, por qual razão estariam lá até hoje? Então, enquanto descia as escadas do porão, ou melhor dizendo, enquanto seguia o passo de minha viagem, percebi que precisava deixar de lado o medo e a insegurança, pois com esses sentimentos ficamos um pouco cegos, surdos e mudos, não nos permitindo vivenciar com paixão aquilo que podemos e devemos vivenciar. E o tempo da viagem foi passando, uma viagem de mais de dois anos.

O medo e a insegurança foram os sentimentos mais difíceis da minha caminhada, e como se não bastasse, há uma solidão permanente em todo esse processo, uma nudez, que encabula e nos fragiliza, na qual só você está ali, só, desprovido de tudo e todos. Sim, um corpo nu, mais nu que uma casa vazia, e entregue, totalmente entregue ao que virá. Continuei caminhando, descendo a escada, me despindo do medo, da insegurança, da racionalidade, e de tudo que pudesse tirar a pureza desse aprofundamento em mim. Mas para que tudo isso? Para que descer no porão? Pare que se despir? Para que abandonar o medo se tê-lo também é saudável? Para que todo esse trajeto de anos, de angústias e incertezas? Tudo isso para nem saber para onde se está indo ao certo ou se ao

menos chegaremos perto? Ora, ora minha cara razão, respondo-te essa questão, neste momento sem medo e com segurança, tudo isso, e mais muito mais que isso, simplesmente por um motivo: sentir!

Como falar, pesquisar casas e vidas sem sentir? Sem experimentar primeiramente os sentimentos que estão em mim, para reconhecer as percepções que terei daqueles que conhecerei dentro de suas conchas? Sim, minha cara razão, posso analisar todas as casas e pessoas que quiser utilizando você, senhora dona da verdade, bem como analisar, conceituar e falar sobre índices e números. Mas é uma opção que se faz em algum momento de nossa vida: ou apenas damos ouvidos a você, razão, e tudo é objetivo; ou damos ouvido a outros aspectos, como o sentimento, valorizando o subjetivo.

Na pesquisa que fiz, fiz minha opção: usar você, razão, por dois anos, mas estava aberta à viagem, estava no meio da viagem, me despindo, me conhecendo, me sentindo apenas com as emoções das imagens que repentinamente surgiam em mim. E por tal motivo, informo-te agora que minha opção é manter você comigo, mas também fazer uma releitura de tudo que juntas fizemos, com companhia verdadeira da imaginação. E assim fiz e faço minha pesquisa a cada dia, na companhia da razão e da imaginação, ampliando o campo de estudo, trazendo a Educação Estética Ambiental e a Ecologia Onírica para perto de casa, para dentro de casa, para dentro da gente, da nossa vida.

Esse foi o movimento de introversão que fiz, segundo a teoria que Gaston Bachelard. No meio dessa confusão de sentimentos foi possível reconhecer que nós estamos em tudo que fazemos, falamos, interpretamos e em tudo que percebemos. E que nossas memórias e lembranças somos nós mesmos, ou seja, nossas lembranças e memórias são nossa imaginação ou a imaginação de alguém já trabalhada para então, dessa, termos a nossa.

Usemos como exemplo um relato de um acontecimento passado. Quem relata está falando sobre as imagens que teve daquele acontecimento, impressões, suas percepções, e não necessariamente irá relatar exatamente o que aconteceu realmente, se compararmos com o relato de um terceiro sobre o mesmo acontecimento. Esse terceiro pode relatar o fato com cores, cheiros, texturas, com maior tempo cronológico, pode acrescentar emoção, suspense entre outros aspectos. E qual é o relato verdadeiro? Os dois ou nenhum. Provavelmente o relato verdadeiro será aquele que te tocará o coração, mas para isso você já transportou o

seu eu para o relato, de modo que ele fica a ver com você, e então, ele já é imaginação tua.

Talvez um exemplo, digamos até banal, mas que poderia aclarar um pouco mais a fenomenologia das imagens de Bachelard, é quando ouvimos um comentário sem querer e achamos que estavam falando da gente. Por exemplo, na sala da porta de aula um professor comenta com outro: Nossa, mas ele sempre chega atrasado. E o outro comenta: Mas comigo é a mesma coisa. Acho que teremos que fazer algo a respeito. Vamos falar com a direção da escola. Se ao ouvir essa mensagem, e você realmente se atrasa no dia-a-dia, logo se transportará para a substância da matéria que neste caso seria a conversa, e concluirá que os professores comentavam de seu atraso e que tal situação seria encaminhada para a direção da escola. A partir das percepções daquele aluno, ele criou a imagem de problema futuro com a direção da escola, quando na verdade, os professores estavam falando do atraso salarial e que isso era caso para direção escolar resolver.

Há muito tempo minha mãe contou uma história que havia lido em algum lugar e achou interessante. Esta história, de certa forma, exemplifica a filosofia onírica de Bachelard, pois mostra o poder que as imagens têm se o homem se permitir tê-las.

Contarei resumidamente, pois realmente não lembro detalhes ou mesmo autor. A história ocorria num quarto de hospital. Nele havia alguns senhores internados, nenhum deles podia sair da cama e havia apenas uma janela no recinto por onde o senhor da cama enfrente a ela narrava para os companheiros tudo que ocorre do lado de fora do quarto. Ele então narrava a beleza do dia, de um sol radiante perdido em um céu azul, nuvens branquinhas e fofas como tufo de algodão. Generosamente, o senhor narrava com todos os detalhes possíveis aquilo que avistava, por ser o único de tinha a visão ao alcance do lado de fora da janela. Ele então narrava que dali podia avistar uma praçinha onde crianças de várias conviviam diariamente. Brincavam, cantavam, faziam brincadeiras de roda cheias de sorrisos. Narrava sobre alguns jovens apaixonados que por vezes sentavam nos bancos ou brinquedos da praçinha, para conversar, discutir e beijar. E assim ele fazia, todos os dias, e sua narração era a alegria daqueles enfermos, estes esperavam ansiosamente por aquelas palavras simples, mas que acolhiam. Ora os fazia até chorar de emoção, oras trazia adrenalina, quando narrava alguma confusão, briga na rua.

No entanto, um daqueles senhores do quarto não estava satisfeito, na verdade, se achava injustiçado por não poder ficar perto da janela e apreciar todas as cenas que aquele outro enfermo via. E assim, todo dia ele resmungava querendo o lugar da janela. Até que certo dia o paciente que narrava às cenas precisou ser trocado de quartos, para a tristeza da maioria dos companheiros que gostavam do amigo e da forma que as cenas eram narradas por ele, menos daquele senhor que resmungava pela cama da janela todos os dias. Este se sentiu feliz, pois teria a chance de ficar na cama em frente a janela e se distrair com os acontecimentos da rua. Sendo assim, por insistência ele foi colocado na cama da janela, e sorrindo, excitado em poder ver a rua, olhou pela janela e no mesmo momento seu sorriso se desfez. Não havia nada, não havia crianças, estudantes, nem beijos e abraços, não havia céu, nem sol, nem nuvens, tudo o que se podia ver ao olhar pela janela era um alto muro cinza.

O senhor generoso, que ficava na cama em frente à janela, simplesmente devaneava, criava imagens, se permitia sonhar e com isso todos os outros, a partir de suas percepções, também devaneavam. E qual era a verdade para eles, um muro ou as cenas narradas? Obviamente as cenas narradas que foram sentidas com o coração.

A fenomenologia das imagens de Bachelard nos abre espaço para refletir como são as nossas imagens ou como anda a nossa imaginação, visto que tudo que nos rodeia é imaginação ou ainda que tudo somos nós, transportados na matéria. Vejamos um professor, como anda a sua aula? Como você a vê e a cria? Quais são as imagens que emergem quando discute determinado tema? Vale a pena tais reflexões porque a maneira que você aborda o tema, as escolhas dos questionamentos para os alunos, bem como o enfoque dado, é você. É a sua imaginação a partir das percepções que você tem do assunto. Isso reforça o poder que ser humano tem transformar qualquer situação, se assim quiser, pois tudo é ele. Claro, que esse despertar não ocorre de uma hora para outra, apenas não foi assim que aconteceu comigo enquanto pesquisadora. Foi preciso fazer aquela viagem citada anteriormente, sem bagagem a caminho do lugar para onde você está indo. Caminho desconhecido, mas feliz, enriquecedor.

Por uma motivação pessoal e uma preocupação social, esta pesquisa foi desenvolvida. A cada nova ideia, nova leitura, a cada emoção, nascia um desejo mais forte pela investigação de casas, lugares específicos dotados de características

e peculiaridades únicas. Se há no município do Rio Grande, por exemplo, 100 mil casas, serão 100 mil lugares totalmente diferentes um dos outros, mesmo que tenham a mesma cor e a mesma arquitetura.

Uma residência é dotada de encantos, imagens, histórias, memórias e vivências por todos os cantos. Cada objeto pode e deve ter algum significado dentro daquela morada, por isso está lá. E mais do que lugares e objetos, as casas são recheadas de pessoas cujas personalidades moldam e são moldadas pelas relações interpessoais e com os ambientes. Cada casa com seus respectivos moradores formam a cidade e a sociedade, por isso a preocupação social e ambiental. Fez-se necessário então, investigar microesferas como a morada, para entendermos melhor esferas mais amplas, como a sociedade.

Sendo assim, a pesquisa que ocorreu no Município do Rio Grande, investigando qualitativamente e a partir da fenomenologia das imagens seis residências entre as regiões urbanas, rurais e balneário, verificou e percebeu qual o significado das casas na vida dos seus moradores. Levando em consideração os mais variados aspectos dentro da relação homem/ambiente, ou seja, morador/morada, a partir da averiguação de gostos, desgostos, sonhos felizes, sentimentos, intimidade, preferências, privacidade, pertencimento, felicidade e qualidade de vida.

A Educação Ambiental foi a precursora de todo o debate da pesquisa, pois dela vem a preocupação social/ambiental que motiva este tema. E a Educação Estética Ambiental e a Ecologia Onírica trouxeram seus fundamentos subjetivos e sensíveis sem os quais não conseguiríamos dar a sutileza e delicadeza deste trabalho. E de forma a completar o estudo fez-se presente a Psicologia Ambiental, que aprofunda a avaliação das relações entre o homem e os espaços.

Fazer esta pesquisa começou por um estudo pessoal sobre as casas da minha vida e como eram as relações das pessoas com elas, para traduzir todo o significado, afetividade e apego que tenho por elas. Só após então, passei a ter contato com as 6 casas da pesquisa. Primeiramente através da coleta de dados a partir de um extenso e pessoal questionário; posteriormente, para fazer registros fotográficos e filmagens dos moradores apresentando suas moradas. Já no primeiro contato com os moradores foi possível verificar a abertura deles em relação à pesquisa. Alguns mais entregues outros mais resistentes.

Pelo tema da pesquisa ter uma veia tão pessoal, pois minha referência de casa feliz, ideal é a casa dos meus avós, Alva e José, hoje já falecidos, e por fazer esse movimento de estudar a casa a partir das casas que me acompanharam desde a infância, como a casa deles, percebi a necessidade de voltar à casa do passado. Sendo assim, busquei novamente a casa dos meus avós, hoje desmembrada em duas, e conheci seus moradores, contei histórias e fiz registros. Foram momentos bem alegres e emocionantes, fazer uma pesquisa em Educação Ambiental, investigando casas íntimas para mim, porém completamente diferentes. Aquela casa que conheci e amei, não existe mais, apenas na minha memória. Porém, duas novas casas nasceram, com novas histórias e sentimentos.

A partir da percepção dessas duas casas como das demais, averigui que todos os moradores percebem a importância das relações dentro de casa como um reflexo das relações na rua, na sociedade em si. E que a casa para eles possuem significados bem claros como os de abrigo, proteção, liberdade, harmonia, felicidade e aconchego. Também se percebeu que realmente a casa expressa o modo como as pessoas pensam, sentem e sua maneira de ver a vida. Ficou nítido que dependendo do momento o qual estamos passando a casa acaba transformando-se acompanhando as mudanças do dono.

Felizmente, todos os entrevistados declararam ter uma boa relação com a casa, acreditando na interferência das cores no clima da residência, apontando com sinceridade aspectos positivos e negativos, mas mostrando-se felizes e pertencentes àquele ambiente. Alguns, inclusive, salientaram que trocariam de residência, mas não pela casa em si, mas devido ao que rodeia a morada, seja por características da rua ou bairro. Outros, aliás, mostram-se pertencentes tanto a casa, dita como ideal e sonho construído, como também pela rua ou bairro, que são maravilhosos ou oferecem belas paisagens. Os atores da pesquisa também relacionaram a qualidade de vida com as relações vividas dentro de casa, pois cada atitude ou sentimento respinga nestas relações interferindo na qualidade física e emocional dos que convivem.

Apesar de se tratar de moradas diferentes entre casas, sobrados e apartamento; de áreas diferentes, entre urbano, rural e praiana; de bairros diferentes, entre Centro, Cidade Nova, Vila Santinho, Cassino e Bolaxa, de pessoas de idades distintas, entre 83 a 41; de gêneros diferentes, viúvos, casados, separando, de histórias e vivências distintas, apesar de tantas características

diferentes, em muitos momentos os moradores se parecem, especialmente quanto ao significado da casa: um lugar de harmonia, que nos abriga, protege e aconchega.

Se fossemos, portanto, analisar uma casa, não faríamos diferente. Uma casa é um dos lugares mais fascinantes do mundo. Pergunto-me: Como as pessoas que vão ler esta Dissertação vão aceitar o que fiz? Qual será a opinião deles, a percepção que terão de si mesmos depois da leitura? Será que irão olhar para suas casas da mesma maneira de antes? Será que vão se encontrar, se identificar, se sentir nelas? Caso eu consiga tocar suas almas, de certa maneira, terei conseguido meu propósito, qual seja, formar multiplicadores de Educação Ambiental.

7. FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria C. L.; BASSANI, Marlise A. **Psicologia Ambiental como área de investigação da inter-relação pessoa ambiente**. Disponível em: <legacy.unifacef.com.br/.../Marlise%20e%20Maria%20Cherubina.pdf> Acesso em: março, 2010.

AMBER, Reuben. **Cromoterapia: a cura através das cores**. São Paulo: Cultrix, 1995.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTABURU, Xavier. **Revista Viver Bem**, janeiro de 2007. Pagina 98

BASSANI, Marlise A. **Psicologia Ambiental: Contribuições para a Educação Ambiental**. In: HAMMES, Valéria S. (Org.). **Educação Ambiental para Desenvolvimento Sustentável – Proposta Metodológica de Macroeducação**. São Paulo, 2004. v.2, p. 153-157.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOMFIM, Zulmira A.C. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

BONTEMPO, Márcio. **Medicina natural**. São Paulo; nova cultural/circulo do livro, 1992.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

CLARET, Martin. **O poder da cromoterapia**. São Paulo: Cromosete gráfica e editora, 1998.

CORRÊA, Márcia L. T. **Psicologia Ambiental num Hospital Infantil: uma análise comportamental enfatizando qualidade de vida e bem-estar.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUC/SP, São Paulo, 2006.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. **Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora.** Revista Brasileira de História. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, vol. 13, nº 25/26, pp. 97-103, set. 1992/ago. 1993.

DUARTE JR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação.** 2. ed. Campinas,SP: Papirus, 1988.

_____. **Os sentidos dos sentidos: educação dos sentidos (do) sensível.** Curitiba: Criar Edições, 2006.

ESTÉVEZ, Pablo René. **A educação estética: experiências da escola cubana.** São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

EVANS, G. **The importance of the physical environment.** Psicologia USP, 16(1/2), 47-52, 2005.

FERREIRA, Marcos R. **Produção e conhecimento sobre degradação ambiental: uma incursão na Psicologia Ambiental.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

FIAMENGHI, Geraldo. **Conversas dos bebês.** São Paulo: Hucitec, 1999.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia** (4 ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GIFFORD, Robert. **Environmental Psychology. Principles and practice.** 3. ed. Boston: Optimal Books, 2002.

GODOY, Arilda S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades,** In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar/Abr. 1995, p.57-63.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias.** Campinas/SP: Papirus, 1999

_____. **Coasmose.** Um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

GÜNTHER, Hartmut. **Environmental psychology in the interdisciplinary field of knowledge**. Psicol. USP, São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 179-183, 2005.

JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189/-205, março/ 2003

LEE, Terence. **Psicologia e ambiente**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977.

LOPES, Allan. <http://www.geobiologia.com.br/geobiologia/geobiologia/geobiologia/> 2011

_____. <http://allanlopes.webnode.com/casa-saudavel/2011>

LOUREIRO, Carlos. **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

_____. **Cidadania e Ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003.

MARIN, Andreia A. **A educação ambiental nos caminhos da sensibilidade estética**. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/1260> Acesso em: outubro de 2011.

MOLES. Abraham. **Teoria da informação e percepção estética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1969.

MORAES, Vinicius. **Música A casa**. Disponível em <www.antoniomiranda.com.br/poesia_infantil/vinicius_de_moraes> Acesso em: maio de 2012

MOSER, G. **People, places and sustainability: an agenda for the future**. In G. Moser, E. Pol, Y. Bernard, M. Bonnes, J. Corraliza & V. Giuliani (Orgs.), 2002.

PARENTE, Alessandra Affortunati Martins. **A casa e o holding: conversas entre BachelardeWinnicott**. http://www.centrowinnicott.com.br/arquivos/Alessandra_Parente.pdf

_____. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=1517-243020090001&script=sci_issuetoc

PELAEZ DE CAMPOS, Neide. **A construção de um Olhar Estético-Crítico do Educador**. Florianópolis: UFSC, 2002.

PEREIRA, Luiza. **O sentido de pertencimento nas relações pedagógicas: um olhar voltado à experiências dos professores**. Disponível em: < www.cidadesp.edu.br/old/mestrado_educacao/dissertacoes/2007 > Acesso em: maio de 2011

PINHEIRO, José Q. **Psicologia Ambiental: em busca de um ambiente melhor**. Estudos de Psicologia, Natal, v.2, n.2, 1997. p.377-398

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymar, 2009

PPGEA. http://www.educacaoambiental.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=473&Itemid=72&lang=pt

REIGOTA, Marcos. **Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **O que é Educação Ambiental?** 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2009 [Coleção Primeiros Passos nº 292]

SAUVÉ, Lucie. **Educação Ambiental: possibilidades e limitações**. Caderno Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005

SORRENTINO, M. **De Tbilisi a Tessaloniki, a educação ambiental no Brasil**. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). Educação, ambiente e cidadania: reflexões e experiências. São Paulo: SMA. 1998. p.27-32.

ANEXOS



PESQUISADORA AMBIENTAL FERNANDA TURNES EDOM
PESQUISA SOBRE O AMBIENTE (CASA) E O HOMEM.

<p>*Nome: _____</p> <p>Idade: _____ Sexo: (F) (M) Cidade: _____</p> <p>Bairro: _____ Escolaridade: _____</p> <p>Profissão: _____</p> <p>Média salarial: (até um salário mínimo) (até 3 salários) (até 5 salários) (mais de 5 salários)</p>

1. Você é : () solteiro () casado () divorciado () viúvo
2. Você mora em: () casa () sobrado () apartamento
3. Você mora : () na praia () na cidade () no campo () outro lugar _____
4. Você mora: () sozinho () com outras pessoas. Quantas pessoas? _____
5. Quem são as pessoas que moram com você? () cônjuge () cônjuge e filhos () amigos () outros _____
6. Há quanto tempo você reside no local? _____
7. Quanto tempo em média você fica na sua casa? _____
8. Quanto tempo em média os outros moradores ficam em casa? _____

9. Quantas peças têm a sua casa? Você a considera pequena, média ou grande? _____

10. Qual a cor das paredes? Você acredita que a cor delas pode interferir no clima da casa? Gostaria de mudá-las? Por quê? _____

11. Como é a fachada da sua casa? Qual sua cor? Qual seu estado de preservação? _____

12. O que você sente ao olhar para a fachada de sua casa? Por quê? _____

13. Você tem animais de estimação? Você percebe a interferência deles no dia-a-dia da casa, nas relações pessoais e na relação com o meio? () Sim. () Não. Por quê?

14. Sua casa tem quintal ou jardim? () Sim. Eles são utilizados? Para que funções?
() Não. Você gostaria de ter? Por quê?

15. Qual ou quais as sensações que você sente ao entrar em casa? Por quê? _____

16. Quais são os locais da casa que você mais aprecia (em ordem decrescente)? Por quê?

1º local: _____

2º local: _____

3º local: _____

17. Esse local é o que você mais frequenta? Por quê? Ou qual é o local mais frequentado por você? _____

18. Quais os locais da casa que você menos aprecia, menos frequenta, ou não gosta? Por quê?

1º local: _____

2º local: _____

3º local: _____

19. Qual a parte da casa mais frequentada por toda a família? Por quê? _____

20. Há muitos aparelhos eletrônicos como som, televisão e computador por sua casa?

() Sim. () Não.

Você percebe a interferência deles, positiva ou negativamente, na relação familiar?

() Sim () Não Como você percebe?

21. Qual é o ritmo de vida das pessoas da casa? Vocês fazem as refeições juntos e se encontram bastante ou não? _____

22. Você reconhece na sua casa, seja o ritmo, o clima, as relações pessoais, ou alguma característica de alguma casa do seu passado (casa que nasceu, dos avós, ou qualquer outra casa que tenha significado para você)? () Sim () Não. Fale sobre isso.

23. Você reconhece na sua casa objetos que fazem parte do teu passado ou do passado de outra pessoa?

() Sim () Não. Por que tal objeto se encontra nela?

24. O que você mais gosta, seja na estrutura, decoração ou nas relações pessoais, da casa? _____

25. O que você não gosta ou o que sente falta na casa, seja na estrutura, decoração ou nas relações pessoais? _____

26. Quais seriam as melhores palavras para descrever a sua casa (no ponto de vista que você desejar)? Por quê? _____

27. Você se sente abrigado, confortado na sua casa? Você tem espaço para você, privacidade, intimidade, compreensão da forma que você precisa? Por quê? _____

28. Quais são as suas atitudes para transformar a sua casa no ideal de casa sonhado para você? _____

29. Se você pudesse, trocaria de casa? () Sim. () Não. Por qual tipo de casa? Por quê?

30. No acredita que sua casa pode interferir na sua personalidade, nas suas atitudes? () Sim. (...)Não. Como você percebe isso? _____

31. Você é 100% feliz dentro dessa casa? () Sim. Por quê? Quem mora com você sabe disso? Por quê?
() Não. Por quê? O que ou quem está faltando para você ser 100% feliz? Quem mora com você sabe disso? Por quê? _____

32. De zero a dez, qual o valor que a casa tem na sua vida? _____
Você acredita que o lugar é fundamental na qualidade de vida física e emocional de alguém ou que o lugar é apenas um espaço que não interfere na qualidade e felicidade de vida do indivíduo? No dia-a-dia você leva esse aspecto em consideração? _____

33. Como você vê a sua casa? _____

34. Você a considera um patrimônio? _____

35. Como é a casa dos sonhos felizes para você? _____

36. Você acredita que os aprendizados, as vivências, as formas como nos relacionamos com as pessoas dentro de casa, assim como a forma que nos relacionamos com os espaços, os móveis, os objetos, a limpeza, e preservação da mesma, tem alguma ligação com a maneira como lidamos com as pessoas, objetos e ambientes naturais e construídos, fora de casa? Por quê? _____

Autorização

Eu _____, identidade _____, CPF _____ residente e domiciliado na _____ autorizo que Fernanda Turnes Edom, 5077325966, CPF 94669678000 utilize as imagens gravadas em minha residência para uso exclusivo da pesquisa de mestrado sobre o ambiente (casa) e o homem do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande.